

---

# **FÓRUM DO CAMPO LACANIANO — SP**

**LIVRO ZERO**

revista de psicanálise

---

### **Livro Zero**

Revista de Psicanálise

É uma publicação anual do Fórum do Campo Lacaniano — São Paulo  
da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano — Brasil.  
Avenida Brasil, 2.101 — Jardim América. São Paulo, SP, Brasil.  
secretaria@campolacanianosp.com.br

COMISSÃO DE GESTÃO DO FCL-SP 2021-22

DIRETOR: Gonçalo Galvão

SECRETÁRIA: Geni Gentil

TESOUREIRA: Isabel Napolitani

COORDENAÇÃO DAS FORMAÇÕES CLÍNICAS 2022: Maria Célia Delgado de Carvalho

COORDENAÇÃO DA COMISSÃO DE CARTÉIS: Fernanda Zacharewicz

CONSELHO DO FCL-SP 2021-22

Silvana Pessoa

Beatriz Almeida

Gláucia Nagem de Souza

Ivan Ramos Estevão

Daniele Guilhermino Salfatis

Rodrigo Pacheco

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO 2021-22

Geni Gentil (COORDENADORA)

Gonçalo Galvão

Isabel Napolitani

Fernanda Zacharewicz

Leonardo Lopes

Luciana Guarreschi

Lucília Abrahão e Sousa

Silvana Pessoa

REVISORA: Aline Camargo

DIAGRAMAÇÃO: Sonia Peticov

### **CIP. — Catalogação na Publicação: Fórum do Campo Lacaniano São Paulo**

Livro Zero. Revista de Psicanálise. Transmissão e laço / Fórum do Campo Lacaniano em São Paulo / Escola de Psicanálise do Campo Lacaniano. — N° 13 (2022) — São Paulo: FCL-SP: EPCL-SP, 2022.  
208 p. ; 17x 24 cm.

Anual  
ISSN 2178-0250

1.Psicanálise 2. Psicanálise e transmissão 3. Passe 4. Fórum do Campo Lacaniano. 4.Título

CDD 150.195  
CDU 159.964.2

---

---

# SUMÁRIO

<b>EDITORIAL</b>	<b>7</b>
<b>CONFERÊNCIA DE ABERTURA</b>	<b>11</b>
PSICANÁLISE E TRANSMISSÃO <i>Dominique Fingermann</i>	<b>13</b>
<b>ESPAÇO ESCOLA</b>	<b>27</b>
CARTEL DO PASSE E TRANSMISSÃO: O QUE PASSA? VICISSITUDES DA TRANSMISSÃO NO PASSE <i>Elisabete Thamer</i>	<b>29</b>
O PASSADOR É O PASSE <i>Vera Pollo</i>	<b>36</b>
O QUE ENSINA A EXPERIÊNCIA <i>Maria Vitória Bittencourt</i>	<b>45</b>
CARTEL E PASSE DISPOSITIVOS ESTRUTURAIS DA ESCOLA DOS FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO <i>Andréa Hortélio Fernandes</i>	<b>53</b>
UMA DECISÃO INTERNACIONAL <i>Leonardo Lopes</i>	<b>63</b>
CARTEL DO PASSE E TRANSMISSÃO: O QUE PASSA? O IMPOSSÍVEL NÃO É O INEXISTENTE <i>Clarissa Metzger</i>	<b>65</b>

---

---

<b>JORNADA DE CARTÉIS + CAFÉ CARTEL + MÓDULO DE TRANSMISSÃO CARTEL</b>	<b>71</b>
O SEMINÁRIO ZERO DE LACAN: O HOMEM DOS LOBOS E REFLEXÕES ACERCA DO ESTATUTO DO PASSADO EM UMA ANÁLISE <i>Beatriz Chnaiderman</i>	<b>73</b>
TECENDO CARTEL ORIENTADO PELO REAL, ATRAVESSADO POR RARAS REALIDADES <i>Clarisa Junqueira Coimbra</i>	<b>79</b>
CON-SIDERAÇÕES ANALÍTICAS: BREVE COMENTÁRIO ÀS HOMOLOGIAS D'UM SABER NO SEMINÁRIO <i>DE UM OUTRO AO OUTRO</i> <i>Rafael Atuati</i>	<b>85</b>
HISTERIA E O FALO: A PROBLEMÁTICA DAS IDENTIFICAÇÕES <i>Antonio Henrique Ruiz Nakashima</i>	<b>91</b>
+1, QUE TREM É ESSE? <i>Viviana Venosa</i>	<b>97</b>
A POLÍTICA DA PSICANÁLISE E O REAL EM JOGO NA FORMAÇÃO DO ANALISTA <i>Lia Silveira</i>	<b>99</b>
<b>GESTOS DE LEITURA</b>	<b>111</b>
OS PEDACINHOS DA ESCRITA DE JOYCE E A NÃO-PROPORÇÃO <i>Lucília Maria Abrahão e Souza</i> <i>Vivian Gonçalves Bastos</i>	<b>113</b>
ACONTECEU A SAUSSURE ESCUTAR JOYCE? CONSIDERAÇÕES SOBRE A FUNÇÃO DA LETRA E DO NOME PRÓPRIO <i>Patrícia Ribeiro</i>	<b>122</b>

---

---

UMA PRIMEIRA LEITURA DA LIÇÃO IV, 18 DE DEZEMBRO **133**  
DE 1973, SEMINÁRIO 21 OS NÃO-TOLOS ERRAM

*Isabel Napolitani*

## **JORNADA DE ENCERRAMENTO 145**

CONSTRUÇÃO E FORMALIZAÇÃO DE CASOS EM **147**  
PSICANÁLISE: LÓGICA E TOPOLOGIA

*Sheila Skitnevsky Finger*

POR QUE MEDEIA NÃO FOI JULGADA PELOS DEUSES? **157**

*Leonardo Lopes*

O SILÊNCIO, O TEMPO E O CORPO **164**

*Viviana Venosa*

A IMPORTÂNCIA DA NOÇÃO DE TRANSFERÊNCIA **168**  
IRÔNICA NA ESQUIZOFRENIA

*Marina Moreira Carrilho*

TODO ANALISTA É HETERO **173**

*Leonardo Lopes*

## **FÓRUM NO INTERIOR 181**

PSICANÁLISE. DIZER QUE SE TRANSMITE **183**

*Luciana Guarreschi*

ERA UMA VEZ [...] O DESPERTAR DA ADOLESCÊNCIA **190**

*Ana Lúcia Girardi*

CONSIDERAÇÕES SOBRE TRAUMA E FANTASIA **198**

*Geni Gentil*

---



---

## EDITORIAL

A Revista Livro Zero 13 reúne alguns dos trabalhos apresentados em 2021, já no modo híbrido, aos poucos saindo das restrições da pandemia da Covid 19, nas atividades do FCL-SP, enviados por membros, cartelizantes e membros de outros Fóruns convidados a contribuir com tais atividades. Os textos aqui reunidos dizem do desejo e do esforço dos autores em colocar à disposição da comunidade de trabalho e demais leitores suas elaborações desde onde se encontram em seus percursos teóricos e experiência clínica.

Em 2021, o FCL-SP escolheu “Transmissão e Laço” como tema de estudo, ensino e transmissão nos espaços de Formações Clínicas.

Decorre daí que a conferência “Psicanálise e Transmissão” proferida por Dominique Fingermann, na Jornada de Abertura, abre este número da RLZ. Considerando o impossível da transmissão da experiência, qualquer que seja, pois que contém uma dimensão de real, Dominique propõe três caminhos para abordar o tema Psicanálise e Transmissão com as seguintes questões: o que passa do analisante para o analista? O que passa do analista para o analisante? O que a psicanálise nos ensina, como ensiná-lo?

Orientado pelo tema do ano, o Espaço Escola, coordenado pelos delegados, propôs o tema “Cartel do Passe e transmissão: o que passa?” convidando colegas Analistas Membros de Escola a falar de suas experiências como membros do Cartel do Passe.

Elisabete Thamer, no texto “Vicissitudes da transmissão no passe”, propõe e elabora respostas a duas questões cruciais: qual é o saber, o “tipo” de saber, que um analisante que se tornou passante tenta passar para o cartel através de seus passadores? Qual é o saber que convence um cartel para que haja nomeação?

Maria Vitória Bittencourt, no texto “O que ensina a experiência”, recorta duas perguntas para abordar sua experiência em dois cartéis do passe: qual o fio que mais se delineou na fala dos passadores que escutou? Para que serve o passe?

Vera Pollo, no texto “O passador é o passe”, propõe que o chiste e o passe têm estruturas homólogas.

Andréa Hortélio Fernandes, no texto “Cartel e Passe dispositivos estruturais da Escola dos Fóruns do Campo Lacaniano”, examina em que medida o cartel e o passe podem ser considerados uma resposta, formulada por Lacan, para lidar como o real em jogo na formação dos psicanalistas.

Clarissa Metzger, no texto “Cartel do passe e transmissão: o que passa? O impossível não é o inexistente”, recolhe indicações orientadoras dos convidados do Espaço Escola para a questão: como o cartel do passe recolhe as pistas, os rastros da passagem de analisante a analista?

Leonardo Lopes, no texto “Uma decisão internacional”, tece breve consideração sobre a política do cartel do passe, qual seja, a escuta do semi-dizer.

Os cinco textos, produtos de Cartel, reunidos na seção Jornada de Cartéis + Café Cartel, como não poderia deixar de ser, são textos com temas variados e expressam a multiplicidade do que causa o desejo de estudo em nossa comunidade. Compondo essa seção, temos o texto de Lia Silveira, convidada a falar no Módulo de Transmissão Cartel, no qual tece a trama entre cartel, política da psicanálise e o real em jogo na formação do analista.

Tal como acontece com os trabalhos de cartel, os cinco textos reunidos na seção Jornada de Encerramento de Formações Clínicas 2021, apresentados por membros do FCL-SP, expressam essa multiplicidade de temas causados pelo desejo de estudo de cada um.

Na seção Gestos de Leitura reúne dois textos produzidos a partir da leitura e comentário de recortes do Seminário 23, O Sinthoma, tema de estudo da Rede de Pesquisa: diagnosticar em psicanálise e um texto de leitura do Seminário 21, Os não-tolos erram, estudado ao longo de 2021, no espaço de estudo Eixo Epistêmico, sustentado pelos membros do FCL-SP.

Finalizando, temos a seção Fórum no Interior, que reúne alguns dos trabalhos de membros, apresentados no Fórum no Interior, realizado



em São Bento do Sapucaí, em 2021. Esse espaço é uma iniciativa de membros que praticam e transmitem a psicanálise em cidades do interior de São Paulo, e teve como tema “Transmissão e Psicanálise: o que é possível falar?” na esteira do tema eleito para o estudo e transmissão pelo FCL-SP, no mesmo ano.

Boa leitura!

COMISSÃO DE PUBLICAÇÃO  
2021-2022



---

# CONFERÊNCIA DE ABERTURA

---



---

# PSICANÁLISE E TRANSMISSÃO<sup>1</sup>

Dominique Fingermann<sup>2</sup>

“**Psicanálise e transmissão**”, eis um título que não surpreende, pois quando falamos de “**A psicanálise**”, falamos tanto de sua **experiência**, inédita antes da invenção de seu dispositivo por Sigmund Freud, quanto da **transmissão** do conjunto de seus conceitos e da formalização por quem sustentou e sustenta esta experiência.

No entanto, “**Psicanálise e transmissão**” anuncia um problema, um paradoxo, para não dizer uma aporia: o impossível da transmissão da experiência, qualquer que seja, pois esta contém sempre uma dimensão real e absolutamente singular, que escapa à transmissão que passa pelos registros simbólico e imaginário.

No que tange à transmissão da psicanálise, Freud sublinha e brinca com este paradoxo em seu texto “A psicanálise leiga”<sup>3</sup>, e Lacan, mais radical, frisa “*a aporia de seu relato*”<sup>4</sup> e evoca, mais de uma vez, o impasse da transmissão da experiência mesmo entre analistas, já que os descreve como “sábios de um saber que não podem compartilhar”<sup>5</sup>.

Contudo, insistimos: **Psicanálise é transmissão!** Se falasse alemão, diria: “*Psychoanalyse und Übertragung*”, o que poderia ser traduzido igualmente por “Psicanálise e transferência”, “psicanálise é transferência” — “*Psychoanalyse ist Übertragung*”. Apreciamos, então,

---

<sup>1</sup> Conferência proferida na Jornada de Abertura de Formações Clínicas, no FCL-SP, em 06 de março de 2021.

<sup>2</sup> Psicanalista. Membro do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo. Analista Membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano.

<sup>3</sup> Freud, S. (1926) A questão da análise leiga. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*.

<sup>4</sup> Lacan, J. Discurso à EFP. In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 268. “(...) aporia de sua demonstração”.

<sup>5</sup> Lacan, J. A psicanálise nas suas relações com a realidade. In: *Outros escritos*, op. cit., p. 558.

imediatamente a importância e a pertinência da questão proposta para nossos estudos e pesquisas para este ano 2021 nas Formações Clínicas do Campo Lacaniano em São Paulo: “Transmissão e laço”.

A questão é ampla, portanto, e anuncia a psicanálise como uma experiência de transmissão: o que passa de um para o outro? Não é dinheiro, mercadoria, informações. O que passa e se passa quando apenas a fala e o silêncio passam de um para o outro, é a transmissão de um saber improvável: *Unbewusst*, diz Freud, “*T’insu*” traduz Lacan: um saber do não sabido.

A psicanálise é, portanto, uma experiência de transmissão entre dois parceiros chamados psicanalista e psicanalisante, e precisamos precisar o que passa de um para o outro, já que os termos “comunicação dos inconscientes”, usado em alguns momentos da história da psicanálise, não convém à própria definição do inconsciente — *Unbewusst* —, um não sabido que não comunica, mas tem efeitos e afeta.

Neste primeiro momento, podemos dizer que, entre o analisante e o analista, há transmissão de um saber suposto; entre o analista e o analisante, o que se presentifica, se propõe, o saber próprio do psicanalista, é a “posição do inconsciente”.

A questão é ampla, mas se apresenta mais complexa ainda, pois na medida em que passa entre duas pessoas, de um a um, coloca-se — e isso desde o início da sua invenção — o problema de sua transmissão, isto é, da extensão da intensão da experiência.

A questão é ampla e complexa, e vou abrir três caminhos para abordá-la, bordar, adentrar.

1. O que passa do analisante para o analista chama-se “transferência”, *Übertragung*, uma demanda — um amor — que se dirige ao saber, incorporado, presentificado, ofertado pelo analista. Esta demanda desenrola aí em seguinte, expõe na cena transferencial, o emaranhado de um saber suposto.
2. O que passa do analista para o analisante: a interpretação e seu efeito de ato, pois há incidência da operação do analista sobre a neurose. *Übertragung* é também transporte; a psicanálise é uma experiência que transporta um sujeito de um ponto para um outro, do começo ao fim: a interpretação tem consequências topológicas. A psicanálise

causa: muito mais do que uma história mal contada das ficções de sua vida, ela é um acontecimento, passa-se ali algo fora do comum.

3. Enfim, como se produz a transmissão da psicanálise enquanto novo discurso para além da intimidade do “diálogo” analítico e como a psicanálise, que é uma experiência de um a um, pode insistir e resistir, até hoje, na sua ex-sistência atópica?

A extensão da psicanálise fora de sua experiência própria precisa de passadores à altura da transmissão (Übertragung) do Discurso Analítico — na contramão, no contraponto, no contratempo, ao avesso dos discursos correntes: os outros tipos de laços produzidos pela fala: o Discurso do Mestre, Discurso Universitário, Discurso Histérico e, apesar do Discurso predominante de nossos tempos, o Discurso Capitalista. A necessidade de passadores do Discurso Analítico remete, portanto, à questão da formação de analistas capazes de sustentar o ato que o distingue, e responsáveis pela “práxis da teoria”, cuidando da difusão, da presença, da precisão dos conceitos que orientam a sua prática clínica ao avesso do Discurso do Mestre e dos outros, cuidando, no entanto, dos diálogos possíveis com estes outros discursos.

## 1. O QUE PASSA DO ANALISANTE PARA O ANALISTA?

O que passa do analisante para o analista chama-se “transferência”. A psicanálise configura uma experiência de transmissão que exige que precisemos o que passa de um para o outro, e como. **A transferência** passa entre o analisante e o analista como função do sujeito suposto saber, ao passo que, do analista para o analisante, é a **interpretação** que passa e tem incidência de ato, introduzindo aí, na trama da suposição de saber, a pauta de uma saber sem sujeito.

- **No início há transferência**, diz Lacan, mas, de fato, antes de tudo há uma dor, ou simplesmente um estranhamento, um excesso, uma carência, que faz enigma. Algo não faz sentido, mas faz signo — signo de um não sabido “mais forte do que o eu”, mas que volta sempre no mesmo lugar e indica algo próprio. Quando este enigma faz questão, ele pode ter a chance de encontrar a oferta de um analista, e se transformar em demanda.

Portanto, se a interpretação consiste numa intervenção específica sobre a transferência — sobre a transferência da neurose no dispositivo — e se ela parece se localizar num *a posteriori* da demanda transferencial, podemos deduzir da experiência, seguindo nisso Lacan — quando ele diz que a “oferta antecede a demanda”, que a transferência é uma consequência da oferta de interpretação, oferta de um lugar de acolhimento do enigma do sujeito, que induz a **suposição de saber e o querer dizer**.

- Freud extraiu o fenômeno da transferência, a sua dinâmica, da estrutura do significante, ou seja, da “representação” e de seu mecanismo próprio de deslocamento de uma para outra para produzir qualquer significação.

A regra fundamental, “falar tudo o que lhe passa pela cabeça” (*Einfall*), explora os dois princípios que regem a representação do afeto e das pulsões: a condensação e o deslocamento. Lacan os lê como metáfora e metonímia: os mecanismos significantes que a linguística identifica como produtores de significação. Deslocamento e condensação transportam, transferem, transmitem, a mensagem recalçada, não dita, suposta. A psicanálise parece, então, apresentar uma promessa de revelação de uma verdade velada.

- No entanto, sabemos que o estudo sistemático, por Freud, das “formações do inconsciente”, sonhos, atos falhos, chistes, o avisaram logo de que os mecanismos de representação, decorrente da função da fala no campo da linguagem, não esgotam nunca a coisa — “*das Ding*” —, que procura ser representada. O “umbigo do sonho”, que ele localiza na análise de qualquer sonho, aponta para este “*Unerkannt*” não sabido radical, recalque originário.

Desde o início da psicanálise, portanto, sabemos que o ponto de partida dessa experiência de transmissão é um **intransmissível**. Este intransmissível está no âmago da experiência analítica, do começo ao fim.

Tanto Freud quanto Lacan toparam com esta dimensão humana, que escapa tanto ao laço com o outro quanto à transmissão desta “diferença absoluta”. Freud a reconhece em sua dimensão lógica “além do princípio

---



---

de prazer”, a qual ele nomeia como “pulsão de morte”. Lacan vai recorrer à lógica para demonstrar sua insistência, que transborda dos laços e da transmissão que eles proporcionam no nível imaginário e simbólico. No entanto, ele finalmente insistirá com a topologia para evidenciar, mostrar a ex-sistência real deste não sabido, o inconsciente e a sua incidência.

- “A psicanálise tem só um meio, a fala do analisante” — é assim que Lacan retoma a regra fundamental freudiana, precisando a função da fala no campo da linguagem.

A partir dos elementos dados pela linguagem, a enunciação da fala de um sujeito vai produzir enunciados querendo dizer, querendo transmitir o mal-estar e a falta a ser que o acomete de diversas formas.

É assim que começa uma análise — querer dizer — querer transmitir para quem é suposto saber ouvir a mensagem única da sua dor. O mal-estar apresenta um descabido, uma discordância, algo “mais forte do que eu”, que o sujeito almeja decifrar, como se este enigma pudesse revelar a cifra de sua identidade.

A urgência da demanda precisa ser acolhida para que a declinação de seus enunciados deixe ressoar a sua enunciação: o que o sujeito quer dizer? Qual é o significado subjacente (suposto) aos significantes que ele dirige ao Outro? Qual é o desejo particular que as demandas transportam, transmitem?

Se Freud logo descreve o mecanismo estrutural de deslocamento de significante para produzir uma significação — a transferência de representações —, ele constata rapidamente o fenômeno transferencial e em seguida a sua dinâmica, e explica como, além da queixa, da transmissão da mensagem sobre a dor, algo a mais passa, se configura nos interstícios daquilo que não se transmite pelas palavras: amor verdadeiro, precisa ele — “aquele a quem eu suponho um saber, eu o amo” insiste Lacan, anos depois.

Portanto, mais além da mensagem que tenta decifrar o enigma próprio que a dor de existir manifesta, o que não se representa, se manifesta, se transporta, se transmite e se transpõe no afeto de transferência.

Além da demanda e de seus ditos que a suposição de saber do sujeito declina, passa o desejo e o objeto que o causa irresistivelmente — passa em ato — o objeto do qual “não se faz ideia”.

A transferência de significantes, a transmissão de representações, ditos, enunciados, queixas, demandas, hystoerias que a associação livre transporta é, no final, causada por algo que escapa a esta transmissão, mas a dirige, a orienta, vetoriza: o objeto causa do desejo que Lacan nomeou: objeto *a*.

Por falta de simbolização, “objeto do qual não se faz ideia”, este objeto vai se imaginarizar nas formas oferecidas pelos objetos pulsionais.

Essas formas imaginárias dadas ao objeto que falta, de uma certa forma, atrapalham, enganam o que se tenciona transmitir. Foi isso mesmo que faz Freud cotejar a resistência incluída na transferência, e como de seu manejo vai depender “a passagem ou a não passagem daquilo que precisa ser transmitido enquanto tal, na ação analítica,” diz Lacan em seu *Seminário Livro II*<sup>6</sup>. É este revestimento imaginário que disfarça, fantasia, o objeto do desejo com as formas pulsionais, que vai fazer Lacan dizer: “*Eu te peço para recusar o que te ofereço, porque não é isso*”<sup>7</sup>

Então, o que é que se transmite numa análise entre o analisante e o analista?

O que se transmite são os significantes de sua dor, de sua castração de sujeito, que nos chegam nas enrolações ficcionais da novela familiar, assim como as notícias do objeto da sua falta-a-ser, de sua causa perdida, que chega ao destinatário travestido de formas imaginárias que a fantasia reveste.

A urgência do querer dizer que motiva uma análise em seu início, se transmite pelos desvios das ficções da verdade — “*verdade mentirosa*” dirá Lacan, já que ela enrola o que **realmente** interessa o sujeito, ou melhor dizendo, o *parlêtre*.

Para incluir na transmissão de um ao outro o que não passa pelo significante, Lacan vai se dedicar, a partir dos anos 1970, a formalizar e escrever o que passa mais além da lógica do significante: a escrita dos Discursos inclui o que não é significante, mas passa pelo seu próprio furo estrutural: o objeto *a*.

---

<sup>6</sup>Lacan, J. Le Séminaire livre II , *Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique psychanalytique*, Seuil, Paris, p.148.

<sup>7</sup>Lacan, J. Le Séminaire livre XIX ...*Ou pire* leçon du 9 février 1972.

---

Os Discursos, para Lacan, escrevem o que se transmite numa psicanálise, em decorrência da estrutura do significante e do tratamento daquilo que escapa à lógica significante. Eles inscrevem também aquilo que não se transmite, que não faz relação, configurado pela barra que separa o que um discurso produz a partir da verdade que causa o seu circuito.

Do começo até o final da análise, o analisante se dirige ao analista para Dizer, ele toma a palavra, relata, conta, dá voz à sua *hystoriterização*<sup>8</sup>, pinta e borda o intransmissível do recalque originário do dizer original.

Este Dizer — esquecido, intransmissível — fomentou e fomenta todos os seus ditos. Não tem transmissão deste Dizer, mas algo da singularidade absoluta da sua emergência passa, ainda, *encore*, “nas ranhuras do dizer verdadeiro”<sup>9</sup>. Não há transmissão desse dizer, mas há emissão de *lalíngua*, que pode ter efeitos de ressonâncias poéticas. (*lalíngua*, este depósito da língua onde se elucubrou a linguagem, onde o sujeito ancora a sua fala e os seus ditos).

## 2. O QUE PASSA DO ANALISTA PARA O ANALISANTE?

Qual “saber de psicanalista” responde ao saber suposto do analisante?

Chamado no lugar de complemento desta suposição, ou de complemento do objeto da fantasia (que são os dois eixos da transferência), um analista responde onde é menos esperado, na contramão daquilo que se espera: a contrassenso.

Tal afirmação pode surpreender quando se aposta que a psicanálise é “uma prática da tagarelice”<sup>10</sup>, da fala portanto, que por estrutura fabrica o sentido.

Quando um psicanalista propõe e oferece um lugar para o enigma, o que passa para o analisante é imediatamente a procura de sentido que se traduz em queixa, demanda, amor, desejo, dando voltas e reviravoltas em torno de algo que não passa e, paradoxalmente, causa: o objeto *a*.

<sup>8</sup> neologismo forjado por Lacan no « Prefácio a edição inglesa do Seminário XI », in *Outros Escritos*, In: *Outros escritos*, op. cit., p. 568.

<sup>9</sup> Lacan, J. (1973-1974) *Le Séminaire, livre XXI: Les Non dupes errent*, inédito (Aula do 12 de fevereiro 1974).

<sup>10</sup> Lacan J. (1977-1978) *Le Moment de Conclure, Le Séminaire Livre XXV inédit leçon du 15 novembre 1977*.

Pois se a sua oferta inaugural é o reestabelecimento dos sentidos do sintoma (Freud), logo, o que o analista vai presentificar no dispositivo é o impasse do sentido da neurose, o seu plano furado.

De fato, e antes de qualquer coisa, a oferta do analista é o lugar deste objeto do qual não se faz ideia. Por isso, quando Lacan vai escrever o Discurso do Analista, o laço que preside a operação analítica, e do qual o objeto *a* é o agente, ele vai indicar a prevalência de “um discurso sem palavra”<sup>11</sup>, pois o que se pode oferecer/transmitir de melhor pelo analista para acolher e desencadear, o que pode vir a ser uma análise, é este lugar vazio, outro nome da presença de analista, encarnação do enigma, “posição do inconsciente”, que causa o desejo e, antes de tudo, o desejo de saber.

A interpretação do analista precisa transmitir algo que faça diferença para que o jogo com o analisante não seja uma pura cumplicidade com a neurose, um troca-troca de *jouis-sens*, gozo de sentido.

Mesmo se o sujeito em questão, preenche em sua análise esse lugar vazio com as significações onde amarrou sua neurose, tentando produzir o sentido perdido de sua existência, a interpretação do analista, aquilo que ele transmite a partir deste lugar, interpreta (como um ator ou um músico) o silêncio da causa.

Encontramos inúmeras fórmulas e formulações no ensino de Lacan a respeito da interpretação. Muitas delas no começo, mas também até o final de seu ensino, evocam as interpretações que se intrometem no texto da associação livre, na forma de escansões e pontuações que sustentam o trabalho do sujeito suposto saber, relançando a potência do enigma.

Mas Lacan, em seguida, vai indicar a incidência contra-transferencial da interpretação: corte, enigma, citação... apontar o “objeto” que não quer dizer nada, Dizer que não, Dizer apofântico, equívoco: intervenções sobre a transferência que descontinuum a fuga do sentido, fazem objeção à função do sujeito suposto saber, numa dimensão de ato, ou seja, de algo não previsível, não adequado, desconcertando a cadeia de significantes produzida desde a lógica do sujeito suposto saber.

---

<sup>11</sup> Lacan J. (1968-69) De um Outro ao outro, *O Seminário livro XVI*, Rio de Janeiro, Zahar, 2006, p.11.

---

O que o analista transmite é “um empréstimo de perda pura”.

*Interpretar*, diz Lacan em “Televisão”, quando precisa “emprestar o que perdura de perda pura”.

“A interpretação precisa ser presta para prestar o emprestimo [entreprêt] o que perdura de perda pura ao que só aposta do pai ao pior”<sup>12</sup>.

Podemos talvez entender, assim, como Lacan chega a dizer que o analista re-produz os “pais traumáticos”<sup>13</sup>, evocando um outro momento de transmissão, a transmissão inaugural da estrutura.

O trauma benéfico da neurose infantil (*cf.* o livro de Martine Menès<sup>14</sup>) é a operação castração, a qual Freud conceitualizou com o complexo de Édipo, e que Lacan releu como operação da metáfora paterna, substituição e deslocamento em relação ao desejo da mãe. Essa operação permite, ao pequeno sujeito, a sua apropriação da falta que causa o desejo e o introduz na ordem da linguagem e da lei, inscrevendo, no âmago do ser, aquilo que perdura de perda pura, e a solidão absoluta de Dizer “que fica esquecido atrás do que se diz no que se ouve”<sup>15</sup>.

O texto publicado em “Notas a Jenny Aubry”, em *Outros escritos*, insiste ainda sobre o “valor irreduzível de uma transmissão (...) de uma constituição subjetiva, implicando a relação a um desejo que não seja anônimo”<sup>16</sup>, apontando aquilo que se transmite no corpo pelas marcas do desejo materno, e como o Nome do Pai é o vetor da encarnação da Lei no desejo.

“Notas...” que precisam ainda que a esta transmissão, a criança responde com seu sintoma, ou seja, aquilo que não é transmitido pelo outro, mas constitui o bem próprio do *parlêtre*.

Quando **oferece** ao analisante o dispositivo analítico (prática do sentido x interpretação), o psicanalista **proporciona** um encontro

---

<sup>12</sup> Lacan J. Televisão, , In: *Outros escritos*, op. cit., p.543

<sup>13</sup> Lacan, J. *O saber do psicanalista*, inédito, conferencia do 4 de maio 1972

<sup>14</sup> Menes M. *Un traumatisme bénéfique, « la névrose infantile »*, Éditions du champ lacanien, 2006.

<sup>15</sup> Lacan J. O Aturdido, In: *Outros escritos*, op. cit., p.448

<sup>16</sup> Lacan, J. Notas a Jenny Aubry. In: *Outros escritos*, op. cit., p. 371. “(...) C’est d’après une telle nécessité que se jugent les fonctions de la mère et du père. De la mère : en tant que ses soins portent la marque d’un intérêt particularisé, le fut-il par la voie de ses propres manques. Du père: en tant que son nom est le vecteur d’une incarnation de la Loi dans le désir”.

chocante com a castração, ou seja, com o limite do significante, aquele que Lacan escreveu, logo na sua formalização da experiência: S( $\bar{A}$ )

Esse encontro tampouco é anônimo; além de se surpreender neste percurso com as marcas da língua materna e se entediar com os seus imbróglios com a castração, os planos furados de seu fantasma e as mancadas das suas identificações, pode-se encontrar, no final das contas, a oportunidade de nova aposta além do pai e do pior, a chance de uma nova resposta com seu *sinthoma*. E isso não lhe é transmitido. Responsabilidade, escolha, invenção, “saber fazer aí (...)” são os termos que qualificam o que se pode fazer, enfim, com aquilo que não é transmitido pelo outro, nem pelo analista, a não ser por seu estilo.<sup>17</sup>

### 3. O QUE A PSICANÁLISE NOS ENSINA, COMO ENSINÁ-LA?

Essa pergunta de Lacan, em 1957, em seu texto “A psicanálise e seu ensino”, parece singela, e a sua resposta deveria ser simples. No entanto, sua aparente obviedade dá testemunho da dificuldade inerente a toda e qualquer transmissão de uma experiência.

Para Freud, a transmissão da experiência combinava dois “impossíveis”: educar e psicanalisar. Em 1926, em “Questão da análise leiga”, ele desdobra, com bastante humor e lucidez, o paradoxo da transmissão: como alcançar, com palavras, alguém que não passou pela experiência?

Sei que não posso convencê-lo. Isto está além de qualquer possibilidade e, por esse motivo, além de minha finalidade. Quando ministramos aos nossos alunos instrução teórica em psicanálise, podemos ver quão pouca impressão lhes estamos causando, para começar. Eles absorvem as teorias da análise tão friamente quanto outras abstrações com as quais são alimentados. Poucos deles talvez desejam ficar convencidos, mas não há qualquer vestígio de que estejam. Mas também exigimos que todo aquele que quiser

---

<sup>17</sup>Lacan, J. A psicanálise e seu ensino. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.460 (...). Tout retour à Freud qui donne matière à un enseignement digne de ce nom, ne se produira que par la voie, par où la vérité la plus cachée se manifeste dans les révolutions de la culture. Cette voie est la seule formation que nous puissions prétendre à transmettre à ceux qui nous suivent. Elle s'appelle: un style“.

---

praticar a análise em outras pessoas se submeta ele próprio a uma análise. É somente no curso dessa “autoanálise” (como é confusamente denominada), quando eles realmente têm a experiência de que sua própria pessoa é afetada — ou antes, sua própria mente — pelos processos afirmados pela análise, que adquirem as convicções pelas quais são ulteriormente orientados como analistas. Como então poderia esperar convencê-lo, a Pessoa Imparcial, da correção das nossas teorias, quando só posso pôr diante do senhor um relato abreviado e, portanto, ininteligível das mesmas, sem confirmá-las pelas próprias experiências do senhor?<sup>18</sup>

Lacan insiste, várias vezes, sobre esse aspecto paradoxal do ensino da psicanálise, em particular no texto “Alocução sobre o ensino”, de 1970, publicado em *Outros escritos*, no qual ele demonstra a heterogeneidade entre ensino e saber (do inconsciente). Mas essa intransmissibilidade não poupou nem Freud nem Lacan com suas teimosias da transmissão possível, e exigível — e Lacan, como sabemos, fazendo do exercício de transmissão um dever ético do psicanalista, o qual chamou “a práxis da teoria”: “É indispensável, no entanto que o analista seja pelo menos dois, o analista para ter efeitos e o analista que teoriza estes efeitos.”<sup>19</sup>

Cientes do desafio e do paradoxo inerente a questão da transmissão de uma experiência, cujo acontecimento se produz de um a um, Freud em primeiro lugar e Lacan na sequência, se preocuparam em encontrar caminhos de extensão da intensão da psicanálise (intensão-extensão). Ambos se preocuparam e se ocuparam da transmissão da psicanálise no mundo, não medindo esforços e coragem para ir ao encontro dos protagonistas dos discursos das suas épocas (“estar à altura da subjetividade da época”<sup>20</sup>). Mas, principalmente, se dedicaram à transmissão dos conceitos e da formalização da psicanálise para os atuais, efetivos ou futuros operadores da clínica analítica: os psicanalistas.

Freud, além de produzir a sua imensa obra, na qual encontramos os rastros da produção constante dos conceitos fundamentais da

<sup>18</sup> Freud, S. (1926) A questão da análise leiga. In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*.

<sup>19</sup> Lacan, J. (1974-1975) RSI, *Le séminaire, livre 22*, inédito (aula de 10/12/1974).

<sup>20</sup> Lacan J. Função e campo da fala e da linguagem, *Escritos*, op. cit., p 322.

psicanálise, precipitou a criação da IPA, em 1912, para preservar a psicanálise de eventuais desvios e garantir a sua extensão. Lacan, freudiano antes de qualquer coisa, retomou para si a responsabilidade da garantia da transmissão da experiência e fez questão de responder ao desafio: “o que a psicanálise nos ensina, como ensiná-lo?”<sup>21</sup>.

Uma das respostas à questão foi a criação da Escola de Psicanálise depois de sua expulsão da IPA e da proibição que lhe foi imposta de transmitir a psicanálise nesta instituição: os analistas da IPA foram proibidos de seguir seu ensino (seus seminários), e ele foi banido da lista dos “didatas” desta instituição.

Os dois princípios fundamentais da Escola — o passe e o cartel — colocam a questão da transmissão do intransmissível no seu âmago, e colocam cada um que aí se engaja como passador da psicanálise.

O livro que publiquei em 2016 “*A deformação do psicanalista*”<sup>22</sup> desdobra longamente este problema. Mas vou deixar a palavra para Alejandro Rostagnotto, que saberá dizer melhor da função passador de um Analista de Escola.

## Referências

- FINGERMANN, D. **A De-formação do psicanalista**. São Paulo: Escuta. 2016.
- FREUD, S. (1926) A questão da análise leiga. In: FREUD, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1976. v.20
- LACAN, J. (1967). Discurso na Escola Freudiana de Paris. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LACAN, J. (1967). Da psicanálise em suas relações com a realidade. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LACAN, J. (1954-1955). Le Séminaire livre II , **Le moi dans la théorie de Freud et dans la technique psychanalytique**. Seuil, Paris.
- LACAN, J. (1971-1972). Le Séminaire livre XIX ...**Ou pire**. Seuil, Paris, 2011.
- LACAN, J. (1976). Prefácio à edição inglesa do Seminário XI. In : **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

---

<sup>21</sup> Lacan J. A psicanálise e seu ensino. In: *Escritos*. op. cit., p. 440.

<sup>22</sup> Fingermann, D. *A De-formação do psicanalista* , Escuta, São Paulo, 2016.

---



- LACAN, J. (1973-1974). **Le Séminaire, livre XXI: Les Non dupes errent**, inédito. (Aula de 12 de fevereiro de 1974)
- LACAN, J. (1977-1978). Le Moment de Conclure, **Le Séminaire Livre XXV**, inédito. (Aula de 15 novembro de 1977)
- LACAN, J. (1968-1969). De um Outro ao outro. **O Seminário livro XVI**, Rio de Janeiro, Zahar, 2006.
- LACAN, J. (1973). Televisão. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LACAN, J. (1971-1972). **O saber do psicanalista**, inédito. (Conferência de 4 de maio de 1972).
- LACAN, J. (1972). O Aturdido. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LACAN, J. (1969). Nota sobre a criança. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LACAN, J. (1957). A psicanálise e seu ensino. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- LACAN, J. (1974-1975). RSI, **Le séminaire, livre 22**, inédito. (Aula de 10/12/1974).
- LACAN, J. (1953). Função e campo da fala e da linguagem. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- MENÈS, M. **Un traumatisme bénéfique, « la névrose infantile**. Éditions du champ lacanien, 2006.



---

# **ESPAÇO ESCOLA**

**CARTEL DO PASSE E  
TRANSMISSÃO: O QUE PASSA?**





---

# VICISSITUDES DA TRANSMISSÃO NO PASSE<sup>1</sup>

Elisabete Thamer<sup>2</sup>

Gostaria, antes de mais nada, de agradecer-los pelo convite para participar desse Espaço Escola, cujo tema comporta, em meu entender, uma das questões mais difíceis com relação ao passe: o que é que passa? A resposta seria em aparência mais simples, se nenhum testemunho “passasse” ou, inversamente, se todo testemunho “passasse”. Mas, o fato é que as nomeações são raras, ou seja, um testemunho raramente “passa”. O que torna, então, a transmissão no passe tão difícil, para não dizer quase impossível?

Não abordarei neste texto a complexidade do dispositivo que apresenta, em si mesmo, “obstáculos” à transmissão, em todo caso, à transmissão como “comunicação”. Colocar dois passadores entre o passante e o cartel implica, certamente, em dificultar a comunicação, mas não necessariamente a transmissão.

## A ANÁLISE É INTRANSMISSÍVEL

Em sua intervenção no “Congresso sobre a transmissão” Lacan diz o seguinte:

Tenho, devo dizer, me perguntado sobre isso (como alguém após ter sido analisante se torna psicanalista), e por isso fiz minha *Proposição*, aquela que instaura o que chamamos passe, ao qual faço confiança de que algo que seria chamado de transmissão, se houvesse uma transmissão da psicanálise.

---

<sup>1</sup> Intervenção realizada no Espaço Escola do Fórum de São Paulo, 14 de junho de 2021.

<sup>2</sup> Psicóloga, psicanalista, doutora em filosofia (Universidade Paris IV — Sorbonne), membro da EPFCL-França.

Tal como penso agora, a psicanálise é intransmissível. É muito chato. É muito chato que cada psicanalista seja obrigado — pois ele tem que ser obrigado — a reinventar a psicanálise.

Se eu disse em Lille que o passe tinha me decepcionado, foi por causa disso, pelo fato de que cada psicanalista tem que reinventar, de acordo com o que ele conseguiu tirar do fato de ter sido por um tempo psicanalisante, que cada analista reinventa a forma pela qual a psicanálise pode durar. (LACAN, 1978, p. 219).

Esta afirmação, de que “a psicanálise é intransmissível”, comporta um saber que suscita, ao mesmo tempo, adesão e espanto. Todos nós sabemos que A psicanálise não se transmite tal como poderíamos transmitir um saber textual a outrem. Estudar psicanálise não adianta muito, para não dizer nada, no que diz respeito ao tratamento dos próprios sintomas, o que requer o percurso de uma análise.

Por outro lado, a psicanálise é intransmissível, pois o que é essencial e decisivo em todo processo analítico toca, tangencia o real, o que quer dizer que escapa, ao menos em parte, à linguagem. Assim sendo, como transmitir através de um testemunho falado o que, estruturalmente, escapa a tal articulação?

Na experiência do passe, o que é extraordinário, eu diria, é que há sempre um saber que passa, sempre. É inegável que todo analisante adquire um saber a partir de sua análise. “A psicanálise, didática”, diz Lacan, em “De nossos antecedentes” (LACAN, 1966, p. 76). A vírgula de permeio nos indica que *toda* psicanálise, sem exceção, é didática.

Parece-me que esta afirmação deve ser contrabalançada com a precedente, ou seja, a que diz que a psicanálise é intransmissível. Por um lado, ela é intransmissível, por outro ela é didática. Por “didática” entendo que toda análise ensina algo ao analisante *sobre* a psicanálise. Ensina sobre a sua própria análise pessoal mas, acima de tudo, sobre a psicanálise em si. Por isso, também, a própria análise é condição *sine qua non* do se tornar analista. Nenhum estudo, por mais especializado que seja, substitui o saber da experiência.

Essas duas afirmações, em realidade, não são contraditórias, mas complementares. A questão que se coloca a partir deste ponto é a

---

seguinte: Se toda psicanálise ensina algo, isto é, se todo analisante adquire dela um saber, de que saber se trata?

Penso que é justamente neste ponto que se concentra o essencial do passe e do tema do Espaço Escola deste ano. Qual é o saber, o “tipo” de saber, que um analisante que se tornou passante tenta passar para o cartel através de seus passadores?

Sabemos que, em Lacan, o saber não é unívoco, há “saber e saber”, e há saberes que não convencem o cartel do passe a ponto de que este pronuncie uma nomeação. Sendo raras as nomeações, podemos afirmar, então, que na maior parte do tempo, existe um hiato entre o saber transmitido pelos passantes através de seus passadores e o saber “esperado” pelo cartel. O termo “esperado” não é certamente o mais apropriado, o que quero dizer é que é um saber que não convence, embora seja, sem dúvida alguma, um saber. É um saber que, inegavelmente, nos ensina muito sobre as psicanálises, sobre seus efeitos e que nos permite, também, ter uma ideia sobre as análises conduzidas pelos analistas de nossa Escola e sobre o que se veicula sobre o passe.

## SABER

Do saber, nós temos ao menos duas definições que condensam o impasse e, por conseguinte, as vicissitudes do que está em jogo na transmissão no passe. À questão “que posso saber?” Lacan responde, em *Televisão*: “nada que não tenha a estrutura da linguagem” (1974, p. 534). Temos também, no *Seminário 20*, uma formulação semelhante, quando ele diz que para o ser falante, “o saber é o que se articula” (1972-73, p. 188).

Essa definição limita o alcance do que se pode saber e, portanto, do que pode ser transmitido em um testemunho de passe. Ela aponta também para a dificuldade ligada à transmissão de um outro tipo de saber, ou seja, a do saber que é gozado, que está presente em *lalíngua* que constitui o inconsciente. O exercício desse saber, diz Lacan “só poderia representar um gozo” (1970, p. 268).

Temos, assim, no dispositivo do passe dois “obstáculos” maiores à transmissão/demonstração que dele se espera. Por um lado, existe o obstáculo formal, próprio ao dispositivo, que interpõe dois passadores ao testemunho que deve obter a convicção do cartel. E, por outro

---

lado, a impossibilidade estrutural de transmitir, pela fala articulada, o que é central na experiência analítica e que implica, necessariamente, a “aporia de sua demonstração” (LACAN, 1970, p. 268). Quer se trate do desejo (incompatível com a fala, incluindo, portanto, o do analista), do objeto, do ato (onde o sujeito é subvertido), do gozo opaco do sintoma, ou do dizer (que *ex-siste* aos ditos), tudo o que está no cerne da análise permanece fundamentalmente intransmissível e, ademais, fora do alcance do próprio sujeito.

Talvez por isso, aliás, Lacan tenha escolhido o termo de “testemunho” para designar o relato de passe. Aquele que testemunha viu, viveu, experimentou a situação sobre a qual testemunha.

### SABERES POSSÍVEIS

Se toda psicanálise é didática, qual é o saber que dela retiramos? É exatamente neste ponto que se encontra, para mim, o divisor de águas dos testemunhos de passe.

Um analisante que decide fazer o passe é alguém que deseja transmitir algo do saber adquirido em sua análise. É um saber que, a seus olhos, é significativo, valioso para a sua vida e cuja aquisição ele atribui a sua análise. Para todo passante há um antes e um depois da análise e, apenas por isso, o passe já vale a pena, pois ele nos confirma, ainda, a presença e a importância do discurso analítico no mundo.

Entretanto, qual é o saber que convence para que haja nomeação?

Sabemos que as definições de final de análise evoluíram no ensino de Lacan, sem contar que muito tempo foi e é ainda necessário, para que integremos suas ideias sucessivas a esse respeito. Da queda das identificações, passando pelo atravessamento da fantasia, até a identificação com o sintoma, que é solidária de suas elaborações sobre o inconsciente real, cada uma dessas elaborações implicam “saberes” distintos, e é importante salientar que nenhum desses avanços invalida os precedentes, mas os complementam.

Dessas elaborações lacanianas sobre o final de análise, os testemunhos sobre a queda das identificações ou sobre a travessia da fantasia são mais facilmente articuláveis em um testemunho, ou seja, sua transmissão se dá mais “facilmente”. O que não é em absoluto o caso do testemunho que põe em jogo o sintoma proveniente do inconsciente

---



real que, por definição, escapa à linguagem, deixando, portanto tudo o que dele se pode dizer inexoravelmente hipotético. Cabe ao cartel poder inferir, a partir dos ditos, um dizer que os causa. Trata-se, em última instância, de poder “captar” se há um dizer *da análise*, um dizer distinto dos ditos que sustentaram a análise, ou seja, a demanda (*cf.* “O aturrito”, LACAN, 1973).

### ACERCA DE MINHA EXPERIÊNCIA

Eu tive a oportunidade de participar do dispositivo do passe, digamos, em todas as funções nele previstas. Fui passadora, passante e participei de cartéis do passe. Não tenho uma longa experiência nesses cartéis, mas tive algumas. Enquanto passadora, ouvi um passe que resultou em nomeação, outros dois não. Os passes escutados pelos cartéis dos quais participei no último CIG não resultaram em nomeação. Tive também minha própria experiência como passante cujo testemunho “passou”.

Todos os passes escutados passam, então, um saber? Sim, todos. Mas nem todos conseguem transmitir um saber que se espera de um analista da Escola. Pensemos na “Nota italiana”, na qual Lacan faz uma nuance sutil entre “desejo *do* saber” e “desejo *de* saber”, este último sendo efeito da análise e condição para que a psicanálise, segundo ele, continue a existir, a “dar dividendos no mercado” (LACAN, 1973, p. 314).

Muitas vezes, o saber que os passantes testemunham no passe é ligado quase exclusivamente ao deciframento de manifestações do inconsciente que eu chamaria de “historial”, pra não dizer ligado à “árvore genealógica”. Neste saber, o cartel percebe claramente os efeitos terapêuticos de uma análise.

Quanto à forma de testemunho, me impressionou bastante como, muitas vezes, o relato é feito de maneira um pouco “jogada”, como se lançassem ao cartel o relato de um caso clínico sem sequer formular uma questão e nos dissessem “façam vocês o trabalho!”, “vejam vocês qual foi a lógica desta análise e suas consequências!” Ora, aí se vê que a dimensão didática da análise não foi plenamente captada pelo analisante (passante e/ou passador). Não se trata de se tornar analista de seu próprio caso, mas pelo menos de ter percebido, na análise, os momentos de virada e tentar passar algo sobre isso.

---

Outros passantes (e/ou passadores) entram em um perfil inverso. Parecem fabricar um testemunho colado à *doxa* do momento, quase sem elementos históricos. Servir-se da *doxa* não é necessariamente um problema em si, afinal é preciso encontrar as palavras pra dizer o impossível de dizer. Mas o problema do cartel é que, muitas vezes, ele fica na incapacidade de captar quais foram as consequências desse “achado”.

O primeiro exemplo seria então o de um “saber historial”, enquanto este seria um “saber *doxal*”.

Esses são apenas dois pequenos exemplos do que é transmitido ao cartel, dois exemplos de “tipo” de saber, mas que não logram convencer o cartel.

O que, então, convence um cartel?

A questão permanece, ainda, para mim, em uma certa opacidade. Em minha experiência, não tive a impressão de que os cartéis estivessem obnubilados por qualquer *doxa* rígida ou fechada. O que me parece é que uma nomeação requer que algo seja demonstrado, que o testemunho faça aparecer, de modo convincente, as consequências dos ditos do passante. Dos ditos em análise e, forçosamente, os do testemunho. São consequências perceptíveis para o próprio sujeito, em sua vida, em sua prática analítica e na dimensão epistêmica que ele retirou de sua própria análise.

Não se trata de esperar que esteja presente no testemunho o que, por definição, escapa à possibilidade de se dizer. Mas algo que faça signo de que a posição do sujeito mudou face aos impasses que a análise lhe revelou. Trata-se, portanto, de uma mudança substancial (isto é, de gozo) do sujeito face ao saber e que inclui a castração.

Como pude escrever no último número de Wunsch (THAMER, 2021, p. 58):

O que se espera do passe é, parece-me, um testemunho de *trans-formação*, isto é, de uma mudança que terá sido também formadora para o analisado. O testemunho dessa *trans-formação* operada pela análise não se limita aos chamados efeitos terapêuticos, mas atesta uma operação de reviravolta radical da demanda que sustentava o processo analítico, ou seja, a queda do saber suposto e esperado da análise. Isso pressupõe, necessariamente, uma mudança

face ao que a análise não foi capaz de dar ao sujeito, um vislumbre do que permanece incurável e impossível de saber. É essa transformação que pode, eventualmente, *de-monstrar* (< gr. *epi-deixis*) que uma faceta do real foi vislumbrada em uma análise. Isso pode eventualmente testemunhar, fazer aparecer (< gr. *apo-phanesthai*) a ex-sistência de Um-dizer novo, o *da análise*, e que não é mais o da demanda.

## Referências

- LACAN, J. (1970) Discurso na Escola Freudiana de Paris. In: \_\_\_\_\_ **Outros escritos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 265-287.
- LACAN, J. (1973) Nota italiana. In: \_\_\_\_\_ **Outros escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 311-315.
- LACAN, J. (1973) O aturdido. In: \_\_\_\_\_ **Outros escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 448-497.
- LACAN, J. (1974) Televisão. In: \_\_\_\_\_ **Outros escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003, p. 508-543.
- LACAN, J. (1972-1973) **O seminário, livro 20**: mais, ainda. Tradução M. D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1982.
- LACAN, J. (1978) "Conclusions". 9 Congrès de l'École freudienne de Paris sur "La transmission". **Lettres de l'École. Bulletin intérieur de l'École freudienne de Paris**, n° 25, vol. II. Paris: EFP, 1979, p. 219-220.
- THAMER, E. Passe, testemunho, tradução. In: **Wunsch. Boletim Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano**, número 21, março 2021, p. 56-59.

---

# O PASSADOR É O PASSE<sup>1</sup>

Vera Pollo<sup>2</sup>

Convidada a falar sobre minha experiência enquanto membro de um cartel do passe, em data já longínqua, a primeira frase que me veio à mente foi “a experiência me deu certeza de que o passador é, de fato, o passe.” Eu tinha a certeza de ter lido essa frase em algum texto de Lacan, porém, mais do que isso, tinha a certeza de que a vivenciara na prática.

Fui membro de um ‘cartel efêmero’, como dizemos hoje, mas não naquela época. Este foi um sintagma resultante de um primeiro funcionamento dos cartéis do passe já dentro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, em nível internacional. Hoje, quando falamos em cartéis efêmeros, referimo-nos àqueles que se reuniam apenas para escutar os passadores e decidir a favor ou contra a nomeação de um novo AE, à diferença dos demais cartéis do passe cujo funcionamento visa à realização de um produto próprio a cada um, ou seja, que correspondem linha por linha à fórmula afinada por Lacan, em 1980.

É claro que o caráter “efêmero” deixava uma sensação de tarefa inconclusa, diria que deixava mesmo uma insatisfação, e que esta não era diretamente ligada ao fato de não haver muitas nomeações, até porque, no cartel de que eu participara, tinha havido uma nomeação. Para mim, ele fora um momento de reunião de pessoas vindas de lugares bem distantes uns dos outros, o encontro de pelo menos duas diferentes línguas e, o mais importante, a visada de dar vida ao dispositivo

---

<sup>1</sup>Texto apresentado no Espaço Escola, no Fórum do Campo Lacaniano SP em 10/05/2021.

<sup>2</sup>Psicanalista, AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Mestre e Doutora em Psicologia pela PUC-RJ. DEA da Universidade de Paris VIII. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ. Autora de *Mulheres Históricas* (Contra Capa Ed., 2018, 2ª edição) e de *O medo que temos do corpo* (Ed. 7Letras, 2012). Representante do Brasil no Laboratório Internacional de Psicanálise da IF e da EPFCL.

institucional criado por Lacan. Produzir uma situação homóloga à que tem lugar em um processo analítico individual, a meu ver, não podia acabar assim tão rápido.

Volto, então, ao ponto de que parti. A certeza de que “o passador é o passe” me adveio sobretudo da escuta de uma passadora que provocou nos membros do cartel um efeito evidentemente chistoso. Assim que ela terminou o seu relato, os 5 membros do referido cartel disseram praticamente em uníssono: temos que nomear esta passante. Eis uma AE!

No entanto, os passadores que escutamos naquele dia mostraram-se muito díspares, de tal modo que, no que tange a um passe específico, os dois passadores não pareciam estar falando do mesmo testemunho, um deles aliás, ao tomar a palavra, manifestou uma grande angústia por estar diante do cartel do passe. A lembrança deste fato me remete a um artigo de Marcelo Mazzuca do Fórum do Rio de La Plata, pois, tendo passado pelo dispositivo do passe em todos os seus três níveis: passante, passador e membro de cartel do passe, além de ter sido nomeado AE, ele afirma, talvez com certa ironia, que a complexidade do dispositivo do passe é tão grande, que ele quase parece ter sido feito para fracassar. Contudo, é bem sabido, o próprio Lacan o afirmou em certas ocasiões, que a complexidade de seu dispositivo é a complexidade do chiste.

## ESTRUTURAS HOMÓLOGAS: O CHISTE E O PASSE

Um processo chistoso, tal como Freud o define na terceira grande obra da sua trilogia do Simbólico: *Traumdeutung* (1900), *Psicopatologia da vida cotidiana* (1901) e *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905), é uma formação do inconsciente que, diferentemente das demais, não isola o sujeito de seus congêneres, ao contrário, o socializa. Talvez se possa mesmo dizer que coletiviza. O chiste realiza um trabalho com as palavras cujo resultado precisa ser comunicado, pois, como salientou Freud, é um processo que requer no mínimo três pessoas: a primeira que fala, a segunda de quem se fala e a terceira, a “pessoa de fora”, em quem o chiste se conclui, conclusão muitas vezes denotada primeiramente pelo riso.

Freud observa que a segunda pessoa é mais falada do que falante, pode estar presente ou ausente, aproximando-a, portanto, da presença de uma ausência. Uma hiância ou um furo que move este processo que

ocorre entre o sujeito e o Outro. Mas o segundo é também, de certo modo, o elemento “passador” por meio do qual se processará a passagem do sentido ao *nonsense*, o esvaziamento de sentido que sucede de imediato sua inflação. Freud (1905, p. 117) observa com fineza que a técnica verbal do chiste consiste em focalizar nossa atitude psíquica no som da palavra, e não no seu sentido. Ele não cansa de acentuar que a fórmula do chiste é *o sentido no nonsense*<sup>3</sup> (LACAN, 1957, p. 90). Nos termos de Lacan, trata-se do significante da espirituosidade, cuja brevidade é responsável por gerar no ouvinte um efeito cômico. Porém, mais do que isso, “o que se produz entre mim e o Outro, no momento da tirada espirituosa, é como uma comunhão toda especial entre o pouco-de-sentido e o passo-de-sentido” (*Ibid*, p. 123).

Há uma verdadeira economia pulsional, quer seja de agressividade ou de erotismo, os afetos deslizam na metonímia significativa, tornando desnecessária a passagem ao ato. O riso atesta que o Outro, que sanciona o chiste, pertence à “mesma paróquia<sup>4</sup>” de quem o pronuncia (*Ibid*, p. 127). Pergunto-me se podemos dizer que compartilham um mesmo grupo linguístico, e que suas línguas apresentam elementos em comum. É claro que não podemos pensar que dois sujeitos compartilhem a mesma língua imaginária, uma das primeiras definições lacanianas da neurose, mas, se a efetivação do chiste depende do uso de um mesmo Código, se há uma leitura comum dos significantes empregados, há, com certeza, um bom encontro no real cuja evidência é justamente o riso.

Em *Televisão*, encontramos mais uma interessante observação de Lacan (1973) acerca do riso. “Quanto mais somos santos, mais rimos”, pronuncia ele, não sem fazer a ressalva de que esta importante arma do analista contra o discurso do capitalismo será, no entanto, inócua, se ficar restrita a um pequeno número de pessoas. Tal comparação do

---

<sup>3</sup> Em itálico no original.

<sup>4</sup> Termo a respeito do qual Lacan faz um interessante comentário, na lição de 11 de dezembro de 1957, do *Seminário 5*, assinalando que ‘paróquia’ deriva de ‘paródia’, termo que surgiu com o cristianismo, indicando as pessoas que vinham de fora, que tinham suas raízes em outro mundo; em grego, o vocábulo correspondente à paróquia, designava o intendente a quem os funcionários do Império tinham que se dirigir para obter o que desejavam.

---

psicanalista com o santo nos parece uma analogia bem delimitada, e Lacan a explicita nos termos de seres falantes que estão pouco se lixando para a justiça distributiva, por isso não fazem caridade. Psicanalistas não são bons samaritanos, não são partidários do mandamento cristão que profere “amor ao próximo como a si mesmo”. Não se trata de uma objeção ao amor, longe disso! Trata-se de não enaltecer o amor narcísico, cujo espelhamento e cuja cegueira Freud foi o primeiro a denunciar. Em suas palavras, “o apaixonado é humilde” e “na cegueira do amor, a falta de piedade pode ser levada ao diapasão do crime” (FREUD, 1921, p. 143). De forma semelhante, Lacan (1973), que discorda de Kant e seu “Suposto direito de mentir”, denunciou o caráter eminentemente sacrificial do amor ao Mestre/Amo e à verdade toda, que só serve ao tirano.

### A TEMPORALIDADE DO CHISTE E DO PASSE

No decorrer de seu livro sobre os chistes, Freud retoma as palavras de Polonius, que demonstram o saber do poeta bardo, Shakespeare, uma vez que ele tanto enuncia que “a fortuna de um gracejo reside no ouvido de quem escuta, nunca na língua de quem o faz”, quanto ressalta que “a brevidade é a alma do engenho, e o tédio seu corpo e seu ornato.”<sup>5</sup>

No dispositivo do passe, se os passadores são a língua, os membros do cartel são apenas o ouvido. E aqui se introduz mais uma característica desta formação do inconsciente: a função da pressa, tão celebrada por Lacan (1945) em seu sofisma sobre o tempo lógico: *O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada*, bem como em suas referências mais tardias acerca do inconsciente poeta. E, ainda, em seu “lamento”, se assim pudermos nos expressar, de não ter sido *poâte assez* (*poète + hâte + assez*), isto é, não ter tido a pressa, ou melhor, a prontidão que tanto caracteriza o poeta (Lacan, 1976).

No meio deste longo intervalo, de 1945 a 1976, Lacan lança sua *Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola*, na qual se afirma que:

O passador já vai passar, mas ainda não passou. Portanto, ele/ela é aquele/aquela em quem está presente o des-ser, mas, ao mesmo

---

<sup>5</sup> *Hamlet*. Portugal: Lello & Irmão Editores, ato II, cena II, p. 94.

tempo, ainda está ligado ao desatar de sua experiência pessoal na análise. Está no processo de passagem e, por isso, ele/ela é o passe (LACAN, 1967b, p. 39).

A referência de Lacan ao des-ser nos remete a outra passagem de *Hamlet*, em particular a dois personagens específicos, *Rosencranz* e *Guildestern*, dois companheiros de infância de Hamlet, convocados pelo novo rei, para acompanhá-lo em uma viagem da Dinamarca a Londres, em cujo percurso deveriam decapitá-lo. Mas o resultado, como se sabe, foi deveras diferente, pois os dois ‘amigos’ de Hamlet sequer desconfiavam que este enxergava neles “duas esponjas que, se fossem apertadas, deixariam vaziar todo o conteúdo”. É isto que se espera do passador, e nenhuma sábia elucubração.

Na *Proposição de 9 de outubro*, Lacan (1967a) aborda o final da análise como a “destituição subjetiva” que, a rigor, já estava “gravada no bilhete de entrada”. Se há uma equivalência entre o des-ser e a “apreensão do desejo”, podemos indagar por que razão o desejo se apreende como des-ser. Diremos, então, que já não se trata do desejo como desejo de desejo ou desejo do Outro consistente, mas como o ato de que se há de dar conta como o inessencial do sujeito suposto saber, o significante qualquer do analista, a particularidade no sentido de Aristóteles.

## TESTEMUNHOS DE MAZZUCA

Em continuidade, gostaria de destacar alguns pontos de “Testemunhos do passe”, artigo de Marcelo Mazzuca que se pode ler na Revista Folhetim do Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro, número 17/18. O primeiro deles diz respeito à baixa porcentagem de nomeações de AE, que vem se mantendo estável ao longo de todos esses anos de efetivação do dispositivo do passe em nossa Escola. Segundo ele, essa porcentagem variaria entre 10 a 20 por cento das demandas de entrada no dispositivo. Um segundo ponto é sua observação de que este número lhe parece satisfatório, ou, pelo menos, coerente, uma vez que a complexidade do dispositivo, como dissemos acima, o predispõe à falha. Isto assim se explicaria: há toda uma série ou cadeia de encontros que começa nos encontros do passante com os passadores, cujo número não é pré-estabelecido, podendo, então, variar bastante de um

---



passa para outro. Há o encontro dos passadores com o cartel do passe, e dos membros do cartel entre si, nos dois casos, não há novamente nenhum número pré-estabelecido de encontros. A pergunta que então se coloca é: como não haver desencontros em tantos encontros? A bem da verdade, prossegue ele, alguma coisa pode ir mal desde o encontro do candidato a passante com o Secretariado do passe.

Um terceiro ponto a ser destacado diz respeito ao fato de que há sempre algo de intransmissível na própria psicanálise, como Lacan enunciou em 1978. Considerando-se que a transmissão não é ensino, que sempre se ensina a partir de um ponto de não-saber ou de “douta ignorância”<sup>6</sup>, como fisgar o desejo do analista? Como pescar alguma coisa que, se por ventura se transmite, está do lado de fora da teoria e da doutrina?

Um quarto ponto, igualmente mencionado por Mazzuca, diz respeito à sua conclusão de que, se nos é impossível conceber uma “clínica do passante”, talvez não o seja no que tange a uma “clínica do dispositivo”. Segundo ele, há uma reclamação frequente dos passadores quanto ao tempo; este lhes parece sempre insuficiente. Então, o autor se pergunta o modo como o tempo se manifesta no dispositivo do passe. Se tomamos o tempo lógico de Lacan: o instante de ver// o tempo para compreender// o momento de concluir, podemos observar que as duas escansões que nele se encontram entre o primeiro e o segundo e entre o segundo e o terceiro tempos, tornam-se mais claras e evidentes, justamente quando as aproximamos da estrutura do chiste, nos termos com que Lacan (1973-74) as enuncia em seu *Seminário, livro 21: os não-tolos erram*: o instante de ver// a coisa a ser compreendida// o momento de concluir.

Depois de ter escutado aproximadamente 20 passadores, evidenciou-se a Mazzuca que o tempo que o cartel do passe lhes dedica não é suficiente. Se a função da pressa deve ser levada em conta, se ela é mesmo necessária ao momento de concluir, há também o fato de que, no dispositivo, “o que fica sintomatizado é o passador”. O passador é

---

<sup>6</sup>Sintagma que Lacan extrai da obra homônima do bispo católico Nicolau de Cusa (1401-1464), como explicitando não o “horror ao saber”, que, por vezes, caracteriza a neurose, mas um limite do saber sabido que consiste em um ponto de não-saber.

afetado em seu corpo. Marcelo Mazzuca e Julieta Batista, em conjunto, se dispuseram ao exercício lúdico de adjetivar o passador e assim concluíram numa pequena série: o passador fascista, o passador inibido, o passador dividido. Este último corresponderia àquele que tem mais condições de exercer a função de passador.

### A TOPOLOGIA DO DESEJO E A PERFORMANCE

Voltemos ao chiste, para lembrar que esta foi justamente a formação do inconsciente escolhida por Lacan, para abordar a topologia do desejo. O efeito do chiste não é necessariamente o riso ou a gargalhada. Um chiste que causa mal-estar ainda assim transmite uma verdade, embora não saibamos que verdade é essa. A estrutura do inconsciente funciona no dispositivo do passe como um chiste, será, então, o passe um chiste de Lacan? O inconsciente se distrai, Isso (*Es*) passa e se realiza em ato. Há bons e maus passadores, como há bons e maus passes. E ainda segundo Mazzuca, a impressão que se tem é que os passadores estão frequentemente em (im)passe, não no sentido de obstáculo, mas de com(passo) de espera.

Para finalizar esta breve apresentação, gostaria de citar também um artigo de Elisabete Thamer, que se encontra na Revista *Wunsch* 21 e se intitula “Passe, testemunho, tradução”. Ela considera que há algo de incalculável na função do passador, pois este tanto pode enfraquecer, como pode aumentar o poder retórico do relato do passante. Se entendemos que a Retórica é sobretudo uma fala que objetiva convencer um público/júry, há, então dois grandes obstáculos à transmissão no dispositivo do passe. Alguém que conta algo para alguém que conta para um outro, isso nos remete ao bem conhecido jogo de salão denominado “telefone sem fio”, e conhecemos bem a enorme distância que por vezes se interpõe entre a palavra da partida e a da chegada. Porém, aquilo que se perde é, sobretudo, o encontro de corpos passante/passadores, e a eventual sedução ligada ao corpo da testemunha/passante.

Em seu *Discurso na Escola Freudiana de Paris*, Lacan (1967c/2003, p. 268) se referiu à impossibilidade estrutural de transmitir pela fala articulada o que é central na experiência psicanalítica, chamou-a de “aporia de sua demonstração”. Pode-se dizer que um passe que resulta em uma nomeação é uma “performance de transmissão” bem

---

sucedida, conforme a definição que Bárbara Cassin propõe para o vocábulo ‘performance’: “o que se mostra aí”, implicando a noção de acontecimento, de fala que produz um acontecimento (CASSIN apud THAMER, 2021, p. 57). Afinal, se o(s) passadore(s) realizar uma autêntica “performance de transmissão”, haverá nomeação de AE e, conseqüentemente, instaura-se na comunidade um corte temporal, passa a existir um antes e um depois.

## Referências

- CASSIN, B. **Quand dire, c'est vraiment faire.** Homère, *Gorgias et le peuple arc-en-ciel*. Paris : Fayard, Ouvertures, 2018.
- FREUD, S. (1900) **A interpretação dos sonhos**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- FREUD, S. (1901) **A psicopatologia da vida cotidiana**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- FREUD, S. (1905) **O chiste e suas relações com o inconsciente**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- FREUD, S. (1921) **Psicologia das massas e análise do eu**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- LACAN, J. (1945) O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. In: **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- LACAN, J. (1957-58) **O Seminário, livro 5: As formações do inconsciente**. (Tradução de Vera Ribeiro; revisão de Marcus André Vieira) Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- LACAN, J. (1967a) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- LACAN, J. (1967b) Proposição de 9 de outubro de 1967. In: **Letra Freudiana, Escola, Psicanálise e Transmissão**, Ano I, n.0, p.29- 42, 1987. Revista de circulação interna.
- LACAN, J. (1967c) Discurso na Escola Freudiana de Paris. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, pp.265-287.
- LACAN, J. (1973) Televisão. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- LACAN, J. (1973-1974) **O Seminário, livro 21: Os não-tolos erram/Os nomes do pai**. (Organização e Tradução de Frederico Denez e Gustavo Capobianco Volaco). Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.
-

- LACAN, J. (1977) **Le Séminaire, livre XXIV**: L'insu- que-sait de l'une-bévue s'aile à mourre. Lição de 17 de maio de 1977. (Seminário não publicado)
- MAZZUCA, M. Testemunhos do passe. **Folhetim**. Revista do Fórum do Campo Lacaniano do Rio de Janeiro, 2019, n.17/18.
- SHAKESPEARE, W. (1603) **Hamlet**. Portugal: Lello & Irmãos Editores, 2003.
- THAMER, E. Passe, Testemunho, Tradução. WUNSCH 21. **Boletim Internacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano**, março 2021. Divulgação *online*.

---

# O QUE ENSINA A EXPERIÊNCIA<sup>1</sup>

Maria Vitoria Bittencourt<sup>2</sup>

Para esta exposição, vou me apoiar primeiramente na minha experiência no cartel do passe para em seguida evocar algumas observações de um seminário no Fórum Rio de Janeiro.

Particpei duas vezes da Comissão Internacional de Garantia (CIG): primeiramente em Paris em 2006, e depois no Brasil em 2012. Posso afirmar que foram duas participações bem diferentes por diversas razões. Na primeira experiência participei de três cartéis ditos efêmeros, onde os membros do Cartel eram sorteados a cada vez para ouvir os testemunhos dos passadores. Dessa experiência teve como resultado duas nomeações de Analista de Escola (A.E.) assim como tive a oportunidade de trabalhar com vários colegas do CIG embora os encontros ocorriam somente por ocasião dos testemunhos.

Na segunda experiência o cartel era permanente, ou seja composto pelos mesmos colegas, o que nos deu ocasião de vários debates e encontros, resultando no produto de um trabalho “Passe e história” redigido por David Bernard e publicado na Wunsch 18.

Atualmente os cartéis funcionam tanto de maneira efêmera — para ouvir testemunhos — como de modo permanente para o estudo de temas relativos ao passe. Essa mudança demonstra que a experiência do passe em nossa Escola tem evoluído de maneira produtiva, mostrando como estamos num *work in progress* — *is a-live*.

Para essa apresentação, resolvi dar ênfase ao ensino a partir da minha experiência numa tentativa de responder à demanda de Lacan de comunicar seus resultados à Escola.

---

<sup>1</sup>Texto apresentado no Espaço Escola no Fórum São Paulo, em maio de 2021.

<sup>2</sup>Psicanalista. AME da EPFCL. Mestrado de psicanálise na Universidade Paris VIII. Especialização em Psicopatologia na Universidade Paris V Sorbonne.

Na primeira participação em 2006, foi levantada uma questão importante no que se refere ao passe — a prova pelo afeto de satisfação, introduzida em 1976 por Lacan no “Prefácio à edição inglesa do Seminário 11”: “a satisfação que marca o fim da análise” (LACAN, 1976/2003, p. 568). Afeto que tem como correlato o entusiasmo introduzido por Lacan na Nota Italiana. Vários colegas apresentaram respostas diversas a essa questão que até hoje nos interroga.

Esses dois afetos — satisfação e entusiasmo — surgiram para mim logo na minha primeira experiência de Cartel do passe onde a decisão de nomear o passante A.E. se deu de uma forma quase que instantânea, em que todos os membros do cartel chegaram ao mesmo tempo a uma mesma conclusão, não sem uma certa satisfação. Depois da saída do segundo passador, havíamos decidido pela nomeação. Fato curioso, havíamos concluído a partir de um único testemunho, pois o primeiro passador não havia conseguido passar seu testemunho. Mesmo assim, havia sido transmitida uma modificação no passante em sua relação à psicanálise. Essa decisão me levou a trabalhar sobre a satisfação no chiste — ideia que Vera Pollo havia apresentado em Buenos Aires, sendo o chiste que serviu de modelo para Lacan na sua Proposição do passe.

Podemos supor que no dispositivo do passe nós temos o modelo do chiste na disposição dos diferentes parceiros — o passador, o passante e o cartel. O passador, enquanto primeira pessoa, é aquele que enuncia os ditos a propósito do objeto do chiste, aquele que está “impelido a comunicar”: ele é designado para essa função, daí a importância do fato que se trata não de um escrito, mas da narrativa de um testemunho. O passante está como objeto do qual se fala. O cartel é a *dritte Person* — o público, “o auditor inativo” segundo Freud que recebe o “presente da palavra”, a criação linguageira que teria a capacidade de franquear o impossível de dizer. Seria esse franqueamento aquilo que traz a satisfação do cartel? Onde fica a satisfação do passante e do passador?

Naquilo que diz respeito ao nosso cartel, o testemunho permitiu verificar a modificação do discurso, fato esse que não foi sem consequência para a vida do passante e sua posição de analista. A partir de seu trabalho sobre um equívoco de linguagem, ele demonstrou como o franqueamento das identificações permitiu modificar o gozo do sintoma, transformando-o numa satisfação mais banal. O trabalho efetuado pelo

---

passante sobre um significante, similar à produção de um chiste, provou a maneira como se operou a queda daquilo que ele definiu como uma paixão pela verdade dos significantes maternos. A narrativa não dizia respeito ao gozo do blá-blá-blá mas uma demonstração do passe como reconciliação com a posição do falasser, reconciliação com “esse coração em mim mesmo que é aquele de meu gozo, do qual eu não ousou me aproximar” (LACAN, 1959/60, 1986, p. 219).

Mas não era um chiste que o passante estava propondo em seu testemunho, era o trabalho ao redor do sonho, considerado como fundamental e que abriu a via em direção aos equívocos da lalíngua onde nada sobrava além de uma letra morta que fez cair as máscaras da fantasia.

Além disso, fiquei bastante surpresa: nos diversos testemunhos de passe, o sonho, ou os sonhos, eram sempre apresentados para descrever um momento de virada da análise, um momento de passe. Dessa constatação na experiência do passe, o efeito foi me fazer trabalhar, pois produzi alguns textos sobre o sonho — “O sonho: via régia?” (BITTENCOURT, 2008), “Inconsciente: trabalhador ideal” (Bittencourt, 2009) “Uma via da satisfação” (BITTENCOURT, 2010). Seria o sonho uma via real ao inconsciente segundo Freud? Ou poderíamos pensar com Lacan que o sonho é ele mesmo uma interpretação como desejo de dar um sentido? Nesse caso, o sonho deixaria de ser uma via para um novo despertar.

É verdade que, nos testemunhos dos passadores, se tratava antes de sonhos onde a presença do analista, com sua interpretação, trazia uma outra dimensão — aquela de um despertar, que nunca se dá sem evocar uma certa relação com o real. Num deles, a partir de uma interpretação do analista, o efeito foi o surgimento de uma fórmula da lalíngua, carregada de gozo. Portanto, um sonho pode tocar o real do inconsciente, não porém sem a presença do analista. Foi isso que um passante nos mostrou — um sonho que faz surgir um significante da lalíngua, língua esquecida que permite aceder ao sentido do sintoma. A dimensão do gozo pôde ser atingida graças à lalíngua, tocando o real do sintoma reduzido a uma letra — via mais curta — onde se revela o modo pelo qual o sujeito goza de seu inconsciente — singularmente e realmente.

De outro lado, a meu ver, há uma satisfação do cartel. Escutar os testemunhos num trabalho coletivo, fundado em ‘afinidades psíquicas’,

---

não deixa de trazer certo entusiasmo. Afinidades psíquicas é um termo que Freud propõe no chiste quando afirma que o chiste passa melhor quando existe uma “maior afinidade psíquica”<sup>3</sup> entre a primeira e a terceira pessoa. Ou seja, “um acordo profundo no plano psíquico” (FREUD, 1905/1977, p. 174), acordo entre pares engajados pelo mesmo desejo. Uma satisfação no levantar da máscara para o cartel que poderia equivaler a um levantar do peso do sintoma para o passante. Como Lacan nos lembra uma frase de Freud no texto sobre os chistes: “Aquele que assim deixa escapar a verdade, na realidade fica feliz por tirar a máscara” (LACAN, 1966/1998, p. 271).

Através de um trabalho sobre o chiste, passei a me colocar a questão de saber se esta via econômica que o chiste logra estabelecer, não seria aplicável à via do sintoma no final da análise. O sintoma reduzido a uma letra que seria obtida graças ao trabalho da interpretação do analista, trabalho análogo ao do chiste: um produto de equívoco linguageiro.

No segundo cartel do passe, em 2012, não teve nenhuma nomeação. No entanto, os testemunhos nos levaram a tentar o que Lacan em sua Proposição chamou de trabalho de doutrina para “fechamento de uma experiência” (LACAN, 1967/2001, p. 261). Assim pudemos verificar em nossos encontros, através de surpresas e questionamentos nos diferentes testemunhos, as diferenças e ressonâncias que surgiram entre os testemunhos: eis o que o passe nos ensinou. Para isso foi preciso um tempo, tempo para uma experiência se registrar, se escrever e o cartel tomar posição de leitor.

Fechar uma experiência supõe, então, a necessidade de escrevê-la, para proceder não somente a uma acumulação da experiência mas também “sua elaboração, seriação de sua variedade, uma notação de seus graus”, como diz Lacan em sua Proposição (LACAN, 1967/2003, p. 261). Condição necessária para que a experiência analítica do passe possa ser interrogada e ensinada, fora de um saber pré-estabelecido.

Nessa experiência, um ponto chamou nossa atenção: a presença reiterada de cenas infantis, e sua importância para a análise do passante. Muitas vezes, tratava-se de um instante que fez efração para o sujeito e determinante para seu sintoma, cenas onde encontramos um gozo

---

<sup>3</sup>Termo que se refere a um título de Goethe “As afinidades eletivas”.



que está em jogo, seja gozo do sujeito ou de um parceiro familiar para o sujeito. Nessas cenas de encontro com o gozo, muitas vezes causando surpresa, surge um veredito significativo, vindo do lugar do Outro para não somente reduzir o sujeito mas re-nomeá-lo. Duas formas desse veredito: um “ você é...” ou mais frequentemente um apelido dado ao sujeito. Essas re-nomeações vieram identificar o sujeito a esse traço de gozo na sua relação ao outro, dividindo-o, onde diferentes afetos foram narrados: vergonha, angustia, culpa...

A frequência dessas cenas levantou 2 questões: primeiramente o enodamento entre evento de gozo e seu correlato significativo: em seguida as cenas fazem a história do sujeito — as cenas primitivas.

Retomando Freud, pudemos constatar que todas remetem ao encontro da criança com o gozo enigmático, que será interpretado como interdito. A cena então viria assim historicizar essa primeira experiência enigmática de gozo. Freud afirma que, mesmo que essas cenas não apareçam em análise, o sujeito as inventaria, testemunhando de uma necessidade da neurose. Cenas seriam fabricadas e completadas pela fantasia demonstrando dessa maneira que não há história sem trauma e seu efeito de nomeação para o sujeito. Por que essa necessidade?

Os testemunhos nos mostraram a dimensão imaginária dessas cenas, o instante de ver, instante que retorna ao sujeito do lugar do Outro como veredito. Tiramos daí a conclusão de um efeito da estrutura, ou seja, o efeito de castração que o significativo impõe sobre o corpo na experiência de gozo. Efeito tipo um soco do significativo na destituição do sujeito da identificação fálica e na sua identificação ao nada. Sem esquecer como o sujeito contribui ele mesmo para essa re-nomeação.

Alguns passantes puderam indicar como sua análise permitiu não somente decifrar essa marca de gozo mas também compor de outra maneira na sua vida cotidiana e no seu lugar de analista. A questão da articulação entre esse traço de gozo e o desejo do analista, incluindo no estilo de sua prática, foi colocada por vários passantes. Todavia, a passagem de um ao outro não nos pareceu claramente para concluir a uma nomeação. Assim, os testemunhos do passe nos ensinaram a reinterrogar o que faz a experiência analítica.

Gostaria agora de destacar algumas observações tiradas do Seminário de Escola que realizei em 2013. Convidei vários colegas que

---

participaram da experiência do passe em diferentes lugares — passantes, passadores e membros do Cartel — para relatar conclusões de suas experiências.

De todas essas apresentações, não posso deixar de tirar um fio condutor em todos esses trabalhos: o passe como experiência preciosa de ensino da psicanálise, ensino como transmissão da psicanálise a ser distinguido da aprendizagem. Na última lição do Seminário Mais ainda, Lacan, num paralelo entre análise e a experiência do rato no labirinto, faz a distinção entre esses dois termos: uma coisa é aprender a apertar um botão, outra coisa é cernir o mecanismo que produz esse ato (LACAN, 1972-73/1982, p. 191). Daí sua intervenção no Congresso da EFP de 1973 sobre o passe, ao afirmar que uma análise implica na conquista de um saber (que estava lá bem antes), o saber inconsciente e o sujeito pode certamente aprender como esse “truc” se produziu, nesse sentido que a análise é didática (LACAN, 1973). Eu acrescentaria — nesse sentido — que o passe é didático. Esse ensino cada vez é inédito pois cada testemunho traz seu próprio estilo, sua marca na confrontação com o impossível a dizer, como num dos casos passou justamente por um chiste. Assim, temos o efeito epistêmico da experiência do passe: pensar a psicanálise e também um empuxo à elaboração posterior à experiência. Daí o cuidado extremo a evitar que o passe se contamine com o discurso universitário, o saber no lugar do mestre.

Poderíamos dizer que o passe ensina mais do que apenas a emergência do desejo do analista, embora esta seja a grande questão, pois não somente o desejo é incompatível com a palavra mas ainda o desejo, assim como o ato, não podem funcionar como predicado.

Outro ponto abordado nesse seminário: a questão da nomeação. Se o valor do passe estivesse na nomeação, não existiria mais esse dispositivo. No início da experiência se lamentava de pouca nomeações em relação às demandas de passe. Mas estaríamos na dimensão do experimento, no apertar um botão, pois o precioso é o dizer que não tem modelo, nem figura, onde a falta a saber é o motor da elaboração. Ficou claro para mim, não só nesse seminário como também nos diversos textos que reli sobre esse ponto, que a nomeação não é o objetivo principal da demanda do passe. Antes de tudo, aqueles que se arriscam a testemunhar, que demandam testemunhar, evocam um empuxo à

---

transmissão como efeito de um momento de passe em sua análise a ser compartilhado com a Escola, numa proposta de uma transferência de trabalho. Li num texto uma frase engraçada: a nomeação seria a cereja sobre o bolo, mas a ausência da cereja não fazia o bolo desaparecer.

Num texto sobre o passe, Colette Soler afirma que nomear A.E. não é nomear analista. Não se diz “você é analista” nem “você tem o desejo do analista” (SOLER, 2010 p. 15). Portanto é preciso acentuar o que foi transmitido como ponto de mudança de posição ou de termo de uma análise. E isso só pode ser verificado pelas suas consequências pois só se pode avaliar as condições para que a passagem ao desejo do analista tenha se tornado possível.

O objetivo do Cartel do passe é evitar a paralização do pensamento psicanalítico, daí a considerar seu suposto fracasso. Soler retoma uma afirmação de Lacan em R.S.I. para confirmar sua tese: existem dois analistas: aquele que tem efeitos na cura (que se ocupa dos analisantes) e aquele que pensa esses efeitos, tenta elaborar o saber da experiência. Colette Soler propõe chamar esse último de analisante pois pensar a psicanálise é estar em posição analisante, não de sua análise, mas da experiência analítica. Analisante tal como o passante. Assim traduz a frase de Lacan “ Não paro de fazer o passe”. Lacan insistia nesse trabalho pois visava a psicanálise em intensão — interrogar sua prática — assim como a psicanálise em extensão, seu lugar no mundo, seu futuro no discurso pois é só com o discurso analítico que se verifica o inconsciente. Pensar a psicanálise num pequeno grupo, para que cada um pense por si mesmo, sem se extraviar, divagar, senão entramos num discurso delirante. Eis um ensino da experiência no Cartel do passe.

## Referências

- BITTENCOURT, M. V. **Le rêve: voie royale?** Cahier du Collège Clinique de Paris, EPFC, Paris, 2008.
- BITTENCOURT, M. V. **L'inconscient : travailleur idéal.** Mensuel n.44 de l'EPFC, pôle 14, Paris. Traduzido em Stylus n.18, Associação do Campo Lacaniano, Rio de Janeiro, 2009.
- FREUD, S. (1905/1977) Os chistes e sua relação com o inconsciente. In: LACAN, J. (1959/60, 1986). **Le Séminaire Livre VII L'éthique de la psychanalyse**, Seuil, Paris.

LACAN, J. (1966/1998). Função e campo da fala e da linguagem. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

LACAN, J. (1973) Intervention sua la passe. In: **Lettres de l'Ecole Freudienne de Paris** n°XV , Paris, Ornicar 12/13.

LACAN, J. (1976/2003). Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SOLER, C. **La passe reinventée**. *Mensuel* n.54, Epfcl, Pôle 14, Paris, 2010.

---

# CARTEL E PASSE DISPOSITIVOS ESTRUTURAIIS DA ESCOLA DOS FÓRUNS DO CAMPO LACANIANO<sup>1</sup>

Andréa Hortélio Fernandes<sup>2</sup>

Com o intuito de abordar o cartel e o passe como dispositivos estruturais da nossa Escola, acreditei ser interessante retomar dois textos nos quais Freud e Lacan vão fazer alusão à formação do psicanalista. A partir deles tentarei examinar em que medida o cartel e o passe podem ser considerados como uma resposta, formulada por Lacan, para lidar como o real em jogo na formação dos psicanalistas.

O primeiro deles é o texto *Sobre o ensino da psicanálise na universidade* (1919). Freud publica este texto após a primeira guerra mundial, e pouco antes dele formular a pulsão de morte que mais tarde possibilitará à Lacan desenvolver a noção de gozo, como algo inerente ao falasser. Neste texto a dimensão do gozo é articulada à prática clínica, tanto que Freud considera como indispensável que a pesquisa possa se dar não só sobre a psicanálise, ou seja, a partir de textos, mas também a partir da experiência clínica da psicanálise, para tanto era necessário o acesso à clínica realizada em ambulatórios ou nas internações.

O campo da prática é visto, desde então, como fundamental por convocar o manejo da transferência na condução dos casos. Assim a psicanálise se insere como uma prática distinta da psiquiatria na qual

---

<sup>1</sup>Texto apresentado no Módulo de Transmissão Cartel faz Escola: fundação e transmissão, no FCL-SP, em 07 e 14 de junho de 2021.

<sup>2</sup>Psicanalista, AME da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano, Membro do Fórum Salvador da EPFCL-Brasil, Doutorado em Psicopatologia Fundamental e Psicanálise (Paris 7), Professora da Graduação e da Pós-Graduação do Instituto de Psicologia (UFBA), Membro do GT: Psicanálise, Política e Clínica (ANPEPP). E-mail: ahfernandes03@gmail.com.

os estudantes eram ensinados “a simplesmente reconhecer uma série de entidades patológicas e levados a distingui-las entre curáveis e não curáveis” (FREUD, 1919, p. 219), para tanto se referendavam nos livros e hoje nos manuais classificatórios das doenças mentais.

Com a noção de transferência, Freud traz para o cerne da formação do analista o real, pois ele sempre insistiu de que o tratamento psicanalítico se dá sob abstinência, não se trata de se colocar no lugar do analisante e daí sugestioná-lo ou orientá-lo. Daí ser possível compreender porque Freud (1919, p. 218) diz que “o psicanalista pode prescindir completamente da universidade sem qualquer prejuízo para si mesmo”. A experiência prática, segundo Freud, pode ser adquirida na própria análise pessoal, assim como, nos tratamentos conduzidos pelo praticante da psicanálise sob supervisão de psicanalistas com maior experiência na clínica. É desta forma que Freud institui o seu tripé para a formação do psicanalista: análise pessoal, prática clínica supervisionada e estudo teórico.

Já no que diz respeito a Lacan, tomo por referência o texto *Proposição* de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. Nele Lacan anuncia que irá “tratar de estruturas asseguradas na psicanálise e de garantir sua efetivação no psicanalista” (LACAN, 1967/1998, p. 248). Este texto é enunciado em meio ao movimento que culmina no que ficou conhecido como o de Maio de 1968, que se iniciou, em Paris, com protestos de estudantes insatisfeitos com o sistema educacional francês e motivou a continuidade de movimentos revolucionários em outras partes do mundo.

Além deste texto, o *Seminário XIV: A lógica da fantasia* (1966-1967) nos serve também de referência por possibilitar situar o contexto do ensino, da transmissão e da Escola, assim como, da conjuntura social em que Lacan enuncia a frase segundo a qual “o inconsciente é a política”. Esta pode nos convidar a refletir como a experiência de uma psicanálise tem a potência de reformular os laços do sujeito com o discurso do Outro. Isso faria com que toda psicanálise seja em si didática? Didática por produzir um saber sobre a psicanálise e, sobretudo, sobre a análise do analisante.

O ano de 1967 é o ano no qual Lacan apresenta a proposição do passe para o psicanalista da Escola e tal fato, ao meu ver, está diretamente

---

associado à frase “o inconsciente é a política” (LACAN, 1967-1968, inédito). As manifestações na França se inserem num contexto social global muito tenso e como disse antes, culminam para o Maio de 1968. A Guerra do Vietnam (1958-1975), em 1968, estava na sua fase mais violenta. Desde então os episódios da guerra já eram transmitidos em tempo real, e isso produziu uma avalanche de artigos com críticas assim como uma série de protestos que questionavam o conflito armado, como também questionavam a supremacia bélica<sup>3</sup> e política dos EUA.

É possível afirmar que o poder fálico atribuído aos EUA<sup>4</sup> foi profundamente atingido e isso se propagou à ponto de levar a não indicação do presidente Lyndon Johnson para a reeleição como presidente<sup>5</sup>.

Trouxe a questão fálica e por este viés que gostaria de adentrar na perspectiva de entender como Maio de 1968, “tornou-se [o] ícone de uma época onde a renovação dos valores veio acompanhada pela proeminente força de uma cultura jovem”<sup>6</sup>. Sobre isso, em 2 de maio de 1968, estudantes franceses da Universidade de Nanterre fizeram um protesto contra a divisão dos dormitórios entre homens e mulheres. Na verdade, esse simples motivo vinha arraigado de uma nova geração que reivindicava o fim de posturas conservadoras. Logo, o Maio de 68 pode ser visto como desdobramento de toda uma série de questões já propostas pela revisão dos costumes feita por lutas políticas, obras filosóficas e a euforia dos protestos juvenis.

O que as manifestações de Maio podem nos auxiliar na compreensão sobre por que Lacan propõe sobre o passe e o cartel como dispositivos estruturais da nossa Escola?

---

<sup>3</sup> Outra cena que marcou o conflito foi a invasão do prédio da Embaixada dos Estados Unidos, no Vietnã do Sul. Essa ação foi de fundamental importância para que a opinião pública internacional começasse a desconfiar sobre a supremacia bélica dos Estados Unidos. Protestos de universitários e grupos políticos em todo o mundo começaram a questionar a validade da ocupação dos EUA naquela região.

<sup>4</sup> Filme “Os 7 de Chicago” protesto pacífico em 1968 que a acusação de conspiração dos participantes.

<sup>5</sup> Johnson ascendeu à presidência após o assassinato de Kennedy em 22 de novembro de 1963, completando o mandato de Kennedy e sendo eleito por conta própria com uma grande margem na eleição de 1964 ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Lyndon\\_B.\\_Johnson](https://pt.wikipedia.org/wiki/Lyndon_B._Johnson)).

<sup>6</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Maio\\_de\\_1968](https://pt.wikipedia.org/wiki/Maio_de_1968). Acesso em: 16 set. 2022.

Em *Televisão* (1974) é feita uma pergunta para Lacan sobre ele ter dito aos universitários, em Vincennes, em 1968, que “como revolucionários eles [aspiravam] a um mestre” (LACAN, 1974, p. 532). Lacan retoma este assunto no texto *Sobre o Passe* (1975). Ele situa o episódio considerando que “as leis ordinárias do grupo” fazem com que seja “absolutamente necessário, sempre, que se manifeste o mestre” (Ibid, p. 1). Daí ele esclarece que estando em Vincennes, onde ele havia aceitado ir, os universitários “acreditavam que ele ali estava por poderes superiores — por esse motivo acreditavam ser necessário fazer algazarra” — ele responde então declarando “o que vocês querem é um mestre. Vocês o terão” (Ibid).

Lacan continua a aprofundar acerca dos efeitos de maio de 68. Para ele “desde maio de 68, há o fortalecimento do “mercado do saber” (Ibid), pois, como ele próprio já tinha chamado atenção, o saber, no meio universitário, é reduzido a se tornar mercadoria. Lacan vai tecer estas considerações ao sair em defesa do passe no recrutamento dos analistas numa Escola de psicanálise de forma que faça para além do saber científico, próprio do mercado do saber e que atesta o saber como meio de gozo.

Lacan encadeia uma discussão entre o que é possível de ser transmitido pelo psicanalista no passe e o saber na universidade. Ao meu ver, o laço que os une é a possibilidade de que o analista, na universidade, possa propiciar “às ciências [à moda universitária] a oportunidade de se renovarem” a partir do que o analista extrai da sua própria experiência de análise e tenta transmitir na medida do seu saber.

Tudo o que disse até aqui tem relação com o que se transmite em uma psicanálise e para tanto urge lembrar que no que tange à frase “o inconsciente é a política” (Lacan, 1967-1968, inédito). Uma outra referência de Lacan (1958, p. 555) é muito importante, pois esta afirma que “o estado do sujeito (neurose ou psicose) depende do que se desenrola no Outro e isso se articula como um discurso. No caso, o discurso do mestre que tem “a estrutura mesma do inconsciente”, na medida em que aponta para a dependência do sujeito ao Outro do significante. Mas também que a entrada do sujeito na linguagem implica numa perda de gozo que faz com que o sujeito “possa testemunhar a presença do real na origem do seu discurso” (LACAN, 1975, Ibid).

---



Desta forma dois axiomas lacanianos tentam circunscrever a causa significativa e objetual do sujeito. O primeiro: o inconsciente é estruturado como uma linguagem, Lacan o formula no seu retorno à Freud, por este ter sido sensível às manifestações do inconsciente nos sonhos, chistes, atos falhos e sintomas. O segundo axioma entrelaça sintoma e inconsciente, visto que o sintoma é definido como “o modo como o sujeito goza do inconsciente à medida que o inconsciente o determina” (LACAN, 1974-1975, inédito)<sup>7</sup>.

É interessante destacar que antes de enunciar este novo axioma, Lacan (1974-1975, aula de 8 de fevereiro de 1975) no *Seminário RSI* afirma que “o inconsciente pode ser responsável pela redução do sintoma”. Para tanto é preciso que o analista esteja à altura de manejar com o inconsciente real, feito dos detritos das palavras, feito de alíngua.

O inconsciente real não pode ser separado do inconsciente estruturado como uma linguagem pois ele lhe serve de fundamento. Em Freud, ele é circunscrito pela noção do umbigo do sonho, que com Lacan é abordado como o ponto de real presente no inconsciente linguagem de onde será elaborada a noção da ex-sistência em Lacan.

Sobre o umbigo do sonho, Freud (1900, p. 557) o define como:

Mesmo num sonho mais minuciosamente interpretado, é frequente haver um trecho que tem de ser deixado na obscuridade; é que, durante o trabalho de interpretação, apercebemo-nos de que há nesse ponto um emranhado de pensamentos oníricos que não se deixa desenredar e que, além disso, nada acrescenta a nosso conhecimento do sonho. Esse é o umbigo do sonho, o ponto onde ele mergulha no desconhecido.

Qual a relação disto com os discursos e com o saber? Com a teoria dos discursos, Lacan demonstrou como a lógica significativa pode levar a uma deriva significativa, devido ao fato de que um significativo ao representar um sujeito reenvia a um outro significativo que não o representa todo, deixando um resto. O discurso do mestre formaliza isso instaurando a lógica discursiva da linguagem para os sujeitos, sendo a alienação uma escolha forçada na entrada na linguagem.

---

<sup>7</sup>Lacan, J. O Seminário – livro 22: RSI, lição de 18 de fevereiro de 1957, inédito, (p. 37).

O discurso do mestre pode ser pensado como “um certo tipo de cristalização... da estrutura mesma do inconsciente” (LACAN, 1975, Ibid). O inconsciente como saber não sabido convoca do sujeito decifração, esta é a lógica do discurso do mestre. Nela é possível extrair que “saber é meio de gozo” (LACAN, 1969-1970, p. 48). E voltando ao mercado do saber na Universidade, isso faz com que ele seja “objeto de cobiças e de lutas selvagens” (LACAN, 1975. Ibid). Desta forma, o produto do discurso do mestre é tudo aquilo que a ciência, a medicina considera como falha epistemossomática, o gozo, irrupção do real sobre o qual a psicanálise vai se dedicar.

Dando tratamento à questão do gozo, Lacan formaliza que significante é gozo. Daí a importância clínica da operação de separação pela qual há a extração do objeto *a*, o que convoca a habilidade do sujeito em responder pelo seu desejo e pelo seu gozo. Vasto caminho que implica que uma análise demande tempo.

A formação do psicanalista é continuada e isto é referendado pelos *gradus* da Escola presentes no texto *Proposição de 9 de outubro de 1967*. Assim, é bastante importante examinar o papel do cartel na Escola, no que se refere à transmissão do saber da psicanálise que leve em conta o real.

No texto “D’Ecolage” Lacan (1980) fala da importância do cartel no que diz respeito ao tratamento do saber da psicanálise. Neste texto ele aponta que o gozo fálico na análise consome o analisante, por nutrir o sentido do sintoma numa infinidade de sentido e mais sentido. Na análise, gozo fálico e gozo do sentido se coadunam fazendo frente ao real próprio à psicanálise.

De que real estou falando? O real que em Freud recebe o nome de recalque originário e que só podemos ter notícias pelo recalque propriamente dito, logo, não é à toa que a regra fundamental da psicanálise para os analisantes seja a associação livre.

Lacan (1967, p. 249) retoma esse real na *Proposição de 9 de outubro* onde ele diz que “existe um real em jogo na própria formação do psicanalista” e “que esse real provoca o seu próprio desconhecimento, ou até a sua negação sistemática”. Isto sempre foi tão notório para Lacan que, em “Televisão” (1974. p. 516), ele adverte que existem sociedades de analistas que se “não querem saber coisa alguma do discurso que as

---

condiciona”, ele apresenta uma sigla SAMCDA “sociedade de assistência mútua contra o discurso analítico”.

Frente a isso, Lacan não cede de retomar o que Freud colocou como o cerne da experiência psicanalítica, ou seja, que o objeto é para sempre perdido e avança para afirmar que no tratamento analítico, o analista deve estar advertido que o significante é gozo. Isso implica que numa análise possa produzir uma modalização dos gozos.

Tal fato se impõe dado que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, e que, conseqüentemente, o sujeito é levado a atribuir o gozo ao Outro, numa tentativa de pela associação livre dar consistência a um Outro do Outro. Na direção do tratamento o analista intervém, pela interpretação, sem visar o sentido, e desvela que o significante é gozo, que há gozo em falar, um gozo sentido, *jouis sens*<sup>8</sup>. É desta forma que o sujeito pode se colocar a pergunta: esse gozo que eu localizo no Outro é ele meu?

Sobre o gozo, é possível afirmar que a psicanálise muito avançou ao se debruçar sobre a falha espistemossomática da qual a medicina, entre outras ciências, não se ocuparam. Logo a psicanálise necessitou formalizar outros conceitos para dar conta do sentido real do sintoma. Alíngua formaliza-se pela tentativa de abordar o real do sintoma impossível de ser simbolizado e donde decorre toda tentativa de consistência lógica acerca da ex-sistência do sujeito e também do sintoma.

A ex-sistência atravessa a obra de Jacques Lacan e se faz presente na clínica borromeana. A ex-sistência está no centro do nó onde localiza-se o objeto *a* e também nos três gozos: gozo do sentido, gozo fálico e gozo Outro. Com isso, a política do real encontra-se no cerne da experiência analítica, ela é deduzível da frase “o inconsciente é a política”. O próprio Freud se confrontou com isso ao formalizar *das Ding*, a Coisa, como o que resta impossível de ser representado por significantes, mas cujos efeitos ressoam no sujeito.

Retomo à alíngua uma vez que seus efeitos deixam rastros que vão bem mais longe do que o sujeito pode enunciar e tocam no que há de intransmissível numa psicanálise e que diz respeito em certa medida

---

<sup>8</sup>Em francês, gozo, *jouissance* é homofônico à *jouis sens* (gozo sentido).

aos limites do gozo fálico. A relação entre o sintoma e o gozo fálico permite que adentremos nesta questão.

Lacan (1974) define o sintoma, em *A Terceira*, como irrupção dessa anomalia em que consiste o gozo fálico, dado ao fato que é a alíngua, o saber inscrito de alíngua que serve de suporte para o simbólico. E com isso demonstra que o gozo fálico consome o analisante por dar consistência ao sintoma, dessa forma o saber de alíngua ganha sobre o sintoma demonstrando que algo desse saber nunca será reduzido, tal qual Freud definiu o recalque originário, o que configura como “o que do inconsciente jamais será interpretado”, transmissível.

Abordarei o gozo do Outro dado que Lacan (1972-1973, p. 73) situa como estando nele o verdadeiro furo e que com ele somos levados “a interrogar mais uma vez a experiência que pode ser chamada de pré-subjetiva, no sentido do termo ‘sujeito’ e que remete ao gozo do Um, “é a pergunta que daí decorre, em sua forma mais fechada, sob a forma de um significante que se propõe como opaco”.

O que tem relação com o tratamento do retorno do exílio da extimidade do gozo ao corpo tornar necessária a extraterritorialidade da psicanálise em relação à medicina e a outras ciências. A extimidade do gozo com relação ao corpo pode ser pensada através do fato da entrada na linguagem levar à mortificação da Coisa, determinando que para os seres falantes o significante é um traço, porém um traço apagado, dado o recalque originário, em Freud, e a noção de alíngua em Lacan. É no a posteriori, pela elucubração de saber própria ao inconsciente que o sujeito vai se interrogar sobre o inconsciente como saber não-sabido, que se manifesta nos sintomas, atos falhos, chistes, ou seja, na presentificação do saber sem sujeito.

Nos cartéis do passe constatei que, em alguns testemunhos de passe, os passantes falavam da importância de uma interpretação equívoca do analista no final do tratamento. Esta abriu espaço para o que ainda restava a ser concluído pelos analisantes. Marco de um ato analítico que teve por efeito um passe clínico e, em alguns testemunhos, um passe no qual houve nomeação como AE.

Logo, a interpretação conseguiu cernir algo de um real próprio à alíngua e com isso destituiu qualquer esperança, do analisante de pelo simbólico, pelo sentido, reordenar o real do sintoma. O analisante face

---

---

ao efeito despertado pela interpretação que opera pelo equívoco próprio ao lapso e ao chiste constata que “quando o espaço de um lapso já não tem nenhum impacto de sentido, só então temos certeza de estar no inconsciente. O que se sabe, consigo” (Lacan, 1976, p. 567). E isso pode levar o analisante a dar o passo em direção à demanda do passe na Escola.

O que dos cartéis do passe é possível extrair para a proposição de tomar o cartel como meio privilegiado da transmissão da psicanálise?

Retomo um texto de Marcelo Mazzuca (2011, p. 125) no qual ele afirma que a proposta de Lacan para o passe “foi construir um dispositivo particular cujo objetivo central é a elaboração de um saber que funciona como uma caixa de ressonância daquilo que na experiência analítica se apreende através da transferência”. Para Mazzuca, considerar o cartel como uma caixa de ressonância implica em supor que a raiz deste dispositivo, que junto com o dispositivo do passe formam o coração da experiência Escola, é o real na experiência analítica.

A Escola com estes dispositivos espera vislumbrar o real, abordá-lo, sempre pelo simbólico, para daí examinar suas relações com o saber.

O trabalho do cartelizante é um trabalho que não pode ser estabelecido de antemão. Os membros do cartel do passe mantêm uma escuta flutuante para o que passa ou não pelo que é transmitido pelos passadores. Assim como nos cartéis epistêmicos, formados no interior do CIG, as questões norteadoras de cada cartelizante estão articuladas ao ponto em que estão na teoria e na suas análises. Tão pouco é o saber instituído no outro que suporta o trabalho do cartel.

Seria o discurso da histérica que melhor poderia ilustrar o discurso do cartelizante. Este discurso demonstra que o sujeito no lugar do agente tem o objeto *a* como suporte, no lugar da verdade, não-toda e, é esta que impulsiona o agente desse discurso. É somente desta forma que o real inerente ao discurso analítico tem chance de se decantar quando os analistas se dedicam a historizar da melhor forma possível o real que está em jogo na formação dos analistas.

## Referências

- FREUD, S. (1900) **A interpretação dos sonhos**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud), vol. 5.
- FREUD, S. (1919) **Sobre o ensino da psicanálise na universidade**. Tradução sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud), vol. 17.
- LACAN, J. (1958) De uma questão preliminar à todo tratamento possível da psicose. In: **Escritos**. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. (1967) Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In: **Outros Escritos**. São Paulo: Zahar Editor, 2003.
- LACAN, J. (1967-1968) **O Seminário livro 14: A lógica da fantasia**. Inédito. Versão francesa. Disponível em <http://staferla.free.fr/S14/S14.htm>. Acesso em: 28 mar. 22.
- LACAN, J. (1996-1970) **O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 1992.
- LACAN, J. (1972-1973) **O Seminário — Livro 10: A angústia**. Rio de Janeiro: Zahar Editor.
- LACAN, J. (1974) **Televisão**. São Paulo: Zahar Editor, 2003.
- LACAN, J. (1974) A Terceira. In: **Cadernos Lacan**. Porto Alegre: Associação Psicanalítica Internacional de Porto Alegre (circulação interna), 2002, volume 2.
- LACAN, J. (1975) **Sur la passe**. In: *Lettres de l'École freudienne*, 1975, nº 15. Disponível em: <https://psicoanalisis.org/lacan/passe-b.htm>. Acesso em: 29 mar. 2022.
- LACAN, J. **O Seminário livro 22: RSI (1974-1975)**, aula de 18 de fevereiro de 1975, versão brasileira fora do comércio.
- LACAN, J. (1976) Prefácio à edição inglesa do Seminário 11. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2005.
- MAZZUCA, M. El trabajo cartelizante y su relación com a experiência analítica. In: **Ecos del passe**. Buenos Aires: letra Viva, 2011.

---

# UMA DECISÃO INTERNACIONAL<sup>1</sup>

Leonardo Lopes<sup>2</sup>

Explico o título de minha intervenção, seu sujeito decisão e seu predicativo internacional.

Primeiro, evoco “Doze homens e uma sentença” (1957), filme de Reginald Rose, escrito e produzido por Sidney Lumet, sobre doze jurados que devem decidir se um jovem acusado deve ou não ser condenado por um assassinato: onze deles, convictos de que o rapaz é culpado, veem suas certezas abaladas a partir das dúvidas lançadas pelo oitavo jurado — valendo-se da lógica, seu voto é pela absolvição do acusado. Se o tribunal do júri nos interessa, não é pelo assento kantiano de sua política, tampouco pela sua abordagem da verdade e o escamoteamento do desejo (\$) que empreende, desde a convocação “juro dizer A verdade, *somente* A verdade, *nada além* da verdade”, juramento esse que atualmente não se restringe apenas à alçada do juiz, mas que judicializa a vida cotidiana comum.

A política pela qual acontece o passe realiza o que afirma Lacan (1973/2010), sobre servir-se do Simbólico para reter uma verdade, “... mas aquela, *justamente*<sup>3</sup>, com a qual temos de lidar, a de um ‘meio-dizer’, a que evita chegar à confissão, confissão que seria pior, a que se resguarda, desde a causa do desejo” (p. 188). Aproxima-nos dos tribunais, então, esse vocabulário comum, reinventado pelos dizeres de nosso campo, assim nos lembra Dominique Fingermann (2016, p. 105), de que “na Escola Freudiana de Paris (EFP) essa instância chamava-se júri, o que condiz com sua responsabilidade de decisão em três tempos (testemunho-deliberação-sentença). O nome ‘cartel’ surgiu na Escola

---

<sup>1</sup>Texto apresentado no Espaço Escola do FCL-SP em 08/11/2021.

<sup>2</sup>Psicanalista, membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Prática a psicanálise como ofício na cidade de São Paulo.

<sup>3</sup>Destaque do autor.

da Causa Freudiana, e foi retomado assim na experiência da Escola dos Fóruns”. Nesses termos, a responsabilidade dos cartelizantes do passe com uma meia-verdade pode trazer a público uma decisão surpreendente, tal como nos participa Patrick Barillot, ao receber a notícia de sua nomeação: “*o passe não é o fim*”.

Quanto ao internacional, ele encontra seu sinônimo na polifonia da língua, essa heteridade que coloca em ato aquilo que não se pode confessar da experiência do inconsciente, não para comunicá-lo, sim para tocar o impossível de traduzir — para falar desse silêncio de cada vez, é necessário sacar as palavras inauditas, onde reside *justamente* o esforço de trabalho do júri. Por isso, estranho certos tipos de manifestações — as parabenizações, por exemplo — diante de tal decisão, sobretudo no caso da nomeação: afinal, essa resposta se refere ao júri, aos passadores, aos passantes, ou aos AMEs (aqueles que indicam os passadores)?

Fico por aqui com alguns dizeres de Maurice Blanchot (1983/2013, p. 77): “Assim, descobriremos que ela tem também um sentido político competente... abrindo espaços de liberdade desconhecidos” e “...nos torna responsáveis por relações novas, sempre ameaçadas, sempre esperadas, entre aquilo que chamamos de obra e aquilo que chamamos de desobramento”. Em tempos de tensão com o sujeito de direito, ela, *la passe*, é uma defesa pertinente da psicanálise, tal como Freud propusera sua nova prática, uma cura e uma ciência. Ou seja, uma decisão internacional.

## Referências

- BLANCHOT, Maurice (1983). **A Comunidade Inconfessável**. Trad. ALMEIDA FILHO, E.A. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- FINGERMANN, Dominique. **A (de)formação do psicanalista: as condições do ato psicanalítico**. São Paulo: Escuta, 2016.
- LACAN, Jacques. (1972-1973). **Encore**. Tradução inédita, 2011.



---

# CARTEL DO PASSE E TRANSMISSÃO: O QUE PASSA?<sup>1</sup>

## O IMPOSSÍVEL NÃO É O INEXISTENTE

Clarissa Metzger<sup>2</sup>

Como sabemos, Lacan era crítico à formação de psicanalistas proposta pela IPA. No aniversário do centenário de nascimento de Sigmund Freud, publicou um texto (LACAN 1998/ [1956]) no qual não deixa dúvidas quanto as suas discordâncias no que dizia respeito à hierarquização e burocratização tanto da estrutura da sociedade psicanalítica quanto da formação do psicanalista então vigente nesse grupo.

O dispositivo do passe foi proposto por Lacan a partir dos anos 1960 como resposta para a pergunta sobre a formação do psicanalista, servindo como contraponto aos desvios que ele constatou na proposta de formação de analistas na IPA. Concebe o passe como um dispositivo que traz em seu bojo a marca do impossível de apreender do real sem o qual, ao mesmo tempo, não há psicanalista. Ele propõe uma experiência sem garantias que envolve a comunidade de psicanalistas e ao mesmo tempo abre espaço para acolher o surgimento de um desejo original. Esse dispositivo serve para avaliar a Escola de psicanálise e a formação de analistas que ela oferece. Diferente do que pensam alguns, não se trata de uma instância que avaliza um analista que “passou na prova”. O que está em questão no dispositivo do passe é a própria Escola; o analista nomeado AE é aquele que, tendo passado pelo passe e uma vez tendo sido identificado o desejo de analista pelo cartel do passe em seu relato, se compromete a discutir as questões cruciais da

---

<sup>1</sup> Texto apresentado no Espaço Escola, do FCL-SP em 2021.

<sup>2</sup> Psicanalista, membro da EPFCL. Doutora em Psicologia Clínica e professora do Curso de Graduação em Psicologia da PUC-SP.

passagem de analisante à analista com a qual ele esteve e ainda está às voltas quando de sua nomeação. É tarefa da Escola, como indica Lacan (LACAN, 2003/ [1967]) lançar luz sobre essa sombra espessa que envolve essa passagem, na medida em que é índice da formação do psicanalista oferecida por ela.

Por outro lado, as nomeações são raras em nossa Escola, o que traz uma pergunta adicional: se ela forma analistas, porque não temos mais nomeações? Há possivelmente várias respostas para essa pergunta, mas destaco que um dispositivo furado como o passe, com tantos encontros e tantos participantes, é ele mesmo um obstáculo para que o desejo de analista “passe” e possa ser identificado. Assim, quando o cartel do passe identifica índices desse desejo, podemos confiar em seu advento. Quando não há a identificação do desejo de analista fruto do fim de análise, não podemos dizer que não há desejo de analista. O que não significa, portanto, que os passantes não nomeados sejam menos analistas que aqueles nomeados: o que podemos afirmar é somente que, quanto aos relatos daqueles que não foram nomeados AEs, não foi identificado o advento do desejo do psicanalista. Logo, não se trata de verificar se há ou não desejo de analista, mas se ele é detectável na transmissão entre passante, passador e cartel do passe ou se não foi detectado ainda. “Com efeito, o passe permite a alguém que pensa poder ser analista, a alguém que se autoriza por si mesmo ou que está prestes a fazê-lo, comunicar o que o fez decidir-se, e engajar-se num discurso do qual certamente não é fácil, ao que me parece, ser o suporte.” (LACAN, 1995/ [1973]). Dada a própria estrutura do dispositivo, essa decisão não é, por si mesma, garantia da transmissão, embora seja uma decisão possível para um psicanalista praticante da Escola.

Nossa Escola não é imune aos efeitos de grupo e o debate constante — e o próprio trabalho do AE<sup>3</sup> — são ferramentas que temos para não permitir que “o real em jogo na formação do analista”

---

<sup>3</sup>A colega Luciana Guarreschi em 2021 chamou nossa atenção para o nome “analista de escola” como aquele que opera a função analítica dentro da própria Escola, contribuindo assim para a crítica assídua. Eu acrescentaria que ele o faz também por sua posição êxtima, por ser “um dos novos” e assim, estando implicado com a causa analítica traz ao mesmo tempo a capacidade de estranhamento do *modus operandi* vigente que se não é exclusivo é comum em quem acaba de chegar.

---

---

(LACAN, 2003/ [1967]) seja encoberto por questões ditas práticas que podem burocratizar a formação oferecida pela Escola. Creio que o tema eleito pelos delegados do Fórum São Paulo em 2021 para ser discutido com os membros do Fórum aponta para a importância da crítica assídua e também para o valor de uma exposição dos resultados de nosso trabalho enquanto Escola, trazida pelos colegas que participaram do cartel do passe.

O colegiado de delegados faz dobradiça entre os Fóruns e a Escola, entre o local (Fórum) e o internacional (EPFCL). No Fórum São Paulo, o colegiado de delegados é responsável pelo Espaço Escola. Ao longo do ano de 2021, o colegiado de delegados de São Paulo propôs que buscássemos enquanto membros de Fórum e de Escola abordar o movimento da porta cujo umbral deve ser atravessado na passagem de psicanalista à psicanalista, relançando uma questão que toca no coração de nossa escola: como o cartel do passe recolhe as pistas, os rastros dessa passagem? Quais são os índices que permitem aos membros do cartel se localizarem no que tange ao advento do desejo de psicanalista que pode surgir como desejo novo, original no fim de uma análise?

Recolhemos indicações orientadoras com nossos convidados do Espaço Escola. Trago aqui traços, retalhos inspiradores, que se transmitiram e ficaram registrados desses encontros que buscaram circunscrever alguns elementos a partir da experiência de cada analista brasileiro que participou do cartel do passe desde sua constituição no bojo de nossa Escola. Se cada um deles traz uma contribuição própria a partir de sua experiência, a pergunta que parece nortear suas falas é justamente a questão da transmissão. Como ela se dá, como recolher seus indícios, como identifica-la, quais os obstáculos que encontra...

Para começar, lembremos da questão problemática com a qual se depara constantemente o cartel do passe: a dificuldade lógica do ato analítico de fazer algo do real passar pelo simbólico. Ainda que possamos considerar a análise como sendo também um trabalho do simbólico sobre o real, há uma impossibilidade de reduzir um registro ao outro, o que traz a pergunta: como falar do ato analítico, fazê-lo passar pela palavra, se ele não se restringe ao simbólico? A crítica lacaniana da formação do analista incide também sobre a padronização do fim da análise, na qual o analisante se identificaria com o “eu forte” do

---

analista, generalização que indica qual seria “o” fim de análise e deixa de fora a singularidade, os fins de análise no plural. Como não se contaminar com as “teorizações” sobre o que deve ser o fim de análise, como não padronizar o passe?

Sem dúvida as respostas a essas perguntas passam pela disposição daqueles envolvidos no passe: cartel do passe, passantes, AMEs, passadores...a diz-posição lógica, ética e poética é uma posição do dizer<sup>4</sup>, é o que pode eventualmente permitir que algo dessa passagem se transmita. Deve se transmitir ao cartel do passe a “aberração, a marca fora do comum”<sup>5</sup> para que possa haver uma nomeação, para que algo se transmita à despeito da intransmissibilidade. Vera Pollo chamou nossa atenção para o efeito de chiste que transmite uma verdade no relato dos passadores. Eis aqui uma das manifestações da aberração que a linguagem é capaz de tangenciar: o chiste provoca o riso pela surpresa que carrega: “Eu diria, com uma expressão ouvida de uma pessoa em uma dessas salas, que o passe era algo *como um relâmpago*.” (LACAN, 1995 p. 57, destaque da autora). Desse modo, fica claro que não se trata no relato do passe simplesmente de uma “história” do sujeito com sua fantasia e sua neurose, embora ela possa comparecer.

Também não escapa ao cartel a importância da transmissão da satisfação e do entusiasmo do fim, que podem ser análogos, mas não são idênticos: enquanto o entusiasmo está ligado ao desejo de saber, a satisfação é articulada por sua vez à uma nova posição frente ao incurável<sup>6</sup>. Trata-se de uma satisfação diferente da satisfação do sintoma; ao invés de um gozo que faz sofrer, há um gozo que faz fruir, como nos recorda Quinet<sup>7</sup>. Para poder captar essa “transmissão do intransmissível”, os membros do cartel devem estar em “posição analisante”, como lembrou Maria Vitória Bittencourt<sup>8</sup>, o que nos lembra Lacan ao

---

<sup>4</sup> Anotações pessoais da apresentação de Dominique Fingerhann no Espaço Escola do Fórum São Paulo em 12/04/2021

<sup>5</sup> Idem.

<sup>6</sup> Anotações pessoais da apresentação de Vera Pollo no Espaço Escola do Fórum São Paulo em 10/05/2021.

<sup>7</sup> Anotações pessoais da apresentação de Antonio Quinet no Espaço Escola do Fórum São Paulo em 15/03/2021.

<sup>8</sup> Anotações pessoais da apresentação de Maria Vitoria Bittencourt no Espaço Escola do

---

dizer que “se há alguém que passa o tempo fazendo passar o passe, esse alguém sou eu” (LACAN, 1995 [1973] p. 59).

Outra pista importante é que, se o saber esperado para que haja nomeação é da ordem do inconsciente real, há dois dos obstáculos à transmissão<sup>9</sup>: os próprios passadores, que são obstáculo formal, e o obstáculo estrutural que é a característica de intransmissível da experiência. Não basta que se transmita o saber da história do sujeito e da *doxa*<sup>10</sup>; é preciso que haja uma demonstração de uma mudança de posição do sujeito e uma disjunção entre saber e verdade.<sup>11</sup> Aliás, o fim da análise supõe uma mudança na relação ao saber: trata-se de um saber no real porque o saber não alcança a verdade; saber e verdade estão disjuntos no fim. Esse saber se apresenta pelas ressonâncias do impronunciável que o cartel do passe pode identificar, ligado à um “saber corporal”, como apontou Ana Laura — se é do real que se trata, não é sem o corpo que se sabe algo. Importante notar que não se trata de um saber teórico, na medida em que ele não inclui o real.<sup>12</sup>

Nesse sentido, cabe um discernimento importante apontado por nossos colegas, que trago para finalizar esses breves apontamentos: a atenção do cartel do passe para a diferença do amor ao saber e do desejo de saber<sup>13</sup>. Enquanto esse último aponta para os efeitos de real produzidos no fim, o primeiro mantém a referência à produção de sentido.

## Referências

LACAN, J. (1956) Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.461-495.

---

Fórum São Paulo em 10/05/2021.

<sup>9</sup> Anotações pessoais da apresentação de Elizabete Thamer no Espaço Escola do Fórum São Paulo em 14/06/2021.

<sup>10</sup> Anotações pessoais da apresentação de Ana Laura Prates no Espaço Escola do Fórum São Paulo em 13/09/2021.

<sup>11</sup> Idem.

<sup>12</sup> Anotações pessoais da apresentação de Andrea Fernandes no Espaço Escola do Fórum São Paulo em 13/09/2021.

<sup>13</sup> Anotações pessoais da apresentação de Sandra Letícia Berta no Espaço Escola do Fórum São Paulo em 09/08/2021.

LACAN, J. (1967) Proposição de 9 de Outubro de 1967 sobre o Psicanalista da Escola. In: LACAN, J. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003, p. 248-264.

LACAN, J. (1973) Sobre a experiência do passe. In: **Documentos para uma Escola II**. Lacan e o passe (circulação interna). Letra Freudiana — Escola de Psicanálise e Transmissão. 1995 Ano XIV, Número 0, p.54-59.

Anotações pessoais das apresentações no Espaço Escola de: Antonio Quinet, Dominique Fingermañ, Vera Pollo, Maria VBitoria Bittencourt, Elizabete Thamer, Sandra Letícia Berta, Ana Laura Prates Pacheco e Andrea Hortélio Fernandes. São Paulo, 2021.

---

**JORNADA DE  
CARTÉIS**

**+**

**CAFÉ CARTEL**

**+**

**MÓDULO DE  
TRANSMISSÃO  
CARTEL**

---





---

# O SEMINÁRIO ZERO DE LACAN: O HOMEM DOS LOBOS E REFLEXÕES ACERCA DO ESTATUTO DO PASSADO EM UMA ANÁLISE<sup>1</sup>

Beatriz Chnaiderman<sup>2</sup>

Não é estranho que o cartel *Do Tempo* tenha dado algumas voltas sobre a questão dos inícios. O seminário zero de Lacan, de 1952, sobre o Homem dos Lobos, ao qual fomos remetidos por questões do seminário 1 (1953-1954), poderia, parece, ser um ponto de partida. Ou deveríamos reler isso, reler o texto do Freud? E tem mais: esses pedacinhos compilados por Nicole Bels, o que é que eles tem daquilo que FOI? Mais ainda, *encore*, o que é o texto de Freud chamado *História de uma neurose infantil* (1918[1914]) e que foi baseado na análise de um adulto, tem de *História* e de *Infantil*? Será que deveríamos começar por ir a um museu buscar as fotos e os pedaços de panos e espelhos que pertenceram ao jovem Sergei, para daí ler o trabalho de Freud e, enfim, os fragmentos de Lacan? É claro que não. Até porque ninguém sabe onde foram parar os vestígios materiais desse homem louco, desse homem lobo, dessa criança.

Um parêntese: uns estudantes de cinema da UBA fizeram um compilado com filmes que retratam a psicanálise, que a apresentam de jeitos diversos. Em um deles, do qual esse compilado expõe um pedacinho, Sergei e a jovem homossexual se encontram, anos após a morte de Freud, e relembram suas análises mal sucedidas. O que é interessante

---

<sup>1</sup>Texto apresentado na Jornada de Cartéis do Fórum do Campo Lacaniano SP em 26/11/2021 como produto do cartel *Do Tempo*.

<sup>2</sup>Bacharel em Psicologia (USP), psicanalista, membro do FCL-SP e co-coordenadora do grupo Estudos Judaicos Contemporâneos na Academia Judaica da CIP.

é que, em ambas as reminiscências, Freud não aparece, e sim uma voz que faz perguntas, e uns objetos da sala, o divã. Não vou discutir o caso da jovem homossexual, mas é difícil imaginar o velho-jovem-Sergei se pondo a falar de seu passado assim, sem a imagem de Freud. Mas as pessoas sonham, querem ver finais desenvolvidos para as histórias engasgadas. Nós não, nós só queremos tossir mais um pouco. Fecho os parênteses.

Tanto o título do texto de Freud quanto o seu teor apaixonadamente insistente chamam a atenção para a importância central da sexualidade infantil na constituição de um quadro patológico adulto. É a guerra contra Jung e Adler. Porém, esse grande escrito desse grande fracasso traz outra camada que diz respeito ao estatuto da cena primitiva em uma análise. Percebam a mudança da ênfase: não estamos falando das experiências de satisfação e fixação infantis que causaram as inibições e sintomas do adulto. Estamos no âmbito do tratamento analítico do adulto, no qual, da queixa de sofrimento inicial, se abrem histórias, se abrem falas sobre o passado e suas implicações.

Estamos em 1952-1953, no apartamento de Lacan e Nicole Sels toma notas. As perguntas que eu trouxe na introdução desse trabalho tangem à questão da verdade. O texto do homem dos lobos tange essa questão, é claro. A psicanálise não tem como não se deparar com ela. Qualquer análise, já que há da ficção e há do “*ça n’empêche pas d’exister*”<sup>3</sup>. Esse seminário de Lacan, ao qual ele mesmo se refere nos anos seguintes, nos quais suas falas já eram registradas de modos mais metódicos, tem de ficção e de “*ça n’empêche pas...*”. É aí mesmo que quero introduzir a questão do tempo, a questão da cena primitiva.

Aqui estão os pedacinhos do seminário zero. Isso foi? Terá sido assim que Lacan falou? O tom desse seminário que teria sido pronunciado por Lacan em 1952 é muito marcado pelas considerações já publicadas acerca do tempo lógico (1945) e do estádio do espelho (1949), bem como pelo seu mergulho na antropologia de Mauss — acerca do dom — e de Levi-Strauss, em questões ligadas à realização da estrutura.

Para esta exposição, vou mostrar uns trechos desses fragmentos anotados por Nicole Bels. Vamos ver se fazemos esse registro, por assim, dizer, falar. Eu traduzo para vocês:

---

<sup>3</sup> Frase de Charcot retomada por Freud no texto *Charcot* (1893/1996, p.23): “A teoria é boa, mas ela não impede que [os fatos clínicos] existam”.

---

O que é uma análise? É alguma coisa que deve permitir ao sujeito assumir plenamente isso que foi sua própria história. Na análise do Homem dos Lobos, Freud nunca pôde obter a reminiscência propriamente dita da realidade do passado da cena em torno da qual gira toda a análise do sujeito. A realidade do acontecimento é uma coisa, mas há outra coisa também: é a historicidade do acontecimento, quer dizer, alguma coisa maleável e decisiva que foi uma impressão no sujeito e que domina e é necessária para explicar a sequência de seu comportamento. (LACAN, 1952-1953/1986, p. 5)

Da realidade da impressão à historicidade, uma análise diz respeito à isso. A realidade do passado não forma propriamente uma reminiscência, mas uma história. O que significa assumir o que foi sua história para além de se fazer reconhecer como imagem, esse engodo do contar-se? Um outro jeito de formular a questão é: “Qual o valor disso que é reconstruído do passado do sujeito?” (Lacan, 1953-1954, p. 9).

A palavra como dom. Falar a um analista e pagar a ele para que ele não siga trocando com esse dom. Para que ele o guarde. Se, até o momento decisivo da pressa, o Homem dos Lobos se refugiava num narcisismo bem comportado e entediante no divã de seu Freud especular, do que falava ele? Nada analiticamente relevante, pois a fala não estava em sua função historicizante, não estava na via de assumir as impressões que não cabem na unidade especular constituinte do sujeito. Porque a fala, a fala plena, a fala analisável, dialetiza a prisão especular na qual o ser se precipitou para se tornar sujeito: o espelho é a marca da precipitação fundamental, da divisão do **Je** e do **moi**. Até a introdução do elemento PRESSA (*sua análise só vai durar mais três meses*), a fala do homem dos lobos não é dialética, ela é a confirmação de um *moi*, sua realização especular. Daí a intervenção de Freud.

Não se pode dizer que o homem dos lobos estava escondendo algo, que ele não queria falar. Ele estava em uma posição narcísica. Esse blablabla entregue em análise só servia para fazer reconhecer seu lugar de rico. A intervenção de Freud, que dá um limite no calendário para essa análise, mexe com o sujeito. O *moi* estremece no espelho, o sujeito vai buscar sua miragem novamente. Não sem passar pelo pai: o sonho dos lobos e a cascata de memórias infantis. O sujeito fala.

---

Entre a realidade e a reminiscência: a cena fantasmática — coito *a tergo* — a trepada de quatro — e sua verdade.

Prossigo com mais um pedaço do seminário:

É esse sonho que leva à cena reconstruída e que é, em seguida, assumida pelo sujeito. Deve-se notar, quanto à interpretação desse sonho, a atenção que Freud deu ao trabalho do sonho. Para ele, a significação do sonho se lê em seu trabalho de elaboração, de transformação. Esse evento traumático permite compreender tudo o que se passou em seguida e tudo o que é assumido pelo sujeito: sua história (...) A história é uma verdade que tem essa propriedade: o sujeito que a assume depende dela em sua própria constituição de sujeito e essa história depende também do próprio sujeito, já que ele a pensa e repensa a seu modo. (LACAN, 1952-1953/1986, p. 5).

O sonho com os lobos: o instante de ver. Embora, salvo engano, esse sonho já tivesse aparecido nos relatos da primeira fase da análise, é após a intervenção de Freud que o sujeito, deslocado de seu reconhecimento especular, vê nesse sonho alguma coisa que lhe diz respeito. O que? É necessário tempo para compreender. Há uma cascata de histórias que giram em torno de algo insólito, de rastros... de uma cena que... terá sido assim?

Uma breve referência sobre o *terá sido*, o futuro anterior, que aparece em alguns momentos do ensino do Lacan:

E, nesse sentido, podemos dizer que, de fato, da mesma forma como o recalque é sempre um *à posteriori*, o que nós vemos sob o retorno do recalcado é o sinal apagado de algo que só terá sua realização simbólica, seu valor histórico, sua integração no sujeito, no futuro, e que, literalmente, nunca será outra coisa senão algo que, em certo momento de realização, *terá sido*. (LACAN, 1953-1954, p. 174).

*Terá sido* é a realização do recalcado em uma análise. Há verdade na cena primitiva. Ela não é lembrada, mas o sujeito a assume. É importante marcar que essa dimensão da verdade não estava em questão no primeiro momento da análise de Sergei: ele se reconhecia. Ao se deslocar dessa relação transferencial de dócil indiferença, Freud convocou

---

esse sujeito a se reencontrar. Os lobos o olham de volta no espelho. Há pressa, pressa em compreender, pressa em assumir a cena primitiva que sustentaria a divisão assumida. É claro que há pressa e, segundo Lacan, Freud forçou aí o momento de concluir, não permitindo todas as voltas que o tempo para compreender dá até a emergência da pressa: “Freud teve que fazer agir a pressão temporal e lhe dar a palavra de sua história. Mas ele, o doente, não a conquistou, nem lhe assumiu. O sentido permanece alienado do lado de Freud, que continua sendo o possuidor dele” (LACAN, 1952-1953). Essa transferência com Freud será o sintoma a ser tratado em sua segunda análise, com Ruth Brunswick.

A intervenção de Freud sobre o tempo futuro da análise precipitou a emergência das falas sobre o passado, da busca apaixonada em dizer esse passado a tempo, em fazê-lo ser reconhecido ali, em transferência, por esse pai-Freud.

A montagem de um passado imperfeito e insistente em uma cena primitiva sustentada no irrespondível “terá sido?”: uma promessa de futuro entre a realidade e a historicidade. Ou ainda, essa construção da cena em análise, no tempo para a compreender, realizaria a simbolização humanizada — esse termo é de Lacan — da estrutura. Para o jovem Sergei, humanizada demais: com a simbolização ainda esboçada na cena com Freud, as identificações ainda não ultrapassadas no tempo para compreender, o sujeito permanece cativo, tanto de sua cena, quanto da versão transferencial dela.

A mudança de posição que possibilita a resolução de um sofisma<sup>4</sup>: o que é isso quando se fala da montagem e do atravessamento da cena primitiva? Integrar simbolicamente essa cena, assumi-la, não é compreendê-la! No texto do tempo lógico, Lacan afirma que o sentido se dá na reciprocidade. O tempo para compreender é o tempo de atravessar a reciprocidade... esse tempo, ele começa a perder o sentido:

---

<sup>4</sup>“O sofisma “não pode se resumir, mas apenas se repetir”, e “ele se reproduz cada vez que se o escuta”. Ele apresenta a contradição lógica de uma maneira tal que leva aquele que o lê ou escuta a percorrer de novo as etapas de raciocínio para refutar o erro e resolver o sofisma. Ele implica que o outro se envolva nele, e o retome por sua conta. O sofisma é um exercício de raciocínio dito “falso”, pois implica, para ser resolvido, um momento de mudança, de ponto de vista. Essa balança, mais que o resultado bruto de uma solução, faz a particularidade de um bom sofisma.” (PORGE, 1989/1994, p. 36-37).

“Mais exatamente, sua evidência [da perda de sentido] se revela na penumbra subjetiva, como a iluminação crescente de uma franja no limite da eclipse que cede sob a reflexão da objetividade do tempo para compreender” (LACAN, 1945, p. 6). Ou seja, a saída ocorre “à se *désubjectiver au plus bas*”.

Eu não vou tratar aqui do momento de concluir, tal como Lacan o propõe em 1945. O que me interessa é a cena: sua construção hesitante naquilo que orbita um *terá sido*, uma ficção ao lado do “*ça n’empêche pas d’exister*” (em alguns momentos eu o nomeei *realidade*, mais por seu valor psíquico do que topológico), seu tempo que se desenrola tendo em vista a eclipse da subjetividade, seu esgotamento. A cena me interessa porque eu quero falar de cinema.

Fica pra próxima.

## Referências

- FREUD, S. (1918[1914]) História de uma neurose infantil. In: Edição Standard Brasileira das **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** vol.XVII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- FREUD, S. (1893) Charcot. In Edição Standard Brasileira das **Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud** vol. III. Rio de Janeiro: Imago, 1996.
- LACAN, J. (1945). **Le temps logique et l’assertion de la certitude anticipée**. In: Cahiers d’art 1940-1944, pp. 32-42. Disponível em: <https://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1945-03-00.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2022.
- LACAN, J. (1952-1953). **Séminaire sur l’homme aux loups** (notas de Nicole Sels). Disponível em: <http://espace.freud.pagesperso-orange.fr/topos/psych/psysem/homoloup.htm> . Acesso em: 21 fev. 2022.
- LACAN, J. (1952-1953) . **Seminário su “L’Uomo dei Lupi”** (notas de Nicole Sels). Disponível em: [http://website.lacan-con-freud.it/ar/dossier3\\_uomo\\_dei\\_lupi/lacan\\_uomo\\_dei\\_lupi\\_EAR.pdf](http://website.lacan-con-freud.it/ar/dossier3_uomo_dei_lupi/lacan_uomo_dei_lupi_EAR.pdf). Acesso em: 21 fev. 2022.
- LACAN, J. (1953-1954). **Séminaire 1: Les écrits techniques de Freud**. In: Staferla. Disponível em <http://staferla.free.fr/S1/S1%20Ecrits%20techniques.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2022.
- PORGE, E. (1989). **Psicanálise e tempo: o tempo lógico de Lacan**. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 1994.
-

---

# TECENDO CARTEL ORIENTADO PELO REAL, ATRAVESSADO POR RARAS REALIDADES<sup>1</sup>

Clarisa Junqueira Coimbra<sup>2</sup>

... contemporâneo é aquele que  
mantém fixo o olhar no seu tempo,  
para nele perceber não as luzes,  
mas o escuro.  
(AGAMBEN, 2006, p. 62).

*Ano da graça de 2020.* Abro este trabalho ressaltando que mais da metade de nosso Cartel que se propôs como tema o Seminário 10 — *A angústia* — transcorreu no período beckettiano de uma pandemia que revirou o *modus vivendi* mundialmente, atingindo inclusive nosso modo de atendimento, o divã em questão. O significante na centralidade, capturado através das telas que se tornaram as mediadoras das sessões analíticas, dos encontros afetivos, das reuniões de trabalho, nossos encontros quinzenais, inclusive. A tela substituiu a relação poética *entrecorpos* dando ao escópico: olhar (e voz) a primazia. Atravessados que fomos pelo real, “aquilo que se destaca de nossa experiência de saber” diz Lacan (2001, p. 312) e que sabemos o quanto precisamos considerá-lo em nossa escuta. Teoria e empiria do tema — *A angústia* — algumas enlouquecidas pois como afeto que é, anda à deriva, pautava nossos dias.

---

<sup>1</sup>Texto apresentado na Jornada de Cartéis de 2021, no FCL-SP.

<sup>2</sup>Psicanalista, pós-graduada em Linguística e Semiótica (UCLouvain/FFLCHUSP), graduada em Comunicação Social (FAAP). Faz tradução (francês), pesquisa e produz conteúdo para publicação editorial impressa. Atende em consultório particular no bairro Itaim Bibi em São Paulo. clarisajc@uol.com.br.

Isso fez com que as marcas das subjetividades eclodissem? Lacan assinalou (2004, p. 69): “a dimensão do Outro está sempre presente na experiência”, como demanda ou como desejo, que bem conhecemos, e também, como gozo. A Humanidade perplexa viu-se interrogada em seu organismo, diante de um dos seus três grandes temores segundo Freud, a virulência da natureza contra a qual os limites da ciência, da política, do sistema, desnudaram-se e o que se viu foi um vírus desbancando discursos, escancarando o desamparo, a truculência, a vilania, a ignorância, cujo corolário deixou manchada as paredes do recente século: mortes e o salve-se quem puder. A vida é do campo do real. É o que nos afeta.

*ANO DA (des) GRAÇA 2020*

**CO (n) VID (ados) 19.** *Um negócio da China.*

Manchete de abertura do espetáculo trágico.

Somou-se a isto a partida da autora dos meus dias no ocaso da vida. Na falta do vigor cristão de Paulo ou da fé de Abraão, leio em Nota Italiana de Lacan, (2001, p. 311): “pôr a contribuir o simbólico e o real que o imaginário aqui une (por isso é que não podemos largá-lo de mão)”. Retomando Lacan, conforme Barthes sugeria, *ler de cabeça erguida* e não sem enfatizar, atravessada pela contingência aqui evocada, tomo como enquadre o Cartel para refletir sobre minha experiência, considerando que ela não vem do exterior como bem aprendemos em nosso ofício, mas que não é sem ele. Afetados produzimos discurso.

Pensar o Cartel e seus efeitos (que não deixa de ser de discurso) passou a fio condutor. Um convite à elaboração do que fez borda a vazios. Dispositivo proposto por Lacan no Ato de fundação de sua Escola, a EFP, École Freudienne de Paris, em 1964, uma década em que se esboçavam grandes mudanças de direção nos costumes, na política, nas artes, na tecnologia, para citar alguns campos, e que marcariam não só ela como as vindouras, cujo corolário com a queda do mundo bipolar e a ascensão do mundo multipolar vimos exaustivamente exibido nas telas do tempo pandêmico. Lacan não nomeia sem compromisso, não sem razão denominou dispositivo o Cartel (também o Passe), e não se pode deixar de lado que “a todo dispositivo corresponde um determinado processo de subjetivação” conforme Foucault, reiterado por Agamben (2006, p. 48).



No nível manifesto pode-se pensar o Cartel como um modo de laço com a Escola. Dominique Fingermann em seu artigo *Cartel ainda*, ressalta que o analista não é tributário da Escola, mas sim, é “ele que ao expor sua produção constitui a Escola suscetível de garantir a psicanálise”, nos convocando como responsáveis pela criação de sentidos a sustentar nosso desejo e nossa prática de analista. Portanto, a produção de Cartel, *órgão de base*, é um produto singular, o que decanta, um modo de questionar o saber lidando com seus limites, um saber não-todo, implicado em sua causa. Daí que penso o dispositivo como um modo do desejo se disseminar e a verdade vir-ver a luz. Não a verdade em sua relação com o verdadeiro, não é nesse saber que a verdade ressoa, é noutro lugar, diz Lacan.

Parafraseando Guimarães Rosa em *Grande Sertão Veredas*: o tema é comum, mas *o capinar é sozinho*. Isso é Cartel.

A lógica do Cartel é da ordem do coletivo, um encontro de cinco pessoas no máximo, sendo quatro a “justa medida”, que fazem nó, a partir de uma questão que as interpela, menos por uma identidade ou por um atributo. O Cartel, respondendo a partir de uma causa, vejo nele uma dimensão de aposta calculada. Um jogo a cada partida, não sem tensão, porque não é do conhecimento de que se trata. Dispositivo não estruturado pela tradição, piramidal, tem estrutura flexível, o desejo se orienta pelos (*des*)caminhos do (*des*)conhecimento, do impossível da relação sexual, da lógica do não-todo, da (*des*)idealização do suposto saber, refina a destituição subjetiva. A falta opera, instigadora do desejo, também cutuca a ferida. A experiência de Cartel, como um modo de laço social, não foge ao gozo. Penso nisso para situar a originalidade e a contemporaneidade do dispositivo quase 60 anos após sua instituição.

O Cartel, considerando a função daquele que, para mim, é o que faz a amarração (descartável), o Mais-Um, reconfigura as relações, horizontaliza, dejeta a posição de vértice moral, convida à elaboração das ideias trazidas ou que ali deitou rebentos. Algo nele demanda que se faça isso com arte. Como assim? Com o gozo sob vigia, porque também o Cartel não é sem alguma dose báquica, pois sem ela não há *veritas! Confissões* que o digam. Faço aqui um parêntese para registrar a pesquisa realizada por Agamben sobre a origem do termo latino *dispositio*: herança teológica.

---

## A ENCARNAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Cartel nos convoca ao ato. Porque pensar é ato. Elaborar é ato. Uma produção em ato. Assim como a via do desejo essa também tem seu custo. Cartel nos convoca a nos reconhecer na relação com o outro, a partir da diferença, porque é *com-viver* subjetividades, elas que se constituem por sintaxes inconscientes resultando em gramáticas diversas. *Viver-com* tem custo.

Cartel instaura modalidades flexíveis construídas de palavras, verdades e liberdades: querer-saber, poder-saber, saber-querer, saber-poder, poder-poder...

Cartel operando no dizer, aponta para o furo. Isso tem efeito de redução de idealizações.

Cartel ata e desata num tempo subjetivo. Reconfigura posições, lugares. O discurso gira e com isso produz. Produz efeitos na formação.

Cartel-izar é exercitar-se analista no coração da própria doutrina. De sujeito suposto saber a objeto *a*, o traçado (substantivo ou adjetivo) não é simples nem contínuo.

Vejamos com o Seminário 10. Nele Lacan estabelece, o que considerou ser sua única invenção, o conceito de objeto *a*, a partir dos objetos da pulsão. Ele dá ao objeto *a* estatuto estrutural, enquanto condição para a causação do sujeito. Traço e letra sob a égide do significante vai dando nascimento ao sujeito no vivenciar dos estádios pelos quais as pulsões parciais vão tracejando régua e compasso. Do espaço errático ao enquadre e ao que daí se segue, é um trajeto que não se faz sem que a causalidade faça atravessamentos. Da voz e do olhar, nova dialética que Lacan acrescenta à doutrina freudiana, ao oral e anal até as relações simbólicas no estádio fálico, a queda da ilusão assumindo que “não há sujeito humano que não tenha que se colocar como objeto, um objeto finito a que estão presos desejos finitos” (2004, p. 366). O efeito desse processo constitutivo causal que ressoa no desejo, é “a única via pela qual o desejo pode revelar-nos de que modo teremos que reconhecer em nós o objeto *a*” que é “nossa existência mais radical” conforme Lacan, e cujo desconhecimento deixa uma porta aberta “que só se abre quando se situa o *a* como tal no campo do Outro”. De que se trata é de assumir esse processo de causação e não de conhecimento. Aprendizado é processo, faz conexão, articulação, responde ao corte, gera mudança. O que não se faz sem efeito e consequência.

---

## SOB A CLAVE DO REAL

Chegava ao término um cartel do qual eu participara. Movida pelo desejo de reler o Seminário 10 -*A angústia*- anotei meu nome na convocação que já trazia dia e hora sugeridos, delimitação pouco comum. Sem opacidade.

Quando nos reunimos pela primeira vez, éramos cinco que não nos conhecíamos. Feitas as apresentações e as colocações iniciais sobre o que nos interpelou, o objeto causa de nosso desejo, enfrentamos nos encontros seguintes a busca por Mais-um. Dois nomes sugeridos, contatos feitos, declinaram por falta de espaço nas agendas (reflito no *après-coup* que a demanda tendia ao mestre). Algum desapontamento nessa altura em que já fazíamos alguns encontros quinzenais. Decidimos pela leitura do tema em Freud, recuo epistêmico suplementar. Chegaram as férias de inverno, retorno, frouxidão do laço, demandas incomodas, *breaks*, feriados, Natal, virada do ano, pouco se produzia. Sem palavras, senão as mestras. Do que se tratava?

Até que em dado encontro, acontece o instante em que houve um movimento de rachadura quando um dos membros se posicionou dizendo que não continuaria, imediatamente um segundo decidiu acompanhar. Aguardamos que nos deixassem para rediscutirmos a continuidade ou não com a tríade restante. Tempo de hesitação. Entretanto, um dos membros reconsidera, retorna e o quadrilátero se recompõe. Sobre o que caiu, fica para outra estória. Momento de conclusão: decidimos definir a Mais-Um dentre nós. Nesse momento, assumo o que minha escuta desconversou no início, quando alguém dirigiu a mim a provocação (sempre temos que nos haver com nossos restos que clamam voz e no Cartel não é diferente, seus ecos tem efeitos). Iniciamos a leitura cronológica do seminário conforme consenso e, já nas primeiras páginas *angústia* e *fantasia* dão as mãos, penso na articulação- cartel e *angústia*; pois do que se trata nas duplas não é da posição do sujeito? (anoto: é ter ideias que não tinha antes). Fazendo escrita da experiência a partir das minhas anotações, reflito sobre o que fez com que esperasse todo esse tempo para declarar o Cartel, o que foi feito no mês de agosto decorridos os semestres, papel burocrático da Mais-um. Respondo: não sei. Os encontros quinzenais foram marcados por deslocamentos espaciais, das salas na sede do Fórum, ao Museu, à Biblioteca da grande avenida, ora aqui ora ali, a resistência se dava sempre às

---

propostas de consultório ou bares. (anoto: nem sagrado nem profano, no entre: arte e ciência). A tensão dos primeiros passos manteve-se por bom período, recheado de *breaks* e férias.

Percebo que um giro acontece com o advento da pandemia abaixo da Linha do Equador, oficializada a seguir o pós-carnaval 2020. Tensão deslocada, angústia de um não-saber-sabendo, o corpo social abalou-se e a isso somou-se o luto, dois genitores se foram, acrescido no ano seguinte de mais um. Três lutos e um Cartel. Realidades factuais. Ouvíamos consternadas a dor da perda. Olhar e voz, mediados pelas telas não suprimam o calor do corpo. Ele fez falta. Morte é acontecimento de corpo.

No tempo virtual dos textos-*gadgets* midiáticos, o discurso da psicanálise resistiu, talvez apenas ele. Pensamentos nômades buscavam por uma ética nos encontros *online* de inconscientes. Desobriguei a função de Mais-um a ética da abstinência. Me enchi de vazios. Fui afetada.

Fim de agosto 2021 o Cartel chegou a seu termo.

Encerro com a ajuda da “fala com arte”, *bem-dita*, que só Clarice tem: “Então escrever é o modo de quem tem a palavra como isca: a palavra pescando o que não é palavra, quando essa não palavra — a entrelinha — morde a isca, alguma coisa se escreveu” (1973, p. 25).

## Referências

- AGAMBEN, G. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Tradução de Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó-SC: Argos, 2006.
- LACAN, J. **O seminário, livro 10: A Angústia.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- LACAN, J. **Outros Escritos.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LISPECTOR, C. *Água Viva.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.
- FINGERMANN, D. **Cartel ainda**, 2021. Disponível em: <https://www.champlacien.net/public/docu/4/epCartelFingermann.pdf>. Acesso em: 16 set. 2022.
- NGUYÊN, A. Quand seules restent les mots. In: Col. Nougues. **Stylus.** Paris, 2017
-

---

# CON-SIDERAÇÕES<sup>1</sup> ANALÍTICAS:

## BREVE COMENTÁRIO ÀS HOMOLOGIAS D'UM SABER NO SEMINÁRIO DE UM OUTRO AO OUTRO<sup>2</sup>

Rafael F. Atuati<sup>3</sup>

A asserção “*a essência da teoria psicanalítica é um discurso sem fala/palavra*”, apresentada na primeira lição do seminário ao qual se dedica este comentário, abre os trabalhos do ano de 1968/69. Essa fórmula condensa uma série de observações de ordem metodológica que Lacan desenvolverá ao longo do seminário e que procurarão responder às necessidades de um momento crucial para o discurso analítico. Entre as indicações que se podem recolher sobre esse momento, está o estabelecimento das bases que permitiriam à teoria analítica se situar como um *saber* — e ser ensinada como tal.

Lacan sustenta que, quanto ao discurso, o que interessa à psicanálise é a sua *função*; procura localizar a causa de um discurso em vez de seguir inadvertidamente suas trilhas; propõe uma *regra de prudência* à maneira de encaminhar uma pesquisa, como a psicanalítica, que inclui a noção de inconsciente: se assegurar do não pensamento como aquilo que pode ser a causa do pensamento<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Con-siderações analíticas: uma fórmula que *acaece* em resposta a um trabalho. Um modo de implicação ao saber no qual se sustentam as ressonâncias de um *pensar-com-uma-aposta*: já-desaparecida — e recolher seus efeitos.

<sup>2</sup> Texto produto de cartel dedicado ao estudo do seminário De um Outro ao outro, apresentado nas Jornadas de Cartéis de 2021, do FCL-SP.

<sup>3</sup> Psicanalista, escritor, Membro do FCL-SP, da EPFCL Brasil e da IF-EPFCL.

<sup>4</sup> cf. lição de 13 de novembro de 1968, p. 13 da edição brasileira.

Segundo tal método, já não se trataria de um movimento que buscaria exprimir determinadas ideias, mas sim *causar o pensamento*: mediante um *ato*.

O retorno a Freud proposto pelo encaminhamento de Lacan conduz a psicanálise a se reconhecer como uma modalidade de *saber textual*<sup>5</sup>. Se em um primeiro momento do desenvolvimento de sua teoria, foram nos escritos de Freud, produzidos em um cotejar do que se recolhia da experiência da clínica, que as noções fundamentais desse saber puderam adquirir alguma consistência, em um segundo, a partir da leitura que Lacan propõe do que Freud enunciou e da crítica realizada de outras leituras de sua obra, abre-se uma nova possibilidade: *inverter os próprios princípios do questionamento*<sup>6</sup> que deu origem à psicanálise, com novas premissas e com uma *exigência mínima: fazer psicanalistas*.

Neste ponto, esta proposição de Lacan repetiria, de certa forma, uma *necessidade discursiva* presente desde a origem da dialética grega, com Sócrates/Platão, e atualizada em Hegel, na Fenomenologia do Espírito, como horizonte de seu discurso: inventar “seres” que pudessem conjugar os imperativos epistêmicos de sua época a uma *doxa* verdadeira. No caso do psicanalista, isso implicaria um reposicionamento do sujeito em sua *posição autêntica*: aquela que, desde a origem, coloca o sujeito na dependência do significante.<sup>7</sup>

A *diferença sutil*, no entanto, que marca a novidade do discurso analítico em relação aos que o antecederam, pode ser articulada como a sua orientação por um *saber em fracasso*<sup>8</sup>. Os desenvolvimentos propostos por Lacan em torno ao objeto *a*, trabalhado como objeto mais-de-gozar nas proposições do seminário em questão, ensejam *ver* essa diferença.

\*

Uma conjugação entre o acúmulo da experiência analítica e determinados avanços no desenvolvimento do saber no campo da lógica-matemática possibilitaram a Lacan reencaminhar a pesquisa em torno ao sujeito do inconsciente para além da homologia que tecera até

---

<sup>5</sup> cf. Proposição de 9 de outubro de 1967, sobre o psicanalista da Escola; p. 257 in *Outro Escritos*.

<sup>6</sup> cf. lição de 8 de janeiro de 1969; p. 90 da edição brasileira.

<sup>7</sup> cf. lição de 8 de janeiro de 1969; p. 91 da edição brasileira.

<sup>8</sup> cf. *Lituraterra*; p.13, in: *Outros escritos*.

---

então com os recursos da linguística, aproximando o sujeito à noção de estrutura. No seminário *de um Outro ao outro*, Lacan vai se servir de novas homologias para relançar as questões do campo analítico.

A primeira homologia é construída *pari passu* com a leitura apresentada por Althusser e seus discípulos sobre o desenvolvimento da noção de mais-valia em Marx<sup>9</sup>. A abordagem estruturalista dos autores permitira ler o procedimento de Marx a partir de um corte na teorização da economia política; embora a noção de mais-valia já estivesse presente de forma difusa em autores como Ricardo ou Adam Smith, teria sido o rigor lógico da abordagem de Marx que permitira formalizar a mais-valia como conceito chave para articular o que estaria em disputa na produção capitalista, fazendo-o operar como objeto de desejo e causa da contenda entre as classes dominantes e subalternas. Essa delimitação da mais-valia fora possível mediante a totalização de um campo, o mercado de trabalho, a instituição de uma noção de sistema — o da produção das mercadorias — e a localização de papéis desempenhados por determinados atores.

Lacan decalca esse procedimento teórico para propor o funcionamento do discurso analítico e a produção que lhe seria própria. Neste, é a hipótese da totalização do campo do saber — também postulado como do *mercado do gozo* — que pode ser tomada como suporte para apreender a noção de mais-de-gozar como o objeto produzido por outros meios de produção: os da linguagem.

O estatuto do significante, como o que representa um sujeito para outro significante, torna-se necessário para sustentar essa articulação. O objeto mais-de-gozar permite isolar a função do objeto *a* na estrutura como a perda de gozo experimentada pelo falante resultante de seu aparelhamento na linguagem; e sua parca recuperação, a cada ato de fala, como efeito do próprio discurso.

Nestas condições, um sujeito não tem meios de se reunir com o significante que o representaria sem que se produza uma perda em sua identidade — o objeto *a* —, o que a teoria de Freud estabeleceu como repetição<sup>10</sup>. A noção de sujeito assim postulada implica considerá-lo

---

<sup>9</sup> cf. O objeto de *O capital*; in Ler o Capital vol. 2; Louis Althusser, Étienne Balibar, Roger Establet.

<sup>10</sup> cf. lição de 13 de novembro de 1968, p. 21 da edição brasileira.

sem identidade, sem “si mesmo”, assujeitado às palavras: advindo a uma existência fabulada em meio ao fluxo dos significantes; permanecendo, no entanto, à margem...

A subversão do sujeito proposta por Lacan, que não seria uma subversão do saber, como defendiam alguns nesse momento<sup>11</sup>, convida a *con-siderar* o sujeito como estritamente correlato à entrada em jogo do que determinaria o que acontece com o pensamento: a *superfície escritural* da qual *s’emerge*, sem poder... *emergir-se*.

\* \*

A segunda homologia que Lacan lança mão para encaminhar sua pesquisa procura *con-siderar* as letras que orientam o discurso analítico com alguns procedimentos e noções da teoria dos conjuntos em matemática.

Lacan aproxima a teoria do significante à teoria dos conjuntos; a relação dos significantes entre “si” estaria mais próxima ao que nessa teoria se chama uma relação de pertinência, em que um elemento qualquer (denotado por uma letra minúscula) pode ser considerado como pertencendo ou não ( $\in$  ou  $\notin$ ) a um conjunto (denotado por uma letra maiúscula). E a noção de par ordenado  $(x, y)$ , em que dois elementos são reunidos em um par e necessariamente considerados na ordem em que são escritos — instituindo um elemento terceiro: o par que não se resume aos seus elementos — é importada ao discurso analítico em seu *dizer* da relação significante: à qual um sujeito *lhe é suposto ser* representado.

Com as letras do discurso analítico, a relação significante pode ser notada na formalização do par ordenado como  $(S_1, S_2)$ . Mas a própria definição mínima do significante impede que ele seja tomado como um elemento de um conjunto qualquer, pois é sempre *em relação a* outro significante que ele *poderia não* se identificar: ao fracassar em representar um suposto sujeito.

Isso permite a Lacan experimentar algumas notações a modo de formalização do significante e do campo do Outro recorrendo ao paradoxo de Russell, segundo o qual não se pode considerar como uma classe todos os elementos de um dado conjunto, na medida em que se possa escrever sobre cada um que ele não pertence a si mesmo  $\{x \notin x\}$  — o que seria o caso do significante.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> cf. lição de 4 de dezembro de 1968, p. 62 da edição brasileira.

<sup>12</sup> cf. lição de 27 de novembro de 1968, p. 55-57 da edição brasileira.

---



Por questões de espaço, me limitarei a apresentar somente algumas consequências lógicas que Lacan propõe após demonstrar a impossibilidade, tanto do significante como do campo do Outro, de se conterem a si mesmos: a presença do significante impede que o discurso analítico forme uma totalidade, o que implica *con-siderar* o universo do discurso como necessariamente extraído de qualquer campo que pretenda totalizá-lo.<sup>13</sup>

A “essência” do Outro passa a ser inapreensível segundo o postulado do significante, pois o próprio movimento que se engaja em sua apreensão está marcado por uma falha; nisso está o que Lacan considera a questão decisiva do que ocorre com a falha no saber: “o sujeito depende do lugar do Outro para se garantir, e esse lugar da verdade é, em si mesmo, um lugar vazado”<sup>14</sup>.

\* \* \*

A *mensagem do Outro*, Lacan a interpreta a partir de uma leitura do enunciado bíblico “Eyé acher eyé”, com o qual o Deus dos judeus se apresenta a Moisés na sarça ardente<sup>15</sup>, ao qual propõe a tradução «Eu sou o que eu é»<sup>16</sup> — que estaria alinhada a seu aforismo “Eu, a Verdade, falo”<sup>17</sup>. Neste momento, Lacan desliza uma nova conotação a este aforismo, ao afirmar que a verdade fala: eu.<sup>18</sup>

Há uma diferença fundamental, que às vezes se perde nas escolhas da tradução ao português, mas que Lacan preserva em seu dizer, entre o que a Verdade *fala* e o que ela pode *dizer*. *Eu, a verdade, falo* deixa o verbo falar em uma função intransitiva; a Verdade fala — ponto; fala:

<sup>13</sup> *ibid.*, p. 59 da edição brasileira.

<sup>14</sup> *ibid.*, p. 58 da edição brasileira.

<sup>15</sup> cf. Ex. 3, 14.

<sup>16</sup> Lacan comenta que os tradutores gregos versaram: *Eu sou aquele que é* — o que permite uma abordagem ontológica, pelo ser. Outra tradução diz: *Eu sou aquele que sou* — a fórmula da bênção romana, mas Lacan a considera vazia. Uma sugestão anterior de Lacan era: *Eu sou o que eu sou* — o que teria a virtude de dispensar ao outro uma resposta qual um golpe. Por fim, Lacan apresenta uma nova proposta de tradução: *Eu sou o que “eu” é* — para aproximar a frase de um dizer da verdade que fala: “eu”. A frase, enunciada em francês — “Je suis ce que je suis” — foi traduzida como “Eu sou **aquilo** que Eu é”; preferimos “Eu sou o **que** eu é” por dispensar a forma pronominal como algo que pudesse ter alguma referência, optando pela partícula *que*, de impossível denotação.

<sup>17</sup> cf. A coisa freudiana; *in*: Escritos.

<sup>18</sup> cf. lição de 4 de dezembro de 1968, p. 68-69 da edição brasileira.

para nada dizer; ela não poderia *se dizer* “Eu”; ela apenas pode falar, *eu*, como pura repetição, pura diferença: em fracasso.

Para chegar a essa interpretação da mensagem do Outro e realizar a crítica de sua função, Lacan precisou estabelecer sua topologia, da qual este comentário dissemina algumas notícias ao resumir as homologias que acompanham o seu dizer nesse momento de seu ensino. O campo do Outro como lugar de um discurso no qual se transmitem outros saberes é nomeado como o “Deus dos filósofos” — uma referência a Pascal —, um significante que viria tamponar o furo de onde a verdade se espreita, produzindo uma perspectiva ilusória da possibilidade de se chegar a um saber absoluto; a esta *figura* do pensamento, Lacan opõe-se à emergência desse *dizer da Verdade* — sem rosto — extraído da tradição bíblica.

De todo modo, tratar-se-ia menos de opor uma figura a outra, ou a sua ausência — o que poderia dar lugar a ares triunfalistas —, do que *fazer operar um discurso* que se sustenta mediante um ato — uma fé em *outro pensamento...*<sup>19</sup> — que *inventa* as condições para que um *saber*, o do analista, produza determinados efeitos... na produção d’um: *incurável*.

## Referências

- ALTHUSSER, L.; BALIBAR, E.; ESTABLET, R. **Ler o Capital. Volume 2.** Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1985
- BÍBLIA DE JERUSALÉM. Tradução do texto em língua portuguesa diretamente dos originais. Livro: Êxodo, p. 106-167. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- LACAN, J. (1968-69). **O seminário, livro 16:** de um Outro ao outro. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967, sobre o psicanalista da Escola. In: LACAN, J. **Outros escritos.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 248-264.
- LACAN, J. Lituraterra. In: LACAN, J. **Outros escritos.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 15-25.
- LACAN, J. A Coisa freudiana. In: **Escritos.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 402-437.

---

<sup>19</sup>cf. lição de 12 de fevereiro de 1969, p. 179 da edição brasileira.

---

---

# A HISTERIA E O FALO: A PROBLEMÁTICA DAS IDENTIFICAÇÕES<sup>1</sup>

Antonio Henrique Ruiz Nakashima<sup>2</sup>

Em seu *Seminário 3*, Lacan (1955-56/1988, p. 205) diz “A estrutura de uma neurose é essencialmente uma questão”, observando que a tópica freudiana do eu nos mostra como um neurótico (histérico ou obsessivo) usa de seu eu para pôr sua questão, isto é, justamente para não pô-la. Isso nos remete para a dimensão das identificações, muito destacada na histeria. À pergunta “*quem sou eu?*”, os neuróticos supõem que o Outro possa responder.

Dora, por exemplo, “nada pode dizer sobre o que ela é, (...) não sabe onde se situar, nem onde está, nem para o que serve, nem para o que serve o amor” (LACAN, 1956-57/1995, p. 149). Ela encontra seu lugar no Outro sob a forma de uma questão: “*O que é uma mulher?*” Dora demanda amor de seu pai, percebendo que este destina sua afeição para a Sra. K. Ela, então, apega-se ao que, nessa outra, é amado por seu pai, dado que ela não sabe o que é. Dora se situa entre seu pai e a Sra. K, sendo esta aquela que encarna a questão atinente ao feminino para Dora. Ela é aquilo que é amado *para além* de Dora, realizando assim o que não encontra onde se alojar, aquilo que Dora não pode saber, nem conhecer: “o que é amado num ser está para além daquilo que ele é, a saber, afinal de contas, o que lhe falta” (LACAN, 1956-1995, p. 144).

---

<sup>1</sup>Texto produto do cartel *Estruturas clínicas e direção do tratamento*, apresentado na Jornada de Cartéis do FCL-SP em 26/11 2021.

<sup>2</sup>Psicanalista. Psicólogo (Unesp/Bauru). Mestre em psicologia (Unesp/Bauru). Psicólogo do SEAPES (Serviço de Apoio Psicológico aos Estudantes da Faculdade de Medicina de Botucatu — FMB/UNESP).

A uma tal tendência em se imiscuir nas relações amorosas, Lacan indica que “a histérica é alguém que ama por procuração” (*Ibid.*, p. 141). O objeto de seu desejo é uma outra mulher, mas essa abordagem não se dá de forma direta, mas por meio de uma identificação masculina. Assim, Dora se identifica com o Sr. K para, a partir daí, interrogar-se acerca do mistério do feminino suposto na outra mulher. Vemos que a visada ao objeto se sustenta por uma pergunta, e não tanto por se tratar de uma escolha libidinal (enamoramamento). Enfim: a Sra. K. é a questão de Dora.

No historial clínico de Dora, Freud (1905/2016) pôde perceber seu equívoco ao insistir na proposição de que o objeto de interesse dela recaía sobre o Sr. K. Sobre isso, Lacan desloca a questão do polo “o que Dora deseja?” para “quem deseja em Dora?” (*Seminário 3, op. cit.*, p. 205). Verifica que, no balé a quatro formado por Dora, seu pai, Sra. K e Sr. K., o eu de Dora está identificado a este último. Na mesma medida em que ela admite que seu pai ame nela (Dora) aquilo que aqui que está *para além* (Sra. K), ela aceita ser amada pelo Sr. K. *para além* de sua mulher, desde que esta represente alguma coisa para ele. Tal configuração se mantém estável, até o momento em ocorre a dissolução desse imaginário, quando o Sr. K lhe confia “nada tenho com minha mulher” (*Caso Dora, op. cit.*, 1905/2016, p. 300). Ora, se não há algo depois de sua mulher, então não existe essa alguma coisa *para além*, suposta por Dora: “esse nada que deve existir para além” (*Seminário 4, op. cit.*, p. 146), ou seja, a dimensão da falta. Com a ruptura dessa trama imaginária, “Dora se vê relegada ao papel do puro e simples objeto” (*Ibid.* p. 147) e isso ela não suporta. Passa, então, a reivindicar, demandando o amor de seu pai com exclusividade. É a partir daí que sua neurose se manifesta em sua vasta sintomatologia.

A partir dessa breve exposição do caso Dora, tendo a pensar que, enquanto lhe foi possível sustentar as relações referentes a seu quarteto, nessa configuração imaginária, algo de seu desejo estava mais evidenciado. Antes de Dora recair na dialética da demanda, exigindo o amor de seu pai, sua questão neurótica apresentava-se mais acessível, mesmo que o encaminhamento dado a ela estivesse alienado no saber suposto no Outro e nos “desvios do labirinto das identificações complexas” (LACAN, 1960-61/2010, p. 304). Suponho que a dimensão do “*para além*”, da falta, estava mais destacada, não ficando circunscrita

---

ao circuito da reciprocidade ‘Dora — pai’. Isso nos remete à relação da histérica com o falo, que procuraremos abordar a partir da estratégia defensiva histórica discernida na dialética da demanda e do desejo.

Lacan (1957-58/1999, p. 154) aborda uma distinção entre os registros da demanda e do desejo propondo algo inexistente: um “momento simbólico ideal primordial”. Se fosse possível uma completa satisfação da fala, uma demanda plenamente satisfeita, isso seria representado pela simultaneidade da intenção, manifesta como mensagem, e da chegada desta no Outro. Tal momento suposto seria constituído pela exata coextensividade entre o desejo e aquilo que o porta e o comporta, ou seja, o significante. Isso nunca acontece. A passagem do desejo pelo significante implica em uma refração, um desvio. O desejo é traído pelo significante. Entretanto, não há alternativa, o desejo depende do circuito da demanda, na medida em que esta é articulada e articulável pelo significante.

Ao falar endereçando-se ao Outro, o registro mítico da necessidade é triturado pelo moinho dos significantes. Ele é mítico dado que, uma vez falado, já se está na dimensão da demanda. Assim, supõe-se um estado primevo caracterizado pela necessidade. Quanto à demanda, Lacan a define como intransitiva, ou seja, seu objeto não é essencial, na medida em que ela visa o Outro, sua presença ou ausência, dando ou não sua presença, não exigindo condições para isso: ela é incondicional. Desta forma, a demanda é sempre demanda de amor.

A introdução da demanda implica em uma perda da necessidade. No período pré-genital, a criança depende totalmente da demanda do Outro, de sua fala que, como vimos, modifica e aliena seu desejo. A dialética da demanda, entre sujeito e Outro, caracteriza-se pela reciprocidade: um depende da resposta do outro.

Essa dialética da demanda parece ser algo problemático para a histérica, dado que a reciprocidade na satisfação da demanda, com o Outro, aponta para um circuito no qual a subjetividade pode ser esmagada.

A histérica é (...) o sujeito para quem é difícil estabelecer com a constituição do Outro como grande Outro, portador do signo falado, uma relação que lhe permita preservar seu lugar de sujeito. (...) o histórico ou a histérica estão tão abertos à sugestão da fala que deve haver alguma coisa nisso. (*Ibid.*, p. 376-77).

Ela precisa “cavar” um espaço aberto na demanda, sem satisfação, para que dessa lacuna possa emergir seu desejo. Daí, então, sua estratégia defensiva de criar para si um desejo insatisfeito. Diante do perigo da fala do Outro capturar inteiramente seu desejo, na satisfação recíproca da demanda, ela procura, com um desejo insatisfeito, criar para si um Outro incompleto, incapaz de satisfazê-la totalmente.

Assim, é na medida em que o Outro é marcado pelo significante que o sujeito pode também reconhecer-se como marcado por ele: “há sempre algo que resta para além do que pode satisfazer-se por intermédio do significante, isto é, pela demanda” (*Ibid.*, p. 379). Quanto a isso, o caso da Bela Açougueira é exemplar. Na histeria é preciso desejar uma *outra coisa*, diferente daquela que ela pode receber do Outro (o caviar), que responde por uma verdadeira necessidade. Ela “não quer ser satisfeita apenas em suas verdadeiras necessidades. Quer outras, gratuitas, e, para ter toda a certeza de que o são, não quer satisfazê-las”. (LACAN, 1958/1998, p. 631).

Isso nos remete para a estruturação do desejo, a partir da demanda. Ele se produz no *para além* da demanda, dado que esta, ao articular o endereçamento ao Outro com as condições de vida, desbasta o que é da ordem da necessidade. Mas o desejo também se manifesta no intervalo cavado no *para quem* da demanda, na medida em que o sujeito, articulando a cadeia significante, faz emergir a falta-a-ser, esperando receber do Outro o seu complemento, uma vez que “o Outro, lugar da fala, é também do lugar dessa falta”. (*Ibid.*, p. 633).

Verificamos o quanto a histeria nos indica a diferença do desejo em relação à demanda. O desejo constituído *para além, para quem* dela, é desejo de *outra coisa*: ele está descentrado do registro da demanda, ou da fala. É por isso que não se pode objetivar o desejo em algo, falando exatamente qual é o desejo de alguém. “O desejo é a metonímia da falta-a-ser”. (*Ibid.*, p. 629).

A distinção entre demanda e desejo pode ser uma via pela qual se encaminhe a abordagem da questão do falo na histeria. Como vimos, o desejo na histeria se constitui a partir do desejo do Outro — na verdade, isso é próprio da estrutura neurótica, mas na histeria isso se processa de forma bem destacada: “o sujeito histérico se constitui quase que integralmente a partir do desejo do Outro”. (*Seminário 5, op. cit.*,

---

p. 377). A histérica busca criar para si um Outro incompleto. Lacan (*Ibid.*, p. 379) diz que o falo é um significante eletivo que “se coloca num segundo grau do encontro com o Outro”. Entendo isso sob a perspectiva do grafo do desejo: o primeiro encontro com o Outro, no primeiro andar do grafo, se dá em “A”, Outro não barrado, e o segundo encontro, no andar superior, em  $S(A)$ , significante da falta no Outro. A função do significante falo seria, justamente, a de marcar o que o Outro deseja como marcado pelo significante, isso é, barrado.

Posto isso, acredito que pensar na relação entre a histérica e o falo exija uma breve distinção entre falo simbólico  $\Phi$  e falo imaginário  $\phi$ . O  $\Phi$  designa o falo como significante, que como foi dito, relaciona-se com o  $S(A)$ , da falta no Outro, que aponta para um limite da linguagem. O seu lugar é o de “suplência no ponto onde, no Outro, desaparece a significância” (*Seminário 8, op. cit.*, p. 287). Dessa forma, podemos entender o  $\Phi$  como um significante que, advindo no Outro, suturaria a sua falta (A). Em sua fantasia, a histérica visa justamente ao A, ao Outro absoluto, no qual ela crê, guardando a resposta ao seu “o que sou eu?”. A chave desta pergunta estaria em  $\Phi$ ; entretanto, ele encontra-se fechado, sempre velado. Por essa razão, ela se vale de todos os sucedâneos possíveis do signo  $\Phi$ , suas formas mais próximas — as referentes ao pequeno *phi*, falo imaginário ( $\phi$ ). “Pois tudo que está em questão para Dora, como para toda histérica, é ser fornecedora deste signo sob a forma imaginária” (*Ibid.*, p. 305). Ela troca seu desejo pelo falo imaginário, preferindo um desejo insatisfeito para que o Outro guarde a chave de seu mistério. Para tanto, a histérica se devota, se identifica com os dramas sentimentais (que, muitas vezes, não são da sua conta), procurando fornecer o  $\phi$ , e assim reparar o Outro, reanimá-lo, recompletá-lo, reassegurá-lo.

Entendo que tal relação com o  $\phi$  pode contribuir para o esclarecimento da problemática identificatória na histeria. Segundo Lacan (*Seminário 5, op. cit.*, p. 381), a identificação histérica se realiza na fantasia ( $\$ \diamond a$ ). A fantasia da histérica se escreve:  $a/-\phi \diamond A$ , sendo o ‘a’ o outro imaginário com o qual ela se identifica “sobre alguma coisa que está escondida, a saber, *menos phi*, sua castração imaginária, em relação com o Outro” (*Seminário 8, op. cit.*, p. 206). Dora identificava-se com o Sr. K, fazendo dele sua imagem substituta (ou objeto metafórico: a) e intervindo com

ele junto àquela que poderia responder o enigma do feminino, a Sra. K (A). Observemos que o Outro aqui não é barrado, indicando que seria absoluto, dotado do falo simbólico  $\Phi$ , a chave para o mistério. Eis um paradoxo: não existe representação inconsciente para o sexo da mulher; entretanto, a histérica tenta encontrar a resposta do feminino por meio da referência fálica, estando sempre pronta para fornecer o falo imaginário, bancando o homem. Tanto é assim que, ao dizer que sua esposa nada era para ele, o Sr. K deixa de servir como objeto de identificação: “se ela não o faz ficar de pau duro, então, para que é que você serve?” (*Ibid.*, p. 305), seria a objeção de Dora.

Por fim, uma observação. Vimos que a histérica busca constituir para si um Outro incompleto (A), como parte de sua estratégia defensiva: o desejo insatisfeito implica no Outro incompleto. Entretanto, na fantasia, ela visa ao Outro completo (A). Freud, no historial clínico de Dora (*op. cit.*, p. 305), nos dá a seguinte indicação:

A incapacidade de satisfazer a exigência amorosa *real* é um dos traços essenciais da neurose; os doentes são dominados pela oposição entre a realidade e a fantasia. Eles fogem daquilo pelo qual anseiam mais vivamente nas fantasias, quando com ele deparam na realidade, e se entregam de muito bom grado às fantasias, quando já não precisam temer que elas se realizem.

## Referências

- FREUD, S. (1905). Análise fragmentária de uma histeria (“o caso Dora”). In: \_\_\_\_\_. **Obras completas**, vol. 6. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das letras, 2016. pp. 173-320.
- LACAN, J. (1955-56). **O seminário, livro 3**: As psicoses. 2ª ed. Tradução de Aluísio Menezes. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. 377 p.
- LACAN, J. (1956-57). **O seminário, livro 4**: A relação de objeto. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995. 456 p.
- LACAN, J. (1957-58). **O seminário, livro 5**: As formações do inconsciente. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. 532 p.
- LACAN, J. (1958). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: \_\_\_\_\_. **Escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. pp. 591-652.
- LACAN, J. (1960-61) **O seminário, livro 8**: A transferência. 2ª ed. Tradução de Dulce Duque Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 2010. 487 p.
-



---

# +1, QUE *TREM* É ESSE?<sup>1</sup>

Viviana S. Venosa<sup>2</sup>

Quando digo “o trem das onze horas” estou designando qualquer trem que, às onze horas, caia sob o conceito “trem das onze horas”.

Quando digo “o presidente deste país” estou designando um homem que, em um período da história, ocupou o cargo de presidente neste determinado país.

Quando se diz “o mais-um de um cartel”, está se designando o quê?

Um passo para trás: nem “trem das onze” nem “presidente” querem dizer muita coisa. Alguns presidentes de certos países, inclusive, falam muita bosta. E me causa vontade de dizer poucas e boas. Mas daí já vou deslizando para os sentidos das coisas.

Ora, quando dizemos 4 mais-Um, a soma de números naturais desse cartel é 5. A letra desse cartel é igual a 4 e o número é +1, resultando na somatória  $n+1 = 5$ . Será que Lacan errou na conta? O que significa  $n+1$ , já que  $n+1$  é também a fórmula da repetição? Bem, a repetição é a prova de que a máquina funciona, a repetição é o testemunho de que tem funcionalidade... não serve para nada, já que goza, mas faz função. E apela para o funcionário, que cai como um patinho sob o conceito: +1. E baixa o mestre e dá baixa no +1, sobrecarregado. E se não houver encarregado?

Dois passos para trás: Se  $n+1$  não quer dizer nada, a conta: *ene* mais um é igual a cinco se, e somente se,  $n=4$ . A letra se faz número quando opera uma identidade. Quanto ao 4, posso escrevê-lo matematicamente na identidade:  $1+1+1+1 = 4$ . Só que sabemos, desde Frege, que 1 é um conjunto vazio. E sabemos também, com o que Lacan extrai de Saussure, que o significante é vazio. E vazio também é o nome de um

---

<sup>1</sup>Texto apresentado no Café Cartel do Fórum do Campo Lacaniano SP em 15/05/2021.

<sup>2</sup>Psicanalista, membro do FCL-SP.

corde de carne. Se isso for lido na via do sentido, cai a função de +1. E sobe o eu falo. Daí, só mordendo a língua.

Se +1 não quer dizer nada, então quer dizer algo. O que quer dizer +1? Quer dizer da função que faz operar um cartel. Mais um vazio. E isso não é nada. Nem tudo. Mas, Um-Vazio.

Um apelo: Que tal *ser* +1?

Ora, como *não-ser*? Será, caso não for. Todavia, quando for *não-ser*, depois saberemos se terá havido vazio, enquanto verdadeiro do “não há nada mais que o *um a um*”<sup>3</sup>. Afinal, se fez musicar o trem das onze que nem existiu de verdade. Existiu?

## Referências

- FREGÉ, G. **Lógica e Filosofia da Linguagem** [tradução Paulo Alcoforado]. São Paulo: Cultrix, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1978.
- LACAN, J. Função e Campo da Fala e da Linguagem [tradução Vera Ribeiro]. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 238-324, 1998.
- LACAN, J. Ato de fundação [tradução: Vera Ribeiro]. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 235-247, 2002.
- LACAN, J. (1972-1973) Le séminaire — livre 20: Encore. In: Staferla.
- LACAN, J. 1975-04-12. INTERVENTIONS DANS LA SEANCE DE TRAVAIL SUR: DU « PLUS UNE ». in: <https://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1975-04-12e.pdf>
- SAUSSURE, F. *Écrits de linguistique générale*. Organisés et édités par Simon Bouquet et Rudolf Engler. Paris: Gallimard, 2002.

---

<sup>3</sup>Lacan, J. Intervenção na Sessão de Trabalho sobre: “O Mais Um”, em 12 de abril de 1975. (tradução livre)

---

---

# A POLÍTICA DA PSICANÁLISE E O REAL EM JOGO NA FORMAÇÃO DO ANALISTA<sup>1</sup>

Lia Silveira<sup>2</sup>

Vivemos um momento histórico em que as coordenadas com que o real se amarra ao simbólico passam por profundas transformações. Fazer a leitura do que está em vias de se fazer ainda vai levar um tempo, mas já é consenso entre vários pensadores que a pandemia do coronavírus inaugura, de fato, o início do novo século, promovendo mudanças culturais, sociais, econômicas e tecnológicas que reorganizarão o modo de vida na contemporaneidade. Além da pandemia, vivemos no Brasil um cenário político marcado pela ascensão de discursos fascistas, do descaso com a vida, e pelo desmonte de conquistas sociais acumuladas nas últimas décadas.

Neste contexto, uma citação de Lacan que surge em *Função e Campo da Fala e da Linguagem* (1953/1998, p.321) tem sido frequentemente evocada para convocar os psicanalistas a se posicionarem: “que renuncie a isso [à prática da psicanálise], antes, aquele que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época”. É uma interpretação de que o analista precisaria estar atento à subjetividade de sua época para melhor intervir no social, seja modificando-o diretamente, seja adaptando-se para melhor se encaixar nele.

Nesse texto, parto de uma outra perspectiva para sustentar a hipótese de que, se Lacan coloca aqui a centralidade de se alcançar a subjetividade de sua época, é antes para pensar como se darão as bases

---

<sup>1</sup> Texto apresentado no Módulo de Transmissão Cartel faz escola: fundação e transmissão, do FCL-SP, em 2021.

<sup>2</sup> Psicanalista, membro de Escola da EPFCL, da EPFCL-Brasil e do Fórum Fortaleza.

para a sobrevivência da psicanálise no mundo, não sem a sustentação da radical atopia que o discurso analítico exige. Assim, pretendo desenvolver algumas questões: como o discurso analítico atravessou as transformações históricas chegando com sua virulência ainda viva até aqui? Como a proposta de Lacan de uma Escola sustentada pelos dispositivos do cartel e do passe responde a isso?

### UM POUCO DE HISTÓRIA ...

A necessidade de considerar a subjetividade de sua época, bem antes de Lacan formular a tão citada frase, já se impôs para Freud. As questões suscitadas pelo contexto histórico em que ele estava envolto já foram levantadas por seus biógrafos e pelos historiadores da psicanálise. Destaco aqui apenas duas que considero mais importantes: a ascensão do nazismo e a sedução exercida pelo discurso médico no mundo capitalista.

Sabemos que a preocupação de Freud diante dessas questões eram, especialmente, o risco que elas colocavam para a sobrevivência da psicanálise. De um lado, a possibilidade de que, por ser uma invenção de um judeu, ela pudesse ser perseguida e destruída pelo racismo anti-semita. Por outro, o risco de que ela acabasse sendo apropriada pelo saber médico e reduzida a um capítulo nos compêndios de medicina.

Quanto à segunda questão, a do risco de apropriação pela medicina, Freud nos deixou *A Questão da Análise Leiga*, texto de 1926 que até hoje nos orienta quanto à formação. Para a primeira ameaça, o risco do anti-semitismo, sua resposta foi a criação de uma Instituição que pudesse zelar pelos preceitos teóricos da psicanálise, a International Psychoanalytical Association (IPA), com a escolha de um não judeu para ser seu primeiro presidente, Carl Gustav Jung. Olhando em retrospectiva, vemos como apostar no escrito é sempre mais alvissareiro que apostar nas pessoas, pois, podemos dizer que, se tivesse dependido de Jung e do modelo que os pós-freudianos adotaram para a formação do analista, não teria sobrado muito da lâmina cortante da psicanálise até aqui.

No momento da criação da IPA (1910) era Freud, o próprio pai da psicanálise quem zelava pela manutenção da verdade de seu discurso e quem outorgava a garantia. Seus discípulos aproximavam-se dele para encontrar as referências que guiariam sua prática. No entanto, com as

---

condições socioeconômicas trazidas pelo fim da Primeira Guerra na Europa, algumas variáveis singulares vão se colocar para a psicanálise. Por um lado, surge a ideia de oferecer tratamento acessível às vítimas da guerra. Por outro, começa a surgir mais gente interessada na formação e a psicanálise vai alargando suas fronteiras.

As clínicas públicas surgem então como a oportunidade certa para proporcionar as condições de uma formação sistematizada para os analistas de todo o mundo, ao mesmo tempo e que permitia proporcionar atendimento gratuito à população empobrecida (HERMAN, 2015) É assim que, vestida de um ideal inclusivo, cria-se o Instituto de Psicanálise de Berlim e, junto com ele a proposta expansionista e padronizadora da psicanálise que teve na figura de Max Eitington seu idealizador (SOLER, 1991).

Em 1925 a IPA reconhece o sistema do Instituto de Berlim como padrão internacional e cria um Comitê Internacional de Formação cujo objetivo era padronizar a formação em psicanálise no mundo inteiro. A proposta inicial incluía o ensino teórico de dois semestres, mais seis meses de análise didática (com um dos analistas propostos pela da instituição) com uma frequência de, no mínimo, quatro vezes por semana e com o atendimento sob supervisão em policlínicas para as massas<sup>3</sup>. (HERMANN, 2015)

Eram exigidas características como maturidade da personalidade e firmeza de caráter, excluindo-se da formação os neuróticos graves. O analista didata, por sua vez, tinha que prestar contas dos progressos do analisante perante a instituição que decide se, e quando, o candidato pode começar a formação prática. Nesse sistema, a análise e a supervisão acabaram tendo cada vez mais um caráter de julgamento, o que vai de encontro à regra da associação livre.

Por fim, a despeito dos argumentos de Freud a favor da análise leiga, o sistema ipeísta passa a exigir a graduação em medicina, aceitando apenas para a formação teórica os graduados em áreas afins. Como

---

<sup>3</sup>Curiosamente essas policlínicas têm sido retomadas na atualidade, especialmente a partir do livro de Danto (2019) como modelo de “democratização” da psicanálise, muitas vezes sem levar em consideração que elas fizeram parte do projeto de padronização da psicanálise pensado por Eitington.

afirma Soler (1991, p. 26) “o objetivo é claro e lógico: para regulamentar a psicanálise, regulamentar o psicanalista. A Instituição colocou-se, desde o começo, como o agente desta regulamentação e como o sujeito suposto saber as normas”.

Esse modelo da padronização da formação seguiu com poucas modificações nos anos seguintes na IPA e é nesse contexto que Jacques Lacan começa a empreender sua própria formação e esboçar os elementos que vão lhe permitir fazer a crítica destes parâmetros adotados. Os termos desta crítica já podem ser encontrados no texto intitulado “Da situação da psicanálise em 1956” em que Lacan retoma a preocupação de Freud em criar um “instituto ideal” visando “assegurar a manutenção de seu pensamento na íntegra mesmo quando ele já não estivesse presente para defendê-lo” (LACAN, 1956/1998, p. 476). Temos aí um Freud que tenta se proteger do real que ameaça a psicanálise, mas que ao invés de evitar, o que a IPA fez foi cristalizar a psicanálise em uma lógica muito próxima daquela que Freud apresentou em *A Psicologia das Massas* (1921/2011).

Assim, enquanto Freud apostava na vertente simbólica para sustentar o que é uma análise — como se depreende do conjunto de preceitos apresentados em *A Questão da Análise Leiga* (1926/2014), o que prevaleceu em sua instituição foi uma vertente imaginária de identificação com o líder, a mesma presente nos exércitos e igrejas.

É essa estrutura de igreja que Lacan denuncia em seu texto de 1956 sobre a situação da psicanálise, dando ironicamente os nomes de “suficiências”, “beatitudes”, “bem-necessários” e “sapatinhos apertados” à hierarquia ali encontrada. As suficiências, por exemplo, são aquelas figuras que bastam a si mesmas e que servem de molde a reprodução imaginária. Mas, por uma questão lógica, desde que se forma a classe das suficiências, precisa-se da classe das “insuficiências”. Categoria que, sem implicar a indignidade, indica que quem está fora da suficiência constitui o lugar dos “sapatinhos apertados”. São aqueles mais novos na instituição que estão sempre com os sapatos apertando (pisando em ovos, diríamos no Brasil), ou seja, eles não questionam a ordem instituída, não fazem perguntas.

Não vou me deter em retomar todas as definições dos postos elencados por Lacan nesse texto, mas o que temos, afinal é que, se a associação

---

criada por Freud sobreviveu até os dias de hoje, inclusive a si mesma, foi ao preço de só poder ser sustentada sobre a voz de um morto, sobre o cadáver de Freud e seu texto transformado em letra morta.

Por ousar colocar esses pontos de crítica ao modo como vinha sendo pensada a formação do analista, Lacan acabou sendo em 1963 impedido de exercer a função de didata na IPA, o que, segundo ele, equivaleu a uma “excomunhão”, apontando aí também para a estrutura de igreja em que esta instituição se encontrava (LACAN, 1964/1985).

Sem o abrigo do teto da IPA, Lacan se viu obrigado a se colocar a questão: “em que estou eu autorizado?” (LACAN, 1964/1985, p. 09) resposta a essa pergunta ele levará anos elaborando e passará, não por uma dispensa do pai, mas com um ir além, com a condição de servir-se dele. É assim que Lacan abre seu primeiro seminário fora da IPA recorrendo aos conceitos fundamentais da psicanálise para, apoiando-se na letra freudiana, esboçar as bases do seu próprio ensino e, em 1964, funda sua Escola como: “o organismo em que deve realizar-se um trabalho — que no campo aberto por Freud, restaure a sega cortante de sua verdade”, reconduzindo a psicanálise ao dever que lhe compete em nosso mundo, criticando e denunciando “os desvios e concessões que amortecem seu progresso, degradando seu emprego” (LACAN, 1964/2001, p. 235).

A ênfase mais uma vez é na sustentação do rigor da psicanálise na atualidade do nosso mundo, única via para garantir as bases para a formação do analista. A formalização dessas bases vem alguns anos depois no texto intitulado *Proposição de 9 de Outubro de de 1967 Sobre o Psicanalista da Escola*: “O psicanalista só se autoriza de si mesmo. (...) Isso não impede que a Escola garanta que um analista depende de sua formação.” Temos aí duas vertentes da formação do analista: 1 — O foco é colocado na responsabilidade de cada um que se autoriza; 2 — Mas isso só se sustenta num espaço que sustenta a garantia, a Escola. (LACAN, 1967/2003, p. 248)

No entanto, ao fechar uma resposta sobre a autorização, essa proposição também abre outras perguntas: como pensar esse “si mesmo” sem cair no ego forte exigido pela IPA que neutraliza o inconsciente? Como pensar a questão da garantia dada pela instituição sem recair na hierarquia padronizada e na instauração de um outro que

regulamenta? Foi em torno dessas questões que seu ensino avançou nas décadas seguintes, tomando como eixo o fato de que “há um real em jogo na formação do analista”.

## HÁ UM REAL EM JOGO NA FORMAÇÃO DO ANALISTA

“Mas existe um real em jogo na própria formação do psicanalista. Afirmamos que as sociedades existentes fundam-se nesse real” (LACAN, 1967/2003, p. 249).

A elaboração lacaniana sobre a questão da autorização do analista está diretamente atrelada ao fato de que esta não pode estar separada da experiência que ele conduz. Mas o que é a experiência de uma análise?

Procura-se uma análise porque as ficções que o sujeito tinha para responder ao seu lugar no mundo (suas identificações) e às suas relações com os outros (sua configuração de gozo) já não se sustentam mais, apontando para um encontro com o traumático. Trata-se, de fato, de um re-encontro, que re-edita algo que já foi vivido como um encontro faltoso que se escreve como pergunta: que queres?

Trata-se de um momento em que o saber do Outro se mostra insuficiente, um momento de separação do Outro onde uma escrita é requerida, nesse ponto onde o incomensurável é levado aos seus últimos limites. Vai ser diante desse enigma acerca do desejo do Outro que o sujeito vai se escrever como resposta: com seu Eu, seu sintoma e sua Fantasia. Seguindo o grafo do desejo esboçado por Lacan (1960/1998) vemos como estas são as ficções que o sujeito constrói para obturar esse buraco aberto no encontro traumático.

Tudo o que a civilização constrói vai no sentido de um não querer saber sobre esse traumático. Tudo, menos encarar o fato de que que somos seres castrados. Uma análise, portanto, tem por objetivo levar o sujeito a retomar essas ficções, descamando-as como uma cebola, até encontrar aí com algo desse encontro traumático que elas visavam recobrir. Logo no início de seu ensino, Lacan define esse processo assim: trata-se em uma análise do tempo destinado a que um sujeito possa realizar a “reintegração de sua história até seus últimos limites sensíveis” (LACAN, 1954-55/1985). Essa citação nos diz duas coisas: por um lado, uma reintegração da história é possível; por outro, que

---



essa reintegração encontra limites. Muito tempo depois, acompanhando seu ensino, vamos poder perceber que esses limites confinam com um “para além”, onde comparece algo que não pode ser reintegrado na história, mas que nem por isso para de não se escrever.

Em *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano* Lacan (1960/1998) formaliza a constatação de que o Outro, assim como o sujeito, também é barrado. Ou seja, que o simbólico padece de uma incompletude, um furo onde o sentido não se fecha. Assim, se para Freud, o limite é encontrado sob a forma do rochedo da castração, o ensino de Lacan se constitui ao apontar que essa “topada” numa pedra ainda não é o fim. É preciso ir além dele e elaborar algo que possa cernir ainda o que escapa aos ditos, mas está presente funcionando como um dizer.

A castração para Lacan não resulta de um outro (o pai ou a sociedade) que impede de gozar. Ela é efeito da incidência do significante sobre o corpo. Há sempre uma perda quando se abre a boca ou mesmo quando se pensa. Mas o sujeito se defende disso com o sentido, uma gosma de simbólico e imaginário, feita para atribuir ao Outro aquilo que causa seu sofrimento.

Com Lacan (1972), podemos dizer que esse limite do encontro com a castração se desdobra e comparece em três “diz-mensões”. Em primeiro lugar, o impossível de dizer tudo que confina com o impossível do sentido. Ele é encontrado na própria armadilha em que a demanda se enreda ao submeter-se à regra analítica: a proposta “diga tudo que lhe vier à cabeça” é tomada pelo analisante como uma promessa de que, ao “dizer tudo”, encontrará aquilo que falta para “tudo dizer”.

Em segundo lugar, é preciso que o analista conduza esse percurso um pouco ainda mais longe, permitindo a elaboração de algo que vai mais além das histórias contadas. Trata-se de uma construção que tem seu suporte no furo aberto no impossível que é seu precedente lógico e é em torno dele que ela começa a se fazer como uma borda, a-bor-dando um furo no real.

Abre-se um caminho que implica em um “assegurar-se” do próprio inconsciente para poder ir tomando pedaços de sonhos, de palavras... para, enfim, tocar naquilo que está fora dos ditos, mas que se constitui como a base de um dizer. Trata-se de uma construção feita não mais de

---

fatos históricos, mas de pequenos fragmentos de sonhos, lapsos, lembranças que não são propriamente rememoradas, mas que se deduzem pela lógica. Uma lógica que revela as ficções secretadas no encontro com o impasse sexual e que “*racionalizam a impossibilidade da qual ele provém*” (LACAN, 1974/2003, p. 531).

Por essa via é que a verdade calcada na fantasia revela seus limites e, assim, conduz a um outro encontro com o impossível, dessa vez com aquele da significação que a fantasia ensejava. A fantasia, ficção para onde é transposta a experiência do neurótico, é uma armadilha engenhosa para tentar capturar o objeto recortado do corpo onde o sujeito coloca a si mesmo no ponto onde o vazio foi encontrado. Podemos tomar como exemplo a montagem histórica, onde o corpo é o monumento onde o sintoma se inscreve, impedindo a entrega sexual ao mesmo tempo em que sexualiza outras funções. A consequência de desmontar essa armadilha é que agora passa a ser possível a “assunção do corpo próprio” que permite o acesso à feminilidade sem o risco do despedaçamento funcional que constitui os sintomas de conversão (LACAN, 1951/1998, p 220).

À assunção da história (e de seus limites) e à assunção do corpo (consequência do atravessamento da fantasia), Lacan encadeou uma terceira: assunção da castração, que confina com o impossível do sexo. Trata-se de, como diz Colette Soler (2012), “assumir as consequências da solidão que o inconsciente programa para o falante exilado da relação sexual”.

O mundo das significações é movido pela realidade sexual. É por ela que o significante entra no mundo, ou seja, que o homem aprende a pensar (LACAN, 1964-65/2006), p.144). É a curiosidade da criança em sua pesquisa, como apontou Freud. A realidade sexual coloca em jogo o registro do real, como aquilo que não entra nas significações, escapa à representação, mas empurra nossa busca por tentar representar. Real é aquilo que se atravessa, sempre no mesmo lugar, mas sempre imprevisível.

É por isso que a experiência da psicanálise pode conduzir a uma satisfação em consentir com a castração: ali onde o sujeito atribuía um sentido à pergunta “o que o Outro quer de mim?” (com o gafanhoto fêmea que devora o macho depois da cópula), vai se deparar com o

---

sem sentido que esvazia essa resposta. O que vai restar é a experiência com o próprio gozo, com o próprio corpo. Inventar um outro modo de lidar com isso é uma questão ética. Não é fácil, mas já é outra viagem! A única que permite afrouxar o nó na garganta que esgana o sujeito. Há na experiência de análise uma dimensão epistêmica, de um saber<sup>4</sup> que se decanta do que se saboreia da própria experiência.

Aqui vai ficando claro porque não é possível que o analista leve seu analisante a um ponto em que ele mesmo, analista, nunca esteve. Para adquirir a certeza necessária ao ato é preciso que se inscreva, para este que se propõe a analista, algo que supere a tendência fundamental do ser falante ao não querer saber nada d'isso. Por isso o programa lacaniano do que é um analista articula que só se pode sustentar esse lugar para um outro a partir de uma articulação visceral entre a questão da formação com a questão da análise. Fim, portanto, da separação entre análise didática e análise terapêutica e início da aposta na Escola como lócus da manutenção em aberto do furo por onde essa experiência vai poder se decantar.

Apostar na Escola, portanto, é muito diferente de apostar em uma instituição que protege a psicanálise das irrupções do real (como foi o caso para Freud da criação da IPA. Com a criação dos dispositivos do cartel e do passe a Escola de Lacan coloca o real no lugar de referência da própria formação do analista. Eles não protegem do real, muito ao contrário, eles convocam à uma invenção de modos de lidar com isso que sempre volta.

O encontro com o furo, com a incompletude, faz parte da vida. Ele é da ordem do necessário, o que não cessa de não se escrever. É o real em sua face de impossível, aquilo que não anda. Daí brota, em termos lógicos, o necessário, aquilo que não pode não ser. É de estrutura que, em virtude da impossibilidade de escrita da relação sexual, algo se escreva como necessário, como o pequeno Hans que procura o “faz pipi” de todas as coisas que em seu universo lógico não poderia não ser assim. Temos aí a função fálica por onde se ordena o sintoma, a fantasia neurótica, o desejo.

---

<sup>4</sup>Descobri num cartel com a colega Zilda Machado que as palavras “saber” e “sabor” tem a mesma raiz latina.

Mas, para além daquilo que se impõe como efeito de estrutura, também pode ocorrer (ou não) que, no limite desse furo, algo possa se escrever como contingência: “contingência em que (...) submete a relação sexual para o ser falante a ser somente o regime do encontro (thychê)”. Seja ele um bom encontro (eutychia) ou mal encontro (dystychia) (LACAN, 1972-73/2008, p. 127)

Podemos pensar o contingente como um modo de apresentação do real, mas de forma que, quando ele comparece, é possível ler seus efeitos. Ele se deduz em termos de afetos, do espanto, da surpresa. Isso afeta o corpo, isso deixa uma marca que pode ser lida, por aqueles que estejam, por sua própria experiência, dispostos a essa leitura. Trata-se de uma marca de gozo que é também marca de um saber adquirido, um saber que não se esquece pois foi saboreado: “algo que não somente se articula, mas que se inscreve, se inscreve no destino de cada um” (LACAN, 1972-1973/2008, p. 156).

É nesse efeito contingente de extração de um saber diante do encontro com o real que a Escola de Lacan aposta, a partir da sustentação dos dispositivos do cartel e do passe. No caso do cartel, por exemplo, tem o que se estuda teoricamente, e isso é muito importante. Faz a gente pensar, faz avançar nas análises, coloca questões para a clínica. Mas existe um outro modo de transmissão, contingencial, que pode ou não acontecer.

O limite do saber é a linguagem, não podemos saber nada que não tenha estrutura de linguagem. Mas na estrutura de linguagem, nem tudo é languageiro. A estrutura também faz borda ao inapreensível pela significação fálica e é nesse ponto que, como diz o texto de Anita Izco- vich, o indemonstrável faz prova:

São efeitos de afetos que se produzem, que caem ao lado, de um membro a outro do cartel. Não são enxertos de saber, são efeitos que descompletam e se produzem a partir da disjunção. Estamos sempre nessa fronteira quando elaboramos em um cartel. É um compartilhamento do saber que não é uma medida comum pois ele é sempre descompletado (IZCOVICH, 2012, p. 15).

A Escola não é garantia absoluta de que a psicanálise siga com sua lâmina afiada, mas é uma aposta sempre renovada de que, diante desses

---

efeitos do real, possa surgir um entusiasmo que permita ao analista fazer frente às “trevas do mundus” e deixar “à visão mística a tarefa de ver elevar-se ali, sobre um bosque eterno, a serpente putrefaciente da vida” (LACAN, 1953/1998, p. 322).

## Referências

- DANTO, E. **As Clínicas Públicas de Freud** — psicanálise e justiça social, Editora Perspectiva, 2019.
- FREUD, S. (1926) A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial. In: SOUZA, P. C. (Org.). **Obras Completas de Sigmund Freud: Vol. XVII**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- FREUD, S. (1921) Psicologia das Massas e Análise do Eu. In: FREUD, S. **Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos** (1920-1923). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- HERRMANN, L. A questão do ensino teórico na formação psicanalítica. **J. psicanal.**, São Paulo, v. 48, n. 89, p. 53-63, dez. 2015. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-58352015000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-58352015000200005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 13 mar. 2022.
- IZCOVICH, A. Quando o Indemonstrável faz prova. **Boletim Internacional Da Escola De Psicanálise Dos Fóruns Do Campo Lacaniano**, número 13, 2012.
- LACAN, J. (1951) Intervenção sobre a transferência. In **Escritos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. (1953) Função e campo da fala e da linguagem — Relatório do Congresso de Roma. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed, 1998.
- LACAN, J. (1954 — 1955) **O seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- LACAN, J. (1956) **Situação da psicanálise e formação do psicanalista em 1956**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro, 1998.
- LACAN, J. (1960) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: **Escritos**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, J. (1964) Ato de fundação In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001
- LACAN, J. (1964). Os Quatro Conceitos Fundamentais da Psicanálise **Livro 11**, Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- LACAN, J. (1964-1965) **Problemas Cruciais para a Psicanálise** — Seminário XII, versão de circulação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2006.
-

- LACAN, J. (1967) Proposição de 9 de outubro sobre o Psicanalista da Escola. **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- LACAN, J. (1972-73) O **Seminário, livro 20**: Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- LACAN, J. (1972) O Aturdido. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- LACAN, J. (1974) Televisão. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.
- SOLER, C. **Prelúdio ao VII encontro IF-EPFCL**, 2012. Disponível em: <http://www.champlacanien.net/public/docu/4/rdv2012pre1.pdf>. Acesso em: 16 set. 2022.
- SOLER, C. **Artigos clínicos**. Editora Fator, 1991.

---

# **GESTOS DE LEITURA**

---





---

# OS PEDACINHOS DA ESCRITA DE JOYCE E A NÃO-PROPORÇÃO<sup>1</sup>

Lucília Maria Abrahão e Sousa<sup>2</sup>

Vivian Gonçalves Bastos<sup>3</sup>

Lacan caminha, no final da lição anterior (16 de dezembro de 1975) e nessa (13 de janeiro de 1976) do Seminário Livro 23, O Sinthoma, a mostrar um interesse genuíno pela escrita; afirma ele que “a escrita me interessa (...) ela pode ter sempre alguma coisa a ver com a maneira como escrevemos o nó.” (p. 66). Tomá-la aos ‘pedacinhos’, no trato com o significante, significa referenciar a obra de Joyce, especialmente a peça de teatro “Exilados”, dita por Lacan nos seguintes termos: “Foi traduzida como Exilados, ao passo que quer dizer mesmo Os exílios. Exílio não poderia haver termo melhor para exprimir a não-relação, e é exatamente em torno dessa não-relação que gira tudo o que há em Exiles.” (p. 68).

Em “Exílios”, Joyce descreve seu artifício para a vida, exilado da não-relação, na parceria com Nora, a mulher que não serve para nada, uma entre outras, uma bagagem a luva virada do avesso. O exílio se instala como uma escolha muito precocemente em Joyce, iniciando-se por seu exílio da língua materna — o celta — e pela transmissão paterna que ele convoca e nega. Sobre essa escolha, Soler (2018, p. 73) afirma:

(...) o próprio Joyce assinou com o exílio a seriedade de sua opção.  
Poderia quase falar em um exílio imotivado, fazendo eco à expressão

---

<sup>1</sup>Texto apresentado na Rede de Pesquisa Psicose: Diagnosticar em Psicanálise, no FCL-SP em abril e maio de 2021.

<sup>2</sup>Professora Livre Docente da FFCLRP/USP. Membro do Fórum do Campo Lacaniano – SP.

<sup>3</sup>Psicóloga. Psicanalista. Participante de Formações Clínicas do Fórum do Campo Lacaniano – SP.

mais conhecida, e para enfatizar que seus motivos não eram fundados em razões de contexto. Nem Dublin, nem sua família, nem seus amigos rejeitavam esse jovem. (...) Não foi nem a necessidade, como foi o caso de tantos de seus compatriotas, nem o chamado do desconhecido, que o fizeram dizer ‘Vou partir’: é, para além disso, o trabalho de rejeição dos semelhantes. Assim, Joyce se torna esse ‘desenraizado’ tão voluntário, e sempre fora das fronteiras.

Entre 1914 e 1915, Joyce dedicou-se a escrever a peça de teatro “Exilados”, ao mesmo tempo em que terminava a obra “Um retrato do artista quando jovem” e iniciava os primeiros capítulos de *Ulisses*. Nesse entremeio de produções escritas, ele compõe o que foi denominado como “o drama solitário de Joyce”, como “o texto fundamentalmente joyciano”, como a “peça estranha ou a “peça sonho”, aproximando-se não apenas do palco e da dramaturgia que sempre apreciou mas, sobretudo, da experimentação literária no “labirinto do cérebro”. Vale ressaltar que o amor de Joyce pelo teatro o motivou a aprender andorruês para ler Ibsen, a viajar para assistir a espetáculos e montagens e a pisar no palco como ator mais de uma vez, inclusive atuando com Nora na mesma montagem.

O interesse de Joyce pelo teatro e o conhecimento prático do palco se acha documentado num sem-número de referências em suas obras. Sabe-se que ele estava familiarizado com a literatura dramática de muitas línguas, até mesmo com a chinesa e o hindu. Como atores, Joyce e Nora tiveram participação ativa no palco e fora dele em diversas produções na Irlanda e na Suíça, e Joyce foi um inveterado amante do teatro em cada país que visitou. (NETO, 2003, p. 14-15)

Esse interesse, a princípio apenas fruto de uma curiosidade intelectual, tornou-se visceralmente ligado à escrita joyciana que tem como traço “um hibridismo de gêneros e modalidades literárias do dramático (...) trazendo como aparência de peça-problema típica da virada do século, a marca de todo texto joyciano — o supremo esforço para lograr um novo uso e criativo da linguagem.” (NETO, 2003, p. 14).

Tocando a temática da natureza do amor, do drama como ação recíproca das paixões, as inquietações de ordem moral, a possessividade,

---

a escrita, Joyce explora o irônico e convida ao riso. O irônico da não-relação sexual. No fundo, os dois personagens centrais de “Exilados”, Robert e Bertha, estão em débito em uma relação de desencontros, traições, quebras de confiança, acusações implícitas. Richard, por sua vez, está às voltas com seu trabalho de escritor, entrega de originais, prazos e custos, em torno do qual desenvolve várias inquietações ligadas ao medo paranóico de ser traído e uma aspiração retórica de liberdade.

Em sua introdução à peça, Paraic Colum afirma que Exilados, em sua estrutura, é uma série de confissões: o diálogo tem a secura da narração no confessional; seu final é um ato de contrição. (...) Também começamos a suspeitar se tantas conversas na peça em torno da ‘liberdade’ não ocorrem justamente pelo fato de ninguém ali ser ‘livre’. (NETO, 2003, p. 46).

Exilados toca ainda uma sondagem sobre o componente homossexual localizado nas relações de amizade e nas reações do ciumento. A forma de enredar os diálogos e as cenas cria um texto que escapa a classificações e cujo gênero é indeterminado.

No nível da linguagem, é possível encontrar nela, por exemplo, traços da comédia de costumes, da parábola moral, da paródia romântica, do melodrama e da farsa. A estranheza de sua forma foi percebida por Ezra Pound, num artigo que este escreveu sobre a peça (...) ela é absolutamente imprópria para o palco como a conhecemos. (NETO, 2003, p. 57).

A “carpintaria teatral” de Exilados conta ainda com lapsos e esquecimentos, gestos mínimos que refinam e depuram as cenas, os furos e os buracos de dizer dos personagens, o que faz acontecer “uma peça de teatro, ou simplesmente, por falta de classificação, um texto joyciano. Afinal de contas, é fundamentalmente de dúvidas que a peça se trata”. (NETO, 2003, p. 58).

Considerada a obra “mais autobiográfica de Joyce”, um dos temas de que se trata a obra “é justamente o da dúvida sobre se as coisas realmente são o que parecem.” (idem, p. 14). Dúvida esta que sustenta e se desdobra no enigma de cada personagem, enigma o qual Lacan tateia

nos termos de “uma arte”, especialmente quando se ocupa da “enorme literatura que ele [Joyce] provocou” (LACAN, 1975-1976, p. 75) e também da quantidade enorme de notas, rabiscos, cartas (“há aquelas quase impublicáveis”, idem, p.76) e outros formatos dos escritos do irlandês. Lacan (1975-1976, p. 77) adverte que

O conjunto dessa balbúrdia é tal que a gente se perde. Eu, em todo caso, admito que me perco. Volto a me encontrar, com certeza através de alguns fiozinhos. Faço uma certa ideia de suas histórias com Nora a partir da minha prática, isto é, a partir das confidências que recebo (...)

O laço que Joyce faz é pelo corpo de seu texto entregue e não pelo seu corpo. Joyce crê em seu texto e demonstra um traço de desapego a seu próprio corpo. “Seu próprio sintoma é sua escrita”, Soler afirma (2008, p. 127), o que retoma Lacan na formulação “Joyce era o sintoma. Toda sua obra é um longo testemunho disso.” (LACAN, 1975-1976, p. 75)

A relação de desapego ao corpo pode sugerir uma psicose, mas não é daí que Lacan toma a posição de Joyce. Lacan emprega a expressão “deixar cair” (*laisser-tomber*). “Deixar cair? Justamente para ressaltar a indiferença de Joyce. “Deixar cair”, não é deixar plantado (*laisser en plan*), expressão próxima que encontramos em Schreber, que fala de ser deixado plantado por Deus” (SOLER, 2014, p. 187). Joyce não crê em seu corpo, não é isso que o iça, ele se crê pela letra, por ser Artista. Não há um corpo plantado ao Outro e nem a ideia de si como corpo, mas o peso do considerar-se recai sobre o ego de Artista. Se por um lado há um desapego ao corpo, há um apegar-se a ele mesmo enquanto um livro a ser lido, estudado, interpretado. Isso o enlaça e o laça no laço social.

Ao encontrar Nora (1904-16-06), sua esposa (com quem nunca se casou), Joyce se exila, também na relação com essa mulher, uma mulher a ser deixada (em certa medida) uma “bagagem” para ser carregada, escrita. Carregada como bagagem — onde se guarda o seu pertencer —, seria Nora a mulher que não serve para nada? Vale destacar aqui um trecho de uma anotação de Joyce: “(...) ela não se interessa nem um pouco pela minha arte”, no entanto a figura dela atravessa toda a ficção joyciana.

---

Nora, segundo Joyce, era a pequena Irlanda de olhos estranhos. Mais do que uma mulher, mais do que uma musa, convencional. Nora era um país, ou melhor, a sua ilha natal, que, ao consentir em exilar-se com ele, iria acompanhá-lo, desde então, em suas muitas perambulações pelo continente europeu (...) Nora foi a ilha natal que deu a Joyce uma mão. (MEDEIROS, 2013, p. 11).

Nora, a Irlanda inculta, sublime e abjeta de Joyce, o confronta com o exílio da não relação sexual ao mesmo tempo em que se torna o território exilado. Talvez por isso Lacan (1975-1976, p. 68) tenha afirmado que

Exiles é verdadeiramente a aproximação de alguma coisa que é para ele o sintoma. O sintoma central, claro, é o sintoma feito da carência própria da relação sexual. Mas é preciso que essa carência tome uma forma. Ela não toma uma forma qualquer. Para Joyce, essa forma é aquela que o enoda à sua mulher, a tal Nora, em cujo reino ele elucubra Exiles.

Luva ao avesso — um envelope imaginário que anula a disparidade do outro sexo. Tal metáfora de Nora como a luva revirada com os botões para dentro é produtiva porque marca um modo de fazer permanecer a luva sem abotoamento, sem fecho, aberta e passível de ser usada na mão contrária.

A luva virada tem o interesse de anular e, ao mesmo tempo, de revelar também a assimetria incluída na própria relação especular, que se manifesta pela inversão da direita e da esquerda do espelho, e do que resulta que, apesar da aparência, a imagem refletida não seja idêntica ao seu modelo. (SOLER, 2018, p. 128-129).

Mais ainda 'a luva virada ao avesso é Nora', mas, se ela lhe cai como uma luva, é porque não há botão, o que significa a anulação da heterogeneidade entre o sujeito e o objeto. Essa luva, motivo de muitas metáforas lacanianas, na vida de Joyce provocou muitas interrogações.

As pessoas mais chegadas a Joyce ficaram muito surpresas com essa escolha disparatada de uma mulher visivelmente inculta, para

---

um homem como ele. Ela não foi conquistada por suas afinidades intelectuais. Ela também não é uma mãe segundo o esquema freudiano. Nunca cuidou do seu corpo, de seu conforto corporal, de suas refeições (em plena miséria, eles vão todos os dias ao restaurante) etc. Não se trata nem da escolha narcísica, nem da escolha por escoramento. Poderíamos então supor quais são esses benefícios eróticos que primaram? Aparentemente não. É até mesmo a hipótese muito afirmada por Lacan: “ele só a enluva”, diz ele “com a maior repugnância. Repugnância: o termo é forte. Decerto existem as cartas eróticas a Nora. Mas, justamente, as cartas eróticas não implicam o corpo a corpo, ao contrário, da separação dos corpos(...)” (SOLER, 2018, p. 125).

As cartas consideradas “impúblicas”, inclusive por Lacan, inscrevem o tom de erotismo escatológico que se repete e se acentua a cada nova escrita e endereçamento à Nora. O tom masturbatório, as referências obscenas, as epifanias anedóticas e o vocabulário considerado pesado que o irlandês não usava no cotidiano, somadas às quebras na sintaxe, marcam tais cartas.

Escritas no calor da hora, as cartas não aspiram de fato a atingir a perfeição formal, embora, em muitos momentos, reproduzam magistralmente graças ao ritmo acelerado e irregular, aquilo que Joyce visava a expressar: a inquietação, o frenesi, o gozo... Bastante econômico nas vírgulas, Joyce omite sinais (como o de interrogação) e tampouco sublinha ou destaca palavras estrangeiras. Nesse sentido, as cartas eróticas são sujas, duplamente sujas. (MEDEIROS, 2013, p. 13).

Cartas sujas com frases desconexas e um funcionamento da língua que abre mão da pontuação indiciam a aceleração e o furor de um dizer confidencial e íntimo traçado em torno da mulher envelope:

Minha doce putinha Nora. Fiz o que você me disse, mocinha suja, e bati duas punhetas enquanto lia a tua carta. Fiquei feliz em saber que você gosta realmente de ser fodida por trás. Sim, agora me lembro daquela noite em que te fodi demoradamente por trás.

Foi a trepada mais suja de que me lembro, querida. Meu pau ficou enfiado em você por várias horas, entrando e saindo do teu rabo virado para cima. Sentia as tuas gordas nádegas suadas sob a minha barriga e via a tua face rubra e os teus olhos enlouquecidos. Cada vez que eu enfiava em você a tua língua desavergonhada surgia entre os teus lábios e se eu te dava uma socada maior e mais forte que o usual peidos abundantes e sujos saíam fazendo barulho do teu traseiro. Você tinha um rabo cheio de peidos naquela noite, minha querida, e durante a foda saíram todos para fora de você, uns grandes e gordos, outros longos e ventosos, estalinhos rápidos e alegres e um monte de peidinhos maus terminavam num longo jato expelido do teu buraco. (JOYCE, 2013, p. 99).

Nora não serve para nada no sentido do que serve uma mulher-sintoma. Nora serve como um envelope imaginário, uma função de apoio do sintoma de Joyce, apoio ao ego de Artista. Nesses termos, Joyce escrevia e atuava a vida com Nora.

Há o desencontro do casal e o desencontro do escritor com os prazos, custos e originalidade. Joyce nos mostra que pode navegar do exílio da não-relação ao infortúnio da não-relação. Quando, em seu texto “Os Mortos”, faz referência aos mortos e vivos da Irlanda, ele revela uma epifania (momento em que o objeto se revela em sua natureza) ao descrever a visão de sua esposa no topo da escada, entregue ao som de uma música cantada por um tenor. A presença dessa mulher lhe faz um enigma acerca do objeto desejado.

Ele ficou parado no hall sombrio, tentando respirar o ar que a voz cantava e olhando para sua esposa. Havia graça e mistério em sua postura, como se fosse símbolo de algo. Ele perguntou-se do que, uma mulher parada nas escadas, na penumbra, ouvindo uma música ao longe, poderia ser um símbolo. Se ele fosse um pintor, ele a pintaria naquela pose. [...] Música ao Longe ele chamaria a pintura se fosse um pintor. (JOYCE, 2014, p. 62).

Ao seguir, o conto revela que entre ele e aquela mulher desejada, um morto se faz presente. A música ao fundo era a presença de um amor morto. Lacan indica que lê a escrita de Joyce a partir do que

---

escuta clinicamente, o que o situa em um ponto bastante privilegiado de interpretação. Seus analisandos e as histórias de desencontro, seus analisandos e os escritos imperfeitos, seus analisandos e as tragédias da não proporção: tudo isso aponta a relação entre a escrita e a posição do sujeito.

Ele escreve isso. O que ele escreve é a consequência do que ele é. Mas até onde vai isso? Com que cacife ele contava, considerando as armas que apresentava — o exílio, o silêncio e a astúcia? (...) Joyce não nos disse, ele o escreveu, e isso faz toda diferença. Quando se escreve, pode-se muito bem tocar o real (...) (LACAN, 1975-1976, p. 77-78).

O modo como Joyce experimenta a trituração do som dos significantes e a bricolagem entre sons de diferentes línguas, tão presente em outras obras literárias, dá lugar aqui a um desencontro permanente entre os personagens, uma impossibilidade de realização do bom encontro, um beco sem saída constante no qual os personagens se embarçam e confundem. “Minha ferida me cansa”, dito pela protagonista, o materializa. Diferentes formas do mal estar “determinam a condição de isolamento de cada um, fazendo com que a peça se transforme em um cenário de seres ilhados tentando estabelecer laços entre si” (MELLO FILHO, s/d., p. 259). Tentativas de laço sempre fracassadas que colocam os personagens à beira do limite e do abismo: eis a não relação, eis o impossível bom encontro, eis a condição de exílio a atravessar o humano falante, eis a escrita de Joyce a tatear e bordar um nome em torno disso, seu *sinthoma*, sua escrita.

Ao questionar se Joyce era louco, Lacan afirma que Joyce é *sinthoma*; não pela via de um sintoma a forclusão do N-D-P, um nome a se perder, um amor morto que recai todos.

Ora, no esquematismo do nó borromeano que Lacan utiliza nessa época e no qual ele retraduz as antigas categorias da clínica, neurose e psicose são abordadas em termos de enodamento e desenodamento. O que equivale a dizer que, ao falar de *suplência*, Lacan exclui a resposta binária por sim ou não e introduz a ideia de um enodamento diferente daquele assegurado pelo *Pai-sinthoma*. (SOLER, 2018, p. 78).



Interessante, ainda segundo a autora, é explorar “o que Joyce fez com isso, como ele respondeu a isso” (idem, p. 80), ou seja, é considerar como Joyce se constitui pela escrita de seu nome, o artista, mas não sem sua bagagem em seu exílio à não relação sexual. Lacan (1975-1976, p. 79) procura caminhos operando com os nós e afirmando que “alguma coisa que supomos estar encaixada nesses nós.”. Joyce ensina a Lacan (e nos ensina) que o dizer do nome é pai. O que enoda e não o deixa como um louco fora do laço é o dizer que nomeia, a necessidade de nomear vem da impotência do simbólico em fixar o real e, no fundo, a potência de dar nome responde a essa impotência. O que faz nó, o que permite enodar é o dizer, cuja função de nomeação é também função de um enodamento.

## Referências

- AMARANTE, D. W. **A voz de Nora Barnacle**. Cartas a Nora. São Paulo. Iluminuras. 2013.
- JOYCE, J. **Exilados**. São Paulo. Iluminuras. 2003.
- JOYCE, J. **Cartas a Nora**. São Paulo. Iluminuras. 2013.
- JOYCE, J. **Os mortos**. São Paulo, Autêntica, 2014.
- MELLO FILHO, H de. A peça esquecida de James Joyce. Cadernos de Literatura em Tradução no . 4, p. 245-272. S.d.
- LACAN, J. [1975- 1976]. **O seminário Livro 23**, O Sinthoma. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.
- MEDEIROS, S. A voz de James Joyce. In: **Cartas a Nora**. São Paulo. Iluminuras. 2013.
- NETO, A. C. F. Mundo suspenso no vazio. In: **Exilados**. São Paulo. Iluminuras. 2003.
- SOLER, C. **A querela dos diagnósticos**. São Paulo. Blucher, 2018.
- SOLER, C. **Lacan**, leitor de Joyce. São Paulo, Aller Editora, 2018.

---

# ACONTECEU A SAUSSURE ESCUTAR JOYCE?<sup>1</sup>

## QUESTÕES SOBRE O QUE SE CHAMA “LETRA” EM PSICANÁLISE E SUA RELAÇÃO COM O NOME

Patrícia Ribeiro<sup>2</sup>

O que aqui se apresenta é fruto da articulação de uma breve pesquisa realizada para a rede de pesquisa “Psicoses: Diagnosticar em psicanálise” com um recorte de minha pesquisa de doutorado que tangencia o tema do nome e da letra<sup>3</sup>. A pesquisa sobre os anagramas de Saussure foi sugerida por Glaucia Nagem, a partir de uma questão que surge no final da lição “Joyce e o enigma da raposa” no seminário sobre o sintoma: “é a fonação que transmite a função própria do nome” (LACAN, 1975-76, p. 74). Essa interessante articulação entre a fonação e a transmissão do nome próprio (tema abordado na tese) com os anagramas saussurianos e a escrita de Joyce, articulação até então inédita para

---

<sup>1</sup>Texto apresentado na Rede de Pesquisa Psicoses: diagnosticar em psicanálise, no FCL-SP, em 2021.

<sup>2</sup>Psicanalista, membro do FCL-SP e do Outrarte, centro de pesquisa de psicanálise entre ciência e arte, IEL- UNICAMP; Pós-graduação em nível de residência em Saúde Mental, IPP-FIOCRUZ; Mestrado em pesquisa e clínica em psicanálise, UERJ; Doutoranda em Linguística, IEL- UNICAMP patriciaribeiro1000@gmail.com.

<sup>3</sup>A tese trata de um caso clínico em que o nome artístico da mãe, feito de recortes de outros nomes próprios, nomeia algo do real do gozo do Outro e produz homofonias que, na construção do caso, foram usadas para formalizar a questão da criança: S1 menino ou S1 (a) menina. Leia-se, na homofonia e na anortografia: si um menino ou si uma menina, sendo “Si” o fonema recortado do nome da mãe e usado para compor seu segundo nome de batismo (nome artístico), fonema esse que ressoa em várias cenas do caso.

mim, me deu oportunidade de levantar questões para avançar na pesquisa sobre a letra e a nomeação.

O seminário “*Joyce, o sinthoma*” pode ser lido no contexto da revisão da questão do nome-do-pai no ensino de Lacan, em que se produziram algumas passagens, sucintamente: de significante que metaforiza o desejo materno, como se escreve na metáfora paterna, à função de nomeação,  $f(x)$ ; passagem essa que co-incide com outra: do inconsciente estruturado como linguagem, em que o efeito de sentido se produz na cadeia significante por metáfora e metonímia, ao inconsciente estruturado a partir de lalíngua, o inconsciente real, em que os S1s não fazem cadeia; passagem essa que, por sua vez, coincide com outra: do significante à letra.

Recupera-se aqui uma passagem de “*A instância da letra no inconsciente*”, escrito em que Lacan propõe a letra como estrutura localizada do significante: a estrutura do significante exige que ele seja articulado (articulação da fala, fonologia), sendo suas unidades submetidas às mesmas leis do signo linguístico, a negatividade e a diferença. Essas unidades, “esses elementos [elementos diferenciais últimos], descoberta decisiva da linguística, são os fonemas, [...]”. Por onde se vê que um elemento essencial na própria fala estava predestinado a fluir nos caracteres móveis, que presentificam validamente aquilo que chamamos de letra, ou seja, a estrutura essencialmente localizada do significante” (LACAN, 1957, p. 5). Elementos sonoros da fala (fonemas) fluem, escorrem, no suporte gráfico da escrita (a letra do alfabeto) que presentifica o que, em psicanálise, se chama “letra”. Onde localizar a letra da psicanálise, na fala ou na escrita? No significante, no fonema? A passagem acima citada já aponta para uma especificidade do que se chama “letra” em psicanálise em sua relação com o que se chama significante em linguística, eles não coincidem inteiramente. Essa passagem da Instância da Letra convida a pensar em que ponto a letra da psicanálise toca a linguística e o que se tece no entremeio.

Nos manuscritos de Saussure lemos sua crítica à escola de Bopp, o fato dela ter ignorado a estrutura da linguagem e ter “atribuído às línguas um corpo e existência imaginários, fora dos sujeitos falantes [...]” “Não há fala, há apenas conjunto de letras. Um primeiro passo se deu: da letra veio a se considerar o som articulado e do papel se passou ao

sujeito falante” (SAUSSURE, 2002 p. 116). Um passo se deu<sup>4</sup>: da letra como mera representação escrita de sons à sua consideração como articulada, articulada na fala, no uso que o “sujeito falante” faz da língua. Saussure inclui o “sujeito falante”<sup>5</sup> e a fonação, chegando a dizer: “a presença de um som numa língua, é o que se pode imaginar de mais irredutível como elemento de sua estrutura” (Idem, p. 27). Nesse passo, algo passa entre a escrita e a fala, algo passa da letra ao som e do som à letra. Em Instância da letra, Lacan, referindo-se à pesquisa dos Anagramas, afirma que aconteceu a Saussure escutar a poesia, a polifonia, nos versos Saturninos: aconteceu a Saussure ir além do uso ordinário da língua, seu uso para comunicação, e escutar na língua sua estrutura assonante, literante, a estrutura do falante. Aconteceu à Saussure escutar lalíngua?

Saussure conduz sua pesquisa sobre os anagramas nos versos saturninos entre 1903 e 1909, concomitantemente à pesquisa sobre as lendas germânicas e as aulas ministradas no Curso de linguística na universidade de Genebra<sup>6</sup>. O linguista almejava responder questões relativas ao funcionamento da língua, à estrutura da língua e à matéria prima da língua, ponto que nos interessa particularmente. Saussure se dedica a estudar a métrica dos versos Saturninos, forma mais antiga do verso

---

<sup>4</sup>Segundo Saussure, esse teria sido o primeiro passo, considerar a articulação da fala; no entanto, talvez possamos ler-se aí um outro passo, muito caro à Lacan: as línguas têm um corpo, imaginário, que para Saussure é indissociável do sujeito falante; ouvimos ressonâncias do passo saussuriano nos desdobramentos lacanianos futuros do sujeito falante e d'alíngua: o corpo da língua faz o corpo do parlêtre.

<sup>5</sup>A expressão “sujeito falante” em Saussure não se refere ao sujeito do inconsciente, mas diz sobre a estrutura da linguagem em Saussure que, contrariamente ao que se diz, inclui a fala.

<sup>6</sup>Essa concomitância revela algo interessante: no CLG o nome próprio é tratado por Saussure como uma palavra isolada que não permite nenhuma análise de seus elementos, já nas lendas funciona como signo linguístico, como significante, uma vez que os personagens são símbolos e na passagem da transmissão oral para escrita os nomes vão sendo substituídos, a substituição causando deformações nas lendas, mesmo processo que Freud se baseia para transmitir a noção de verdade histórica do trauma em “Moisés e o Monoteísmo”(1938), onde Freud mostra que justamente as substituições do nome próprio, em razão de suas ressonâncias e suas deformações no texto bíblico, rasuras e reescritas que deixam rastros, transmitem, assim, para as próximas gerações o trauma que se tentava apagar, na construção de Freud, o assassinato do pai, Moisés, pai dos judeus, nome do qual, por fim, restaram apenas quatro letras: YHWE.

---

latino, no esforço de estabelecer as leis de distribuição do material da língua, o qual ele define como “distribuição fônica”. Saussure descobre que os fonemas são utilizados segundo regras particulares, diferindo do funcionamento dos símbolos e dos conceitos; procurando as regras de distribuição do material fônico, ele percebe que “todas as sílabas aliteram ou assoam” (SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1971, p. 22). A aliteração deixa de ser um eco ocasional, sendo uma lei fônica bem como o acoplamento, isto é, o redobramento da vogal e da consoante, exatamente como Joyce faz em *Ulisses* com os nomes Moly e Molloy, assim como o fazem os poetas.

Escutando os versos saturninos latinos, Saussure ouve destacarem-se, pouco a pouco, os fonemas principais de um nome próprio, o que leva à suposição de uma palavra-tema, um nome próprio a ser transmitido como tema do poema; a questão nos toca: a transmissão do nome na materialidade da língua. Nos versos saturninos isso acontece por arranjos anagramáticos: exige-se, então, um “exercício de decifração” no qual não se trata de reconhecer a palavra-tema, pois esta não é jamais exposta: o nome não pronunciado no verso, “é preciso adivinhá-lo, numa leitura atenta aos possíveis *laços de fonemas espaçados*” (Starobinski, 1971, p. 34, destaque da autora). Para isso é preciso “convidar o leitor não mais a uma justaposição na consecutividade, mas a uma média das impressões acústicas fora do tempo? [...] fora da ordem linear que é observada” SAUSSURE apud STAROBINSKI, 1971, p. 35).

Como bem diz Starobinski, “a escanção tradicional escraviza a dicção” (Idem, 30); trata-se nos Anagramas de Saussure de outra forma de escanção, outra forma de ler/escutar que implica outra lida com o sentido: persegue-se a similitude, o eco das palavras, trata-se de estabelecer relação de identidade entre sequências de fonemas, de duplicação, de *repetição*: “a palavra tema (o nome) não é, para ele, nada mais que *um dado material* cuja função [...], se reduz muito cedo a um valor de *apoio mnemônico* para o poeta improvisador, depois a um procedimento *inerente à própria escritura*” (Idem, p. 46, destaque da autora); Starobinski nos leva além em sua leitura: “o que prevalece é o peso das sílabas, o trabalho de localização, o ouvir analítico [...] Toda atenção de Saussure está orientada para esse trabalho de extração. As frases sucessivas são, por assim dizer, radiografadas: elas devem deixar

aparecer a *ossatura sobre a qual se constroem*”(Idem, p. 56). Letra: a *ossatura do significante*?

Retoma-se a questão do nome: Starobinski traz, nesse ponto, o preâmbulo de *De Rerum Natura*, em que Saussure escuta o nome de Afrodite, mas o nome que aparece no texto é o de Vênus. Esse poema, assim como outros, se constrói sobre uma sucessão de nomes, cada qual com um “papel condutor”(Idem, p. 73). As diversas palavras-temas, os nomes que se ouvem no poema de Apolo, por exemplo, revelam aquele que fala (o Deus), aquele a quem ele falou (o imperador) e aquilo sobre o que falou (a tomada de Veies), mas Saussure não está interessado no deslocamento do discurso, nem no contraste semântico, tão pouco a palavra marca qualquer desvio qualitativo. Sem qualquer consideração pelo sentido, levando em consideração unicamente a homofonia, o linguista persegue fonemas em pura dispersão. O nome “oferece sua *substância* a uma *invenção* interpretativa que a faz sobreviver *num eco* prolongado” (STAROBINSKI, 1971, p. 74, destaque da autora)”. A substância é a substância fônica. Mas, se não se trata da comunicação, nem do discurso, nem do sentido, o que a palavra conduz? O nome oferece sua substância a uma invenção: o dizer de Saussure, extraído por Starobinski, ecoa na leitura de “Joyce, o *Sinthoma*”.

Joyce inventa um modo singular de enodar real, simbólico e imaginário, diante da carência do pai; carência que pode ser generalizada para todo falasser<sup>7</sup>, enquanto carência de um significante que responda o enigma do gozo do Outro: “eu disse que Joyce era o sintoma [...] O sintoma central, claro, é o sintoma próprio da carência da relação sexual. Mas é preciso que essa carência tome uma forma. Ela não toma uma forma qualquer”; essa carência toma uma forma singular para cada um. O sintoma do falasser é o “não há relação sexual”, em última instância, o furo da linguagem, o furo da opacidade sexual: “o sexual não funda em nada qualquer relação” (Lacan, 1975-76, p.62); Esse furo Lacan havia escrito com as letras S(A): Não há Outro do Outro, não

---

<sup>7</sup>Parlêtre, neologismo de Lacan, que rebatiza o sujeito nessa fase do ensino, em que ressoa a letra. A partir de Joyce Lacan também generaliza o saber-fazer com o sintoma e o fato do parlêtre poder prescindir do pai, com a condição de servir-se dele, ambos como aquilo de melhor a que se pode chegar numa análise.

---

há a última palavra, o sentido do sentido, o que Lacan ilustra com o enigma da raposa de Joyce:

The cock crew	O galo cacarejou
The sky was blue	O céu azulou
The bells in heaven	Sinos de bronze
Were striking eleven	Soaram onze
T`is time for this poor soul	A hora da pobre alma
To go to heaven	Ir pro céu chegou <sup>8</sup>

“Um enigma é uma enunciação da qual não se acha o enunciado. [...] é uma arte que chamarei de entrelinhas, para fazer alusão à corda [corda do nó Borromeo]. Não haveria porque as linhas do que está escrito não serem enodadas por meio de uma segunda corda”(Idem, p. 66).

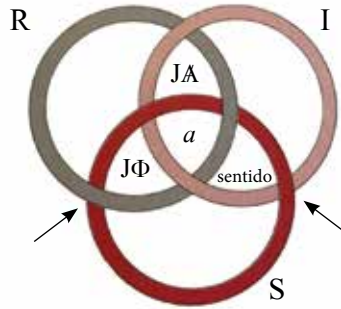
No nó, Lacan localiza o sentido como aquilo que se produz no campo entre o imaginário e o simbólico: levando em conta que não há Outro do Outro, ele afirma que é preciso fazer uma sutura entre simbólico e imaginário, ou seja, é preciso suturar o furo do sentido: “é uma emenda do imaginário e do saber inconsciente. Tudo isso para obter um sentido”(Idem, p. 70). Essa é, na lição do seminário de 75-76, a resposta do analista ao enigma exposto pelo analisando sobre seu sintoma, pois a análise é uma resposta, “completamente besta” como diz Lacan, a um enigma que termina no nó da não — relação. Lacan segue nos acordando<sup>9</sup>: ao fazer essa sutura entre imaginário e simbólico, se faz ao mesmo tempo outra, entre simbólico e real: “por algum lado, ensinamos ao analisante a emendar, a fazer a emenda entre seu sintoma e o real parasita do gozo”, o gozo fálico. Do impossível advém um efeito,

---

<sup>8</sup> Os versos, citados por Lacan na referida lição (P.69), foram extraídos de Ulisses e traduzidos por Bernardina da Silveira Pinheiro.

<sup>9</sup> Ressoam aqui, a corda do nó, com a qual Lacan vai tecendo novos sentidos para a direção do tratamento, o que para mim foi um clarão, tão claro quanto enigmático; ressoa também e o acordar, o efeito de despertar que a referida lição me causou: uma resposta besta! ; ressoa ainda o acordo, o acordo que o sujeito precisa fazer entre o inconsciente, o saber inconsciente, e o corpo (citação de sem 22), pois como Lacan havia dito no seminário anterior a esse, RSI: o inconsciente é discordante, não há nada no inconsciente que faça acordo.

efeito de sentido, que torna esse gozo possível: “é a mesma coisa que escreverei como *gouço*-sentido [j`ouis-sens]. É a mesma coisa que ouvir um sentido” (Idem, p. 71).



Nesse saber-fazer com o sintoma, Lacan destaca a função do **artifício** e nisso destaca-se a função da **escrita**, “pedacinhos de escritas”, como diz o psicanalista, é por aí que se entra no real e para-se de imaginar: “a escrita pode ter sempre alguma coisa a ver com a maneira como escrevemos o nó. Um nó se escreve corretamente assim. Isso dá um S” [um S barrado, um sujeito] [...] Trata-se de algo que tem, mesmo assim, uma relação muito estreita com a instância da letra tal como a sustento” (Idem, p.66). A escrita como um artifício de enodamento de real, simbólico e imaginário. De pedacinhos de escrita, fugindo da escanção que escraviza a dicção, como ensina Joyce especialmente em *Finnegan`s Wake*, escrita feita de cortes e emendas, no choque entre línguas, Joyce cria uma língua singular: faz-se ouvir um sentido Outro e, por vezes, sentido nenhum.

No saber-fazer em análise, com o artifício da escuta-leitura-escrita, numa leitura-escuta fora da linearidade e da temporalidade da cadeia significante, fora da escanção que escraviza, cortando e emendando, destacam-se da fala do analisante pedacinhos de escrita, recorta-se a letra como aquilo que se depura do que se lê no que se ouve; instância da letra no inconsciente: onde Isso fala, isso pode gerar um efeito de sentido que, como letra (efeito de escrita), pode nomear algo do real do gozo que parasita o sujeito? A isso se reduz, então, o nome-do-pai?

Sabe-se que a linguística não lida com esse efeito da linguagem, o gozo, que surge como efeito do fato dela ser articulada pelo sujeito falante, o



parlêtre; esse é precisamente o ponto em que a letra da psicanálise se separa do significante da linguística. Todavia, se pode haver um ponto em comum entre o que Lacan sustenta em “A instância da letra no inconsciente” (1957) e a letra tal como ele a sustenta em 1975-76, esse ponto o localizamos numa nota de rodapé do escrito de 1957, em que Lacan se refere ao livro já aqui citado de Satrobinski; o ponto que pode sustentar a instância da letra no inconsciente, ainda em 75-76, parece ser justamente a leitura de Lacan dos anagramas saussurianos; pois, por efeito de sua leitura cruzada de Saussure com Freud, Lacan depreende dos anagramas o modo como Isso fala: fonemas em dispersão, ou mais precisamente, pedacinhos de escrita que não fazem cadeia significante; sem consideração pelo sentido, seus deslocamentos metonímicos, comandados pela homofonia, conduzem a substância e o objeto *a* (1,1,1,1... a); os arranjos anagramáticos possíveis, produzidos pela decomposição de vogais e consoantes de uma palavra, causam o atravessamento da barra que separa o significante do significado (S/s), evocando significações inéditas e produzindo efeitos inesperados de sentido.

Se a escrita de Joyce interroga Lacan, a ponto de o psicanalista afirmar que Joyce chegou ao melhor que pode se chegar ao final de uma análise, é preciso pensar em que tal escrita se diferencia da escrita de tantos literatos e poetas brilhantes; a questão que ele se coloca ao final da lição “O enigma da raposa” (1975-76) pode avançar nisso, e ela traz de volta a interrogação sobre a letra posta no início desse texto, para dar mais uma volta no parafuso: onde localizar a letra da psicanálise? O que, afinal, se chama “letra”? Lê-se no final da lição de “*Joyce, o sinthoma*” que cabe à fonação suportar o significante e que “é a fonação que transmite a função própria do nome” (LACAN, 1975-76, p. 74). Lacan coloca **a voz como o suporte do significante** e na sequência de suas afirmações sobre a fonação e a função do Nome, anuncia: “O ponto fulcral em que permaneço em suspenso é o de saber a partir de que momento a significância, ao ser escrita, difere dos simples efeitos de fonação” (Idem). Lacan se coloca tais questões a partir da apresentação de Jacques Aubert que mostra a invenção de Joyce, seu saber-fazer com a escrita, não sem a fala.

Sigamos Aubert, ponto a ponto: ele trata dos efeitos causados por um procedimento que Bloom, personagem da odisseia joyceana e que se

confunde com o próprio Joyce, descreve com a expressão “arranjo retrospectivo”. Trata-se da maneira como personagens, verdadeiros ou fictícios, objetos e significantes reaparecem ao longo da obra: o que retorna é sempre ligeiramente diferente e o efeito desse retornar diferente mostra “como isso de modo manifesto, tem a ver com a fala, com uma fala [...]. Em suma, uma dimensão da fala, e os tipos de *instaurações de lugares onde isso fala*. O importante é que isso fala e isso parte em todos os sentidos; [...] tudo pode ser ensejo para *efeitos de voz*”. (Aubert in LACAN 1975-76 p. 166, destaque da autora). Aubert parte da frase de Bloom no episódio de “Circe”: à questão “você não é meu filho?”, Bloom, responde: “*I suppose so, Monsenthal. All that’s left of him*”. Bloom sub-põe algo (*sous-pose*<sup>10</sup>): nesse primeiro momento, sua resposta remete ao que disse o pai, mas com essa parada da voz, marcada pelo ponto: “alguma coisa concernente a um ponto que não é de reticências [ponto de suspensão], mas de suspense ... periodizado” (Idem, p.169); esse ponto colocado depois do nome, ponto de suspense, fará surgir Monsenthal de novo repontuado. Aubert mostra como na sequência do texto, isso ganha outro sentido, dizendo outra coisa, por efeito do arranjo retrospectivo. “Em torno desse nome próprio alguma coisa se articula e se desarticula ao mesmo tempo, a partir da sub-posição anunciada” (Idem).

Trata-se de um arranjo feito no trecho de uma citação favorita do pai de um texto literário e, nesse contexto, segundo Aubert, o significante “Monsenthal”, serve para reportar a fala do pai ao autor do texto, mas, como ele ressalta, o significante mais obscurece do que esclarece e o leitor é conduzido a lembrar, é reenviado aos pensamentos a que ele remete, aos deslocamentos em que está implicado, tanto o nome do pai, do pai dele, quanto do personagem central da peça, quanto do autor, num deslizamento de nomes-do-pai. Monsenthal, um desses nomes do pai na obra, retorna, repontuado, em outro momento de “Circe”: “não adianta mais pensar nisso. Hora do embornal: Monsenthal, all that... all that’s left of him”, aí, o pronome “*him*” refere-se ao pai, tudo que resta dele: um nome, Monsenthal. *Um efeito é produzido pela voz deslocada do filho, agora pela suspensão das reticências: Um nome, é tudo o que resta do pai, na voz do filho, pode-se concluir. Retrospectivamente, o*

---

<sup>10</sup> *Supposer*, supor, é homófono à *sous-posé*, por sob: nas entrelinhas, Joyce põe algo nas entrelinhas que as amarra com uma outra corda.

---

lugar de Monsenthal na primeira aparição “era uma resposta deslocada para uma pergunta sobre a existência do verdadeiro nome” (Idem).

Aubert afirma que Joyce tem jeito para, com a escrita, deslocar a área do furo, produzindo efeitos de sentido: a significância, ao ser escrita, difere dos simples efeitos de fonação. Retoma-se a passagem: “não haveria porque as linhas do que está escrito não serem enodadas por meio de uma segunda corda” (Idem, p. 66), essa segunda corda seria a voz, na medida em que a escrita, deslocando o furo, faz a voz ressoar nas entrelinhas, conduzindo um dizer ?

Aubert propõe haver em *Ulisses* “um jogo de esconde-esconde” com o nome do autor e dos personagens, nomes que se referem tanto ao nome do pai, do pai de Joyce, do próprio Joyce e de personagens. Aubert se propõe “a distinguir nesse entrelaçamento o que faz as vezes de furo” (Idem, p. 172); justamente o artifício de escrita de Joyce é o jogo com o furo no esconde-esconde com os nomes do pai: “ao lado do que aparece como se fosse um furo, há deslocamentos de furo e deslocamentos do nome do pai” (Idem, p. 177): Abraham, Jacob, Virag, Dedalus, Monsenthal e outros. No episódio “O ciclope”, aparece um certo J.J., que em um episódio anterior aparecia com o nome J.J. O` Molloy, em que se encontram as iniciais tanto de Joyce, James Joyce, quanto de John Joyce, seu pai. Há também um jogo que acontece na série: Molloy; Molly; Moly (nome de uma planta, alho dourado, que Hermes deu a Ulisses), articulando-se com holy. Aubert ressalta que entre Moly e Molly, por exemplo, há uma diferença da ordem da fonação: Molly com uma vogal simples e Moly, com um ditongo, “*dit-toungue*” (Idem, p. 181). Pode-se propor: a corda da escrita enodada à corda vocal; uma escrita vocal, a corda lalingua. O` Molloy é “uma caixa de ressonâncias” (Idem, p. 179): A letra cumpre, em lalingua, sua função homo-fônica.

Fonemas conduzindo o nome próprio: a homofonia, “materialidade do fato”, propagando a voz: reencontra-se no Joyce de Lacan o Saussure de Lacan, o dos anagramas: reencontra-se a letra como estrutura localizada do significante<sup>11</sup>? Não se trata mais, no Lacan de 1976, de reduzir a letra ao fonema da linguística, menos ainda de facilmente localizá-la, pois se ela é o que surge como efeito de escrita do discurso do analista,

---

<sup>11</sup> Lembrando que a estrutura do significante exige que ele seja articulado, ou seja, exige a fonação.

ela é então o um que vem a partir de lalíngua e as escansões de lalíngua não coincidem necessariamente com os fonemas da linguística. Ainda: a substância, em psicanálise, não se reduz à substância fônica; entretanto, algo se tece no (des)encontro com a linguística: a substância fônica conduz a substância gozante. Os uns de lalíngua, na lalação da língua, língua materna, enquanto aquela que gesta um sujeito na voz do Outro, fazem a coalescência da linguagem com o sexual<sup>12</sup>, marcando o corpo do falante. Com esse efeito da linguagem, enigma da voz, a linguística não lida, mas um passo inicial se deu: a fonologia topologiza o que é da linguagem, diz Lacan, pois ela “*encarna o significante no fonema*” (LACAN, 1972-73, p. 29, destaque da autora). A partir daí, na tessitura dos desencontros, “o um encarnado na lalíngua é algo que resta indeciso entre o fonema, a palavra e a frase, mesmo todo o pensamento. É o de que se trata no que chamo de significante mestre” (LACAN, 1972-73, p. 196), o S1 da psicanálise, o S1 do discurso do analista, que não remete a S2, não faz cadeia significante, remetendo ao objeto, *a*<sup>13</sup>. Letra: o um encarnado em lalíngua? Letra: o furo entre o fonema, a palavra, a frase, o furo da voz? Na célula vazia, no centro do nó, com a letra a, Lacan enfim localiza o que se chama “letra” em psicanálise, objeto voz?

## Referências

- LACAN, J. (1975-76). **O seminário, livro 23: Joyce, o Sinthoma**, trad. Sérgio Laia, Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- LACAN, J. (1957). A instância da letra ou a razão desde Freud *in* **Escritos**, Rio de Janeiro: 1998.
- LACAN, J. (1972-73). **O seminário, livro 20: Mais, ainda**, trad. MD Magno, Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Escritos de linguística geral**, Simon Bouquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix, 2002.
- STAROBINSKI, J. **As palavras sob as palavras: os anagramas de Ferdinand de Saussure**, São Paulo, Editora Perspectiva, 1971.

---

<sup>12</sup> Confira a “Conferência de Genebra sobre o sintoma”, Lacan, 1975.

<sup>13</sup> No seminário “O Averso da psicanálise” se anuncia que pode surgir do discurso do analista um novo estilo de S1, que se chamará no seminário XX de significante-puro, S1 sozinho, que remete ao a, operação da letra.

---

---

# UMA PRIMEIRA LEITURA DA LIÇÃO IV, DE 18 DE DEZEMBRO DE 1973, DO SEMINÁRIO 21<sup>1</sup>

Isabel Napolitani<sup>2</sup>

“Os nomes do pai” foram o tema de um dos módulos das Formações Clínicas do ano de 2021. Assim, a proposta de lermos juntos o seminário 21 apareceu como uma mola que aponta para os nossos laços e a nossa transmissão. Neste espaço epistêmico temos como orientação o cartel e a elaboração em ato. Neste funcionamento, a fala de cada um de nós toca e faz aparecer no outro uma elaboração, uma associação, um encadeamento que proporciona uma construção de saber no coletivo.

Ainda não tinha me aproximado desta leitura. Mas estava muito curiosa: o que Lacan poderia falar neste momento sobre os Nomes do Pai? Sobre os tolos que não erram? Um inconsciente aqui, mas a partir de uma outra face. A questão dos Nomes do Pai toca numa problemática clínica importante, pois ao pensarmos a passagem do Nome do Pai aos Nomes do Pai estamos abrindo novas leituras sobre o diagnóstico e tratamento na psicanálise lacaniana. Uma nova leitura não exclui a anterior, mas ao contrário, a amplia.

Assim, entro no tema do Pai, encontro nele os impasses da clínica do cotidiano. Como ler alguns sujeitos nos quais o campo do simbólico aparece como problemático? Sabemos que uma das soluções para esse impasse seria partir da estrutura da psicose, psicose ordinária, e assim tentar orientar a clínica a partir desta estrutura. Porém, essa solução aparece como falha. Podemos acompanhar e enumerar as diversas problemáticas desta solução, principalmente a partir da tese de doutorado

---

<sup>1</sup>Texto apresentado no Eixo Epistêmico do FCL-SP em 16 de agosto de 2021.

<sup>2</sup>Psicanalista. Membro do FCL-SP.

de Daniele Sanches, *Discursos diagnósticos pós-lacanianos: Dos fundamentos em Psiquiatria às teses sobre um novo sujeito* (USP, 2015).

Nós, nos Fóruns do Campo Lacaniano, temos debatido esse tema já há alguns anos. A nossa publicação da Rede de Psicose revela o quanto de trabalho nós temos efetuado diante dessa problemática. Beatriz Maya enumera três importantes questões, na conferência que fez aqui no Fórum. São elas: “1) O que introduz de novo, para a clínica psicanalítica, a lógica dos nós borromeanos? 2) O que acontece com as estruturas clínicas: neurose, psicose e perversão? 3) E ainda, a teoria dos nós explica a partir de outra perspectiva as estruturas ou as transforma?” (MAYA, 2020, p. 75).

Assim entendendo a entrada no campo dos nós, o lugar do imaginário, os três registros, as três dimensões e suas articulações, como um campo possível para articularmos os impasses a respeito do simbólico e da clínica no contemporâneo. Aqui, a clínica se impõe, partimos do ponto de que não se trata só da forclusão do Nome do Pai, então estamos em que campo? No campo das neuroses narcísicas, as patologias do objeto? Aqui um primeiro paradoxo, uma neurose e/ou um outro funcionamento? Isto traz a aposta numa outra amarração, que não seja só no significante Nome do Pai, porém numa diferenciação dos registros e na possibilidade de escuta, de poder abrir o lugar para que cada paciente possa nos dizer como manejam os registros.

Aqui, a posição do analista e a queda do Mito do Pai no próprio analista se apresenta. Estando sem a bússola do nome do pai, o que se coloca é a possibilidade de estar orientado a partir do quê? Lacan fala dos Nomes-do-Pai, porém, o que significa essa pluralização na clínica? Uma nova orientação? Uma nova posição? Essa é a questão que trago aqui.

Foi possível acompanhar o fio que Lacan vai estabelecendo diante da travessia do Nome-do-Pai aos Nomes do Pai no nosso módulo de transmissão. Nome do pai é um conceito lacaniano. A partir da transmissão de Rita Vogelaar neste ano, pudemos acompanhar como, no início, o pai está atrelado à imago paterna, depois como um símbolo, e no *Seminário 3*, como um significante, como um organizador psíquico. No *Seminário 5*, como metáfora paterna, há o desejo da mãe e o Nome-do-Pai. Uma operação metafórica que ocorre nos três tempos do Édipo.

Maya afirma: “Retornar a duas lições do Seminário 5: as formações do inconsciente nos permite situar a metáfora paterna como uma

---

formalização significativa que substitui os pais de carne e osso” (*Livro zero*, n11, 2020, p. 75) de forma que o nome do pai está atrelado aqui a uma categoria significativa. Cevasco afirma que “o significante do Nome do pai — e a função fálica a ele associada no tempo da metáfora paterna — assegura o encadeamento (...)”, continuando, mais à frente: “o que está justamente em concordância com a concepção do nome do Pai como significante de exceção que ordena a ordem simbólica, conforme a posição de Lacan na época da Questão preliminar a todo tratamento da psicose e do Édipo formalizado como metáfora paterna” (CEVASCO, 2021, p. 47).

Portanto, a pergunta sobre como o simbólico se instaura e se estrutura atravessa todo esse tempo. Ainda Maya: “Lacan vai mudando sua posição frente a uma noção como a do pai. De situá-lo como centro, seguindo Freud a partir do Édipo, passa a descê-lo de seu escabelo de forma rigorosa, movendo as bases daquilo que acreditávamos sustentar a clínica” (MAYA, 2020, p. 75).

Temos, portanto, neste tema, questões gordas. Cevasco afirma ainda que “a clínica dos nós não destrói a clínica anterior” e continua: “a clínica borromeana amplia as possibilidades do tratamento das categorias clínicas com outros paradigmas” (Cevasco, 2021, p. 18). Acompanhamos ainda Cevasco, quando enuncia, sobre o Pai:

Quanto à principal referência à função do pai, ela vai além da pluralização anunciada no seminário do qual Lacan ministrou apenas uma aula (publicada como os nomes do pai). Ela se desdobra desde o Nome do Pai — enquanto função simbólica como Outro do Outro, como a metáfora paterna — ao pai que nomeia, ao pai como função de nomeação — e veremos, ao pai considerado, por fim, como *sinthoma* entre outros possíveis. (CEVASCO, 2021, p. 20).

Um último ponto importante a ser destacado é o quanto, na entrada na clínica borromeana, vemos a primazia do simbólico ser destituída e o imaginário ser resgatado. Ainda com Cevasco:

Costumo dizer que o nó do qual Lacan parte é um nó ideal porque ele começa o uso dos nós com a intenção de deixar de lado o recurso ao pai, de dispensar o pai, ao menos esse pai que implica

sua referência à religião. Depois ele terá que voltar a introduzi-lo sob uma das formas do *sinthoma* que enoda a maneira sintomática de enodamento na neurose, *sinthoma* “pepere”(confortável, cômodo, comum, do sentido comum) da neurose (CEVASCO, 2021, p. 72)

Afirmando, em seguida, que esse nó ideal, então, com o qual debuta a sua abordagem dos nós, não tem que recorrer ao Nome-do-Pai. Mais à frente: “A primeira abordagem do nó com três é um dispensar o pai... Apesar disso, ele o supõe implicitamente, visto que já diferenciamos, já nomeamos cada um dos elos — Já operamos, portanto, com uma nomeação”. (Idem, p. 73). Cevasco irá nomear o período do *Seminário 19* ao início do *Seminário 21* como a pré-história do nó.

Neste ponto, entro no *Seminário 21*. Antes de entrar na lição 4 propriamente dita, fiz um pequeno recorte das lições anteriores. Na lição 1, nomeei como a *Interpretação dos sonhos*. Lacan começa a lição 1 se debruçando no nome do seminário e seus dois sentidos a partir de uma identidade fonemática, “os nomes do pai” e “os não tolos erram”. Aqui estamos diante de um enigma. Ele faz aqui alusão a uma aula interrompida antes de abrir o seminário nomeado hoje em dia como *Seminário 11*. Aqui, ele abre novamente a definição de inconsciente. O inconsciente é um saber com o qual o sujeito pode se decifrar. Isso, para um pouco mais à frente remeter a relação do escrito com a linguagem e o movimento de cifração. Em seguida, ele liga o trabalho do inconsciente ao gozo.

Aqui, ele abre para a afirmação na qual o imaginário é uma dimensão, é um dizer. O imaginário é o que detém a cifração, o que detém o sentido. O imaginário é uma intuição daquilo que deve ser simbolizado. Lacan afirma que há três dimensões, denominadas Simbólico, Imaginário e Real.

Com essas afirmações, ele vai se referir ao espaço destas três dimensões, e cita a *Interpretação dos Sonhos* para se referir ao que Freud estava nomeando como realidade psíquica. As três categorias são estritamente equivalentes e inteiramente Heterogêneas.

Na lição 2, que nomeei como o *Desejo Indestrutível*, Lacan começa a falar sobre o erro e a tolice. Enuncia: “Sou eu tolo o bastante para

---



não errar?” Errar, aqui, está ligado à errância, à itinerância. Abre, em seguida, a pergunta sobre o quanto ele cola no discurso analítico. E o quanto é tolo. Aqui, a fuga do sentido está colocada como um lugar de direção. Ele volta à matemática de Freud como esse campo da inscrição das letras e da lógica de seu discurso. Freud estava preocupado em aproximar o discurso da psicanálise ao discurso da ciência. Ele vai se referir à inscrição do discurso analítico. Essa inscrição é o começo, o ponto chave de sua matemática. A Errância de Freud, o oculto e o discurso científico. O que não está no discurso, não está escondido, mas está alhures. Aqui ele abre para a relação do oculto e do inconsciente.

Assim, ele entra no desejo indestrutível que vagueia sobre a linha da viagem, de ponta a ponta na interpretação dos sonhos. Essas inscrições do desejo indestrutível seguem um deslizamento: há a marca e há o deslizamento. E afirma que a estrutura simbólica está no fim desta *Traumdeutung*, interpretação dos sonhos.

Na lição 3, que nomeei como *Freud era tolo do Real*, está a nossa entrada nos nós. São apresentados o nó, suas cordinhas e suas cores. O nó é colocado numa estrutura tridimensional, e nos cubos. Quando os cubos estão feitos, é possível constatar que há planos. Ele fala da importância da operação de planificação. Só planificando é possível saber quem está passando por cima e quem está passando por baixo. Aqui é possível marcar a diferença entre os registros a partir da nomeação de cada elo e a marcação em cores. Assim temos uma distinção pela via da nomeação, pois os três registros são equivalentes e dissociados.

Em relação a este objeto topológico, só depois é que é possível saber qual nó estava em jogo. Há uma condição borromeana ou não? Ele começa apresentando o nó borromeano: se um cai, os outros dois estão livres. Ele fala algumas vezes sobre a necessidade de cada um fazer o nó. E assim apresenta o nó feito com cubos. Depois apresenta os três círculos dos jogos olímpicos, o nó olímpico, e avisa que se um cair, os outros dois continuam enlaçados. Após essa apresentação, ele entra no tema da demanda. Aqui, ele abre para toda a questão da tolice, tolo, presa, *dupe*. Ora a tolice aparece no seu aspecto positivo, ora aparece como negativo.

“Eu disse: os não-tolos (presos) vagueiam. É preciso, ainda, não ser tolo por qualquer coisa. E até é preciso ser tolo, especialmente por alguma coisa que vou tentar, que quero hoje fazê-los alcançar” (LACAN,

1973-1974, p.51), e termina o capítulo falando: “Ele (FREUD) era tolo do Real, mesmo que não acreditasse nisso. E é exatamente, do que se trata: o tolo certo, aquele que não erra, é preciso que haja, em algum lugar, um Real do qual ele seja tolo.” (LACAN, 1973-1974, p. 67)

Aqui entramos no capítulo 4, que inicia dizendo que *o seu dito foi deste nó*, e que *não é tanto o nó que é importante, mas o seu dizer*. E afirma que neste dito, o nó coloca em evidência o *dizer de Lacan*. Ele repete: “um dizer é da ordem do acontecimento”, e segue, ainda: “*E isso se liga, precisamente a este pedicelo de saber, limitado, certamente, mas sempre perfeitamente enodado, que se chama nosso inconsciente, na medida que para cada um de nós, esse nó tem suportes bem particulares*” (p. 70, destaques da autora). Aqui, Lacan apresenta sua topologia borromeana.

Interessante pensar que se o nó não é uma metáfora do inconsciente, mas um dizer, e se ele em si não representa nada, para que serve operar com ele? O que é ele? Ana Laura Prates, no seu curso sobre os nós no Fórum do Rio, enumera as propriedades do que o Nó não é: “Ele não é um esquema, um modelo, uma representação, um matema, uma teoria, uma metáfora, uma transcendência, uma cosmologia nem uma ontologia”, e afirma: “o nó é o espaço do ser falante que é constituído no campo que se constitui na fala do analisando”.

Voltando ao capítulo 4, Lacan marca que a realidade psíquica de Freud é diferente da topologia dele. Aqui ele abre para a questão do amor, e enlaça a questão da ressonância e do dizer. Por que o Amor? Aqui, Pacheco nos lembra que no *Seminário 20*:

O amor é o que vem em suplência à não existência da relação sexual. Ele tenta escrever a relação sexual na medida que exclui o Heteros, produzindo um fechamento. E ainda que o amor é signo de que mudamos de discurso. O amor então é um sinal. Se onde há fumaça, há fumante, podemos dizer que onde há amor, há parletre. E onde há parletre, não há relação sexual, como mostra o nó borromeano. (PACHECO, 2015, p. 33).

Agora, no *Seminário 21* (1973-1974), volta ao amor e os registros. Ele abre apontando para a filosofia e a questão do Ser, dizendo: “o Amor é, no entanto, alguma coisa que esbarra na objeção que não se concebe como ser” (LACAN, 1973-1974, p. 70). Portanto, descola o Amor do Ser.

---

Ainda no *Seminário 21*. Ele volta a falar do *sonho acordado*, e marca que há um saber que é escutado no sonho, e é exatamente por isso que é tão importante “esse sonho que vocês só tem em certo tempo decifrá-lo, o tempo da *signatura rerum*, da leitura do sonho acordado” (LACAN, 1973-1974, p. 71). Ele marca o tempo do deciframento.

E volta: “o amor, se é, exatamente, a metáfora de alguma coisa, trata-se de saber a que ele se refere” (LACAN, 1973-1974, p.72). Ele diz que se trata de um acontecimento quando um homem encontra uma mulher. Aqui ele entra no tema através do mandamento do amor divino, tu amaras tua próxima como a ti mesmo, e afirma que “esse preceito funda a abolição das diferenças dos sexos. Quando digo que não há relação sexual, eu não disse que os sexos se confundem, bem longe disso!” (LACAN, 1973-1974, p. 72).

E afirma ainda: “é que eu disse que não há iniciação, é a mesma coisa que dizer não há relação sexual. O que não quer dizer que a iniciação, isso seja a relação sexual, já que não basta que duas coisas não existam para que elas sejam as mesmas” (p. 72). Ele retoma aqui o aforisma não há relação sexual e afirma que isso é da mesma ordem do não há iniciação. O que ele quer apontar aqui?

E continua afirmando que o amor contudo é um fato. Ele vai nomear um homem de bem e uma boa mulher que teriam feito um pedaço de caminho juntos de errância, a viagem: “Será que o amor é isso; ter feito um pedaço do caminho juntos? Vocês veem aonde isso vai dar, hein? Ajudar-se-ão mutuamente” (Lacan, 1973-1974, p. 73)

“O amor não é nada mais que um dizer...enquanto acontecimento.

Um dizer sem rebarbas.

E o amor não tem nada a ver com a verdade.” (p. 74)

Lacan continua com a questão do seu dizer, e afirma: “Este dizer do amor, dirige-se ao saber enquanto ele está lá, no que é preciso chamar, exatamente, de inconsciente. Neste nó de Ser, se quiserem, mas num sentido outro...” voltando a afirmar em seguida:

O que constitui esse dizer não é o conhecimento. Este nó não é um conhecimento do que quer que seja. Ele implica meu dizer como acontecimento nisto que ele é, com suas três faces: Que é imaginável, já que fiz dele imagem efetiva (consiste) que é simbólico já que posso

defini-lo como nó (insiste) e que é completamente Real, do acontecimento mesmo deste dizer (ex-siste). (LACAN, 1973-1974, p. 75).

E segue: “O alcance deste nó borromeano é que de cada uma das três rodas de barbante que sua ruptura de conjunto se segue. Enquanto numa cadeia simples... de três é apenas com a roda do meio que vocês podem romper os extremos” (Lacan, 1973-1974, p.75). Primeiro desenho. Aqui, ele desenha a cadeia simples, o nó olímpico e o nó borromeano. Ele marca a diferença do nó olímpico com o borromeano, na qual se um se desenlaça, os outros dois continuam enodados.

Ele resume, dizendo: “O importante do que aí faz nó e que estas rodas de barbante são o que faz consistência em cada um destes termos que distingo com três categorias: O que faz consistência é estritamente equivalente” (LACAN, 1973-1974, p. 76). Neste ponto, acho importante marcar a diferença que Cevasco traz, entre o Nó como Real e o real como uma das três *dizmensões*. Outro ponto importante é a mudança de leitura que Lacan vai fazer no que se refere à correlação do nó olímpico para a neurose e o nó borromeu para a psicose. Mais tarde, ele desfaz essa correlação, afirma Cevasco (2021, p. 32). Estamos aqui no campo do parletre em todas as suas dimensões.

Outro ponto é a insistência que um nó é um elo (um nó trivial), isto é, uma reta infinita. Um elo é a melhor maneira de representar o Um.

A propriedade do nó é precisamente que não há enlace algum; Não há enlace algum, nenhum elo passa diretamente pelo furo do outro. A propriedade do nó borromeano é que eles se enlaçam por não se enlaçar: Há enlace porque não se enlaçam. O nó borromeano é propício para escrever a não relação sexual porque nele não há enlace algum (CEVASCO, 2021, p. 42).

Lacan segue afirmando que o nó, ao ter essa **propriedade da equivalência**, revela:

Que nesta construção se pode colocar cada um, estritamente, no mesmo lugar que qualquer um dos dois outros e, então, se cada um pode ser qualificado, nessa função, por sua consistência, como estritamente equivalente — quer seja considerado como Real, como Imaginário, ou como Simbólico... (LACAN, 1973-1974, p. 77).

---

E conclui: “O que é importante, a saber, é que eles sejam distintos; isso não tem, justamente, importância que eles sejam distintos, contanto que façam três: **Eles consistem, a princípio, e antes de tudo, em sua diferença**” (LACAN, 1973-1974, p. 78, grifos da autora). Na parte dois desta lição, ele entra no tema do Amor.

Ana Laura Prates escreve:

Temos uma topologia de amores, baseada nas formas medievais de amor, conforme o lugar que as dimensões ocupem no elo das outras duas, no nó olímpico. Dependendo do registro que ocupará a função prevalente ou verbal, de ligação — o Simbólico, o Imaginário ou o Real — teremos um modo de amor que faz o signo das tentativas discursivas de escrever a relação. Ele os chama de amor divino, amor cortês e masoquismo (PACHECO, 2015, p. 34).

No seminário 21, Lacan abre a lógica matemática: “Coloco-os para vocês a cru: 2, o número do amor hein? para falar da noção de equivalência e afirma: é alingua que exprime a matemática, hein?. (LACAN, 1973-1974, p. 78). Conta que vai usar o parêntese signo da implicação equivalente, o que funda a equivalência. A ideia do equivalente. Aqui estamos na lógica proposicional. E fala que vai avançar na propriedade do triplo.

2 igual a 1 ou 3.

E afirma que “o interesse de tomá-los (os círculos do Real, do Simbólico e do Imaginário) cada um como meio, já que hoje é do sentido que falo, é de empurrá-los para adiante, interpretados” (LACAN, 1973-74, p. 79) nomeando assim: Simbólico -Vermelho, o real -verde e o imaginário -o azul. Aqui estamos no coração do capítulo. Ele começa pelo simbólico: “Se tomarmos este simbólico como desempenhando o papel do Meio entre o Real e o Imaginário, estaremos aí! Aí no coração do que este amor do qual eu falava há pouco sob o nome de AMOR DIVINO” (LACAN, 1973-1974, p. 80).

Ao se referir a essa tríade, escreve: “O Real da morte---Simbólico---Imaginário do corpo. Aí que situa o nervo da Religião, enquanto ela prega o amor divino, também é exatamente aí que se realiza esta coisa louca: este esvaziamento daquilo que é do amor sexual na viagem” (p.80). E em seguida, define: “A relação entre o corpo e a morte é

articulada pelo amor divino, de uma maneira tal que faz com que, por um lado, o corpo torne-se morte e, por outro, que a morte torne-se corpo. E é por *meio* do amor” (p.81).

Ele termina no último parágrafo da página 81, marcando que o amor de Deus é a suposição de que ele deseja o que se cumpre, para todo fim, se posso dizer. É a definição da teologia em si mesma, “é uma **transformação do termo desejo** no termo fim, mas nessa articulação, o que faz o fim é o meio. O Amor Divino expulsou o que acabo de definir como desejo, com este ganho de uma verdade-Verdade do Três-, que, se posso dizer, paga a coisa e a compensa”. (LACAN, 1973-1974, p. 81). E aqui entra no Amor Cristão, marcando que esse não extinguiu o desejo, essa relação do corpo com a morte, ele a batizou, se posso dizer, amor.

Aqui mais um passo, Lacan entra no imaginário como o meio e nomeia como Amor Cortes. O Real (a morte)---Imaginário(corpo) ---Amor (simbólico-Suporta o gozo). E define:

O imaginário, tomado como meio, está aí o fundamento do verdadeiro lugar do amor”, esclarecendo mais à frente: “E a denegação de quê, já que é apenas uma metáfora? A denegação do inconsciente. A saber, do que ele tece e fia, este saber sem o qual não há justa situação do amor, se isso em que consiste o amor é, precisamente, este dizer, este dizer que parte, notem-no, do Imaginário tomado como meio. (LACAN, 1973-1974, p. 83).

E encerra revelando que se o amor cortês foi substituído pelo amor divino, sendo estas formas de tamponamento do desejo, isso não quer dizer que o desejo mudou, ele só foi empurrado para outro lugar (p. 84).

E num terceiro passo marca o amor Masoquista. Simbólico (o gozo)-**Real** — Imaginário (Corpo):

Ele foi empurrado para outro lugar, isto é, ali onde o próprio Real é um meio entre o simbólico e o imaginário. Está aí a minha audácia da minha interpretação de hoje — e se esse Real é, exatamente, a morte — é uma figuração grosseira —, e se esse Real é, exatamente, a morte, ali onde o desejo foi expulso...Se vocês me permitem falar em termos de acontecimento, ali onde o desejo foi expulso o que nós temos é **o masoquismo**. (LACAN, 1973-1974, p. 84).

---

E continua. “A junção, o emprego como meio, como meio para unir o gozo e o corpo”. Mais à frente... “Não resta dúvida de que o amor é a relação do real com o saber.” Assim:

se ela, a psicanálise, é um meio, é no lugar do amor que ela se sustenta. É com o imaginário do belo que ela tem que se confrontar, e é para trilhar a via de um reflorescimento do amor enquanto o *(a)mur*, como eu disse um dia, escrevendo-o com o objeto pequeno *a* entre parêntese, mais a palavra *mur*, já que o *(a)mur* é o que o limita. O amor é o imaginário específico de cada um. (LACAN, 1973-1974, p.84-85).

Neste ponto aparece o que está em jogo no capítulo todo, a função do meio (veículo e lugar) na trança e as mudanças de posição. E termina o capítulo dizendo: “Isso para dizer-lhes a que ponto é fácil cair no meio. E que a face, a face equivalente, ao que situei do amor, como sendo esta ligação essencial do Real e do Simbólico, é que, tomado como meio, isso tem todas as chances de ser o que é também do nível da finalidade, isto é, o que se chama um puro fracasso”. (LACAN, 1973-1974, p. 87).

Aqui, finalizo o recorte deste capítulo, no qual aparece a apresentação dos nós, a relação entre os três registros e os três tipos de amor que ele entrelaça aos tipos de enlaçamento no nó. Terminando desta forma com a apresentação da trança.

## Referências

- CEVASCO, R. **Passo a passo**: rumo a uma clínica borromeana, col. Jorge Chapuis, v.1 — São Paulo: Aller, 2021.
- LACAN, J. (1973-1974). O Seminário, livro XXI: **Os não-tolos vagueiam**. Espaço Moebius Psicanálise, Salvador, Bahia, publicação não comercial, circulação interna, 2016.
- MAYA, B. Os nomes do pai. In: **LIVRO ZERO REVISTA DE PSICANÁLISE**. Nº 11. São Paulo: Fórum do Campo Lacaniano São Paulo, 2020.
- PACHECO, A. L. P. Para sempre é sempre por um triz. In: **Stylus Revista de Psicanálise do Rio de Janeiro**, nº30, p.31-41, junho 2015.





---

# JORNADA DE ENCERRAMENTO

---



---

# CONSTRUÇÃO E FORMALIZAÇÃO DE CASOS EM PSICANÁLISE: LÓGICA E TOPOLOGIA<sup>1</sup>

Sheila Skitnevsky Finger<sup>2</sup>

A proposta da rede clínica para o biênio 2021/2022, sob coordenação de Adriana Grosman acompanhada de Daniele Guilhermino Salfatis e eu, Sheila Skitnevsky Finger, reafirma sua razão e espinha dorsal: a articulação entre a formação do psicanalista e a construção e formalização de um caso. Articulação moebiana, tal que não se pode abordá-las em separado.

Não se trata de aprendizagem ou metalinguagem, mas da própria natureza da clínica: um caso, cada caso, se constrói com a localização orientada de um analista, cujo fio de continuidade pode ser localizado no **desejo do analista**. Pois é ele quem está em pauta para a supervisão de casos. É ele também quem pode advir, se e quando se chega a um final de análise, como resposta possível, *sinthomática*<sup>3</sup>, no desmanche da suposição de saber, enlace transferencial que possibilita tanto o processo de uma psicanálise, quanto seu fim, com sua finalidade. E mais ainda, é dele o que se pode transmitir de uma análise, quando colhida num depoimento de passe — especialmente, quando algo se transmite, provocando uma nomeação de Analista de Escola, AE.

---

<sup>1</sup>Texto apresentado na Jornada de Encerramento de Formações Clínicas de 2021, do FCL-SP.

<sup>2</sup>Psicóloga. Psicanalista. Doutora pela Massachusetts School of Professional Psychology, EUA. Membro do FCL-SP. Membro da EPFCL. Colaboradora na coordenação da rede clínica do FCL-SP no biênio 2021-2022.

<sup>3</sup>Conforme a contribuição de Bernard Nomine, no texto “A transmissão da psicanálise”, da conferência proferida na Jornada de encerramento do Forum São Paulo, em 2011; publicado no Livro Zero n. 3, São Paulo, 2012.

O que se pode escrever e formalizar da psicanálise, e de cada uma análise, transmite quando “toca o Real”, dizia Lacan. Ou seja, transmite quando toca algo deste processo moebiano, intransmissível e não ensinável, não formatável nem predicável, mas que mesmo assim não deixou de ser perseguido incansavelmente por Lacan.

No livro da “Rede Clínica (2016)”<sup>4</sup>, Conrado Ramos<sup>5</sup> nos alerta:

Quero convencê-los de três coisas: 1. Que a construção do caso clínico não pode se dar sem teoria. 2. Que a eficácia da direção de uma cura — ou seja, em direção ao incurável — e a transmissão da experiência analítica depende não apenas de uma teoria, mas de seu nível e rigor de formalização: uma ciência? 3. Que a experiência que nos concerne, a do real, só se pode formalizar matematicamente. A construção do caso clínico, então, nos coloca necessariamente frente à formalização e sua escrita, que deve ser matemática se queremos atingir um real. (RAMOS, 2016, p. 30).

A transmissão de um caso clínico não pode ser a transmissão de uma teoria apenas ou de um relatório de sessões, mas de uma experiência que implica o real. Daí a dificuldade extrema que nos impõe a construção e a formalização de um caso. Se transmitimos a teoria sem o eco da experiência, reproduzimos conceitos que não servem para nada; se transmitimos um relatório de sessões sem fazer saltar dele uma escrita dessa experiência com o real, o que transmitimos não é a estrutura do falasser, mas um rol de comportamentos a serem imitados. Em que medida um analista, quando constrói um caso para transmissão, não está na posição de passador? E nesse sentido, em que medida um analista, quando constrói um caso, não está atravessado pelos ecos de sua própria experiência de análise? (RAMOS, 2016, p. 32).

Uma psicanálise deve tocar o real; e sua transmissão se dá com efeitos na direção do tratamento, na construção de um caso para o

---

<sup>4</sup> *In Rede Clínica — Coleção Laços — Psicanálise em rede*. Ed. Escuta, São Paulo, 2016.

<sup>5</sup> Conrado Ramos: *Entrar em contato com a construção do caso clínico. In Coleção Laços — Psicanálise em rede*, 2016, p. 30.

---

próprio analista em seu esforço de formalização, e que pode aparecer na supervisão, na apresentação de caso, e por vezes, no dispositivo do passe.

Como nos aponta Fingermann (2016), a construção e formalização de um caso tem função de dar as provas, comprovar, provar um pouco de teoria em sua práxis, onde o analista que se apresenta, que apresenta uma construção possível de um caso, está perante “a práxis da teoria de sua práxis”. O supervisionando, analista em supervisão, é aquele que, assim como o passante no dispositivo do passe, e mesmo aquele que apresenta, que arrisca, aposta, numa construção possível de um caso, aquele que está na posição de “fazer suas provas”, de “colocação à prova do desejo de analista” (FINGERMANN, 2016, p. 114).

A seguir trago alguns trechos do livro “A (de)formação do psicanalista”, de Dominique Fingermann (2016), para nos orientar:

A Escola de Lacan não oferece cartilha burocrática que regularia os 3 polos do tripé da ‘formação’ do analista; ela propõe, antes, uma articulação dos 3 em um **espaço topológico** em constante deformação, a fim de promover o desassossego como critério *princeps* da formação do analista: um turbilhão, diz Lacan. Entre **análise pessoal, transmissão da teoria e supervisão, as vizinhanças, as bordas, as rupturas de continuidade (cortes)** não cessam de se interrogar e convocar o analista, para sempre em formação, colocando-o à prova do analítico, ... para acolher a sua responsabilidade pelo Discurso do qual ele é agente... (FINGERMANN, 2016, p. 27-28, grifos da autora).

Mais além:

O ato do analista é a-normal, ele se apresenta em descontinuidade em relação à neurose, e não em continuidade, por isso se manifesta como corte, discordância, desconcerto em relação à previsão neurótica, a qual segue o trilho de sua suposição transferencial, depositando o saber no outro e não saindo do lugar. (FINGERMANN, 2016, p. 46).

Assim, não à toa,

---

a Escola de psicanálise é o *sinthoma* que permite o enodamento da tripla procedência da formação contínua do analista, ela [Escola] garante sua... deformação permanente, para que os sintomas dos analistas não lhe façam perder o rumo da sua responsabilidade”. (DE, 2016b, p. 32). Neste sentido, a análise do analista supervisor... tem consequências na expansão do ATO, na formação dos analisantes/supervisionados, assim como nas análises conduzidas por esses, com seus analisantes (FINGERMANN, 2016, p. 32).

Vê-se claramente aí como a experiência da análise pessoal *se impõe* para os que escolhem se oferecer para uma prática analítica, assim como uma supervisão coerente com este discurso “se impõe” para acompanhar a permanente deformação que esta prática exige. De forma similar, podemos acompanhar como a transmissão e o exercício/esforço de formalização deste trabalho interessam tanto àquele que o exerce, quanto à comunidade, com quem e para quem, ele pode dar as provas de sua práxis.

O que se *pode* transmitir e como fazê-lo? Lacan nos dá a orientação: h(á) transmissão que toca o Real: pela lógica e pela topologia.

## LÓGICA E TOPOLOGIA — E SUAS RELAÇÕES COM A PSICANÁLISE

É pensando a transmissão e o ensino acerca do discurso analítico, o qual não pode se dar por concepções universalizantes, que Lacan vai matematizar suas formulações, através de matemas e incursões pela topologia.

Em seu livro “O significante, o conjunto e o número — A topologia na psicanálise de Jacques Lacan”, Paulo Rona (2012) apresenta as origens e consequências da articulação entre a lógica do significante e a topologia:

(...) se o uso da topologia em psicanálise, mas também da lógica matemática, em sentido estrito, tem alguma razão de ser, ou algum fundamento, como reiteradamente afirma Lacan, esse fundamento deve ser encontrado lá onde a própria topologia encontra o seu, isto é, na teoria dos conjuntos. (Rona, 2012, p. 95-96) ... É o caminho da matemática, pela formalização, em oposição a outro, pela formulação de conceitos, que Lacan escolhe...: aposta na formalização, em vez de aposta na conceitualização... (RONA, 2012, p. 333).

Paulo Rona nos apresentava com argumentos a objeções geralmente levantadas contra o uso de “**formalização** do estilo matemático, não somente nas ciências do homem, como mais especificamente, na psicanálise” (RONA, 2012, p. 62) — a começar pelo argumento de que equivocadamente considera-se a matemática como o campo do cálculo, através de quantificação paramétrica, escala de valores, notas, paralelos de grandezas físicas, e assim por diante. Rona esclarece que “naturalmente, não é por essa via que nos aproximamos da matemática” (RONA, 2012, p. 65), mas sim pela noção de **conjunto**, inaugurada pelo matemático Georg Cantor (1845-1918):

Por conjunto entende-se um agrupamento em um todo de objetos bem distintos de nossa intuição ou de nosso pensamento”, portanto cujo fundamento “parece residir na noção de *diferença* (Rona, 2012, p. 65). Espera-se que a psicanálise [não seja] apenas um discurso, ou uma teoria, mas que, como na definição de Freud, tenha efeitos, não bastando que seja somente uma boa explicação (RONA, 2012, p. 77).

Para isso, Rona cita Badiou, por esse trabalhar condições de **transformação** possíveis:

Longe de abandonar a formalização, na constatação de que a estrutura poderia apresentar as coisas como elas são, mas não promover uma perspectiva sobre como elas poderiam se modificar, Badiou evoca os pontos de fundamento da matemática. (Rona, 2012, p. 80)... Badiou nos interessa... portanto, não por seu esforço em filosofar utilizando a matemática, e, a teoria dos conjuntos, a lógica e a topologia, mas porque é através desses ramos da matemática que o autor tece uma teoria sobre a *transformação* junto a uma teoria do sujeito, tendo Lacan como um de seus interlocutores privilegiados. (RONA, 2012, p. 81).

E ainda:

(...) As relações entre a psicanálise e a matemática não são da mesma natureza que aquela verificada de maneira comum entre matemática e diversas outras ciências. Não se trata de fórmulas capazes

---

de descrever ou calcular quantidades a que fenômenos podem ser reduzidos. Não se trata de reduzir o propriamente humano àquilo passível de predição, ou pior, controle. Trata-se de verificar que entre a matemática e a psicanálise há um parentesco que se dá pela via do significant e que lá onde a matemática encontra seus maiores problemas também a psicanálise encontra os seus. Porém, se a matemática tem a vantagem de ter percorrido, por suas vias, um trajeto mais longo que a jovem psicanálise, esta pode se orgulhar de ter olhado mais detidamente para os horrores do vazio que se estende sob as duas disciplinas e nele encontrar o humano que a regularidade matemática excluiu. (RONA, 2012, 352).

Pablo Amster (2015), ao apresentar o que poderia ser a importância da utilização da topologia por Lacan, comenta:

Inclusive entre seus próprios adeptos, surge de quando em quando a dúvida se realmente é preciso se envolver com toda essa confusão para abordar a clínica. ...à margem da avaliação que se possa fazer de tais ensinamentos, é um fato inegável que a topologia constitui um ramo essencial da matemática. Como tal, seus fundamentos merecem ser examinados detidamente e compreendidos e, além disso — por que não? — talvez possa nos servir para entender o que Lacan buscou transmitir. (AMSTER, 2015, p. 19).

Também Alfredo Eidelsztein (2018) aborda o uso que Lacan elege da topologia, como forma de “superar o nível da metáfora” que Freud empregou (p. 15), exigindo de que “a estrutura do sujeito tem de ser a mesma que a estrutura daquilo que se escolhe para representá-lo” (p. 15), estrutura que também é encontrada nos escritos de Lacan: mais do que estilo, ele pretende apresentar com seu escrito, “a estrutura mesma do sujeito do inconsciente”: “A leitura dos escritos de Lacan é, então, ‘formação do psicanalista’ já que se enfrenta neles a mesma estrutura com que se deve operar na prática psicanalítica” (p. 15):

A topologia erradica também todo problema vinculado com a forma. Por isso sua utilização em psicanálise: nosso sujeito não é mensurável, como nenhuma das categorias que lhe aplicamos. As



relações entre o interior e o exterior (noção de espaço que convém ao sujeito) são absolutamente distintas de como são propostas pela geometria elementar... e não implica descrição nem forma alguma, já que a noção de estrutura as exclui. (EIDELSZTEIN, 2018, p. 17).

Todo passo que se realiza na clínica psicanalítica, mais além de seu conteúdo, afasta o psicanalista de sua verdadeira função, se a estrutura do passo e a posição em que fica aquele que o enuncia, não se aproxima da estrutura do sujeito (EIDELSZTEIN, 2018, p. 159).

Sabemos que o uso que Lacan faz da topologia não é metafórico nem alegórico. Ao contrário, ele parece se utilizar da estrutura topológica para frisar de que não pode haver análise sem ato que subverta a topologia do dizer, sem que toque o Real: “não há análise sem ação do analista”<sup>6</sup>, “não há análise sem interpretação”<sup>7</sup>. Ao contrário, como evidencia Rona (2012), a topologia lacaniana interpreta e orienta a direção do tratamento, do início ao fim. Lacan mesmo alerta: “Minha topologia [...] não é teoria. Mas ela deve dar conta de que haja cortes do discurso tais que modifiquem a estrutura que ele acolhe originalmente”<sup>8</sup>.

A topologia serviu para Lacan assim para trazer uma nova forma de formalizar e transmitir sobre aquilo que não se pode dizer tudo, mas que apresentado topologicamente, nos permite visualizar o movimento de transição e transformação — não apenas como sequência ou sincronia, mas em ato, em diacronia. A relação do discurso analítico com as manipulações e figuras topológicas é a relação do dizer com os ditos, dizer próprio da psicanálise que implica o giro do discurso, privilegiando um “outro dizer”, da interpretação, a qual supõe sempre a exceção”<sup>9</sup>. Como resume Christian Fierens (2001): “A topologia do dizer é a *prática* da virada dos discursos”<sup>10</sup>.

<sup>6</sup>Bousseyroux, Michel: *Passe e fim pelo nó*. Wunsch, n. 8, 2010.

<sup>7</sup>Soler, Colette: *Interpretação: As respostas do analista*. Opção Lacaniana n. 13, p. 20-38, 1994.

<sup>8</sup>Lacan, 1972, *Outros Escritos*, p. 479.

<sup>9</sup>Lacan, 1972, *Outros Escritos*, p. 474.

<sup>10</sup>Fierens, Christian: *Lectura de l'étourdit* — Lacan 1972: *sexuacion y discursos*, el muro de lo imposible. Jorge Zahar Ed, 2001, p. 307.

## HOMOLOGIA ENTRE DIREÇÃO DO TRATAMENTO E TOPOLOGIA

Lacan percorre a teoria de Freud atrás do dizer deste, um olhar derramado sobre a clínica, os casos e seus desafios; e outro olhar no fazer do analista, sua formação e a possível transmissão da psicanálise — necessária para a formação. O que Lacan nos oferece é uma concepção que desconstrói as outras concepções. Uma análise deve visar o fora-de-sentido e a impossibilidade de tudo se dizer, via lógica do não-todo, para que apareça a topologia *aesférica* do funcionamento inconsciente.

Essa mudança do esférico para *aesférico* indica um importante alerta, como venho acompanhando em minha pesquisa sobre a clínica pensada com a topologia (SKITNEVSKY FINGER, 2018<sup>11</sup>):

Na topologia esférica, o **sujeito** desaparece, pois não há particularidade, não há lugar para o Um, a exceção, o desejo inédito. Na contramão desta corrente, a psicanálise, ao incluir o campo da topologia *aesférica*, unilátera, oposta à bilateralidade (dentro/fora), busca causar modificações que “libertem” o **sujeito** deste fechamento esférico (SKITNEVSKY FINGER, 2018, p. 151).

Mais ainda, como se pode ler com Fierens (2001):

A topologia *aesférica* do corte é a referência para o discurso psicanalítico [...] Assim, o significante já não será considerado desde o ângulo de sua *significação*, senão enquanto elemento gramatical e lógico — na medida em que desemboca no **dizer**, na ausência de relação sexual e na função fálica; o significante ‘mergulha’ na topologia das superfícies (FIERENS, 2001, p. 247).

E desta forma, a análise (em especial dos analistas) opera uma necessária “de-formação”, “uma operação lógica com sequências éticas”, a qual “visa abrir o ‘caminho da passagem ao ato do psicanalista”<sup>12</sup>.

---

<sup>11</sup> Sheila Skitnevsky Finger, “Pensar com a topologia: algumas reflexões”, in Livro Zero n. 8, SP, 2018.

<sup>12</sup> Fingermann, 2016: p. 33/34 e p. 43.

---

No passo lacaniano com a topologia esférica, há uma evidente homologia entre linguagem e lógica matemática. Se a lógica é a ciência do Real<sup>13</sup> e a matemática a escrita do pensamento<sup>14</sup>, a psicanálise deve ser interpretada à luz da topologia<sup>15</sup>, a qual orienta a clínica: homologia entre direção do tratamento e topologia lacaniana. Essa homologia ecoa a importância da construção e formalização de casos tanto para a psicanálise em intensão — o caso a caso — quanto para a psicanálise em extensão — a formação do psicanalista e a transmissão da psicanálise, meios de fazer constar o discurso psicanalítico no mundo e na atualidade.

Por fim, podemos pensar então a construção, escrita e formalização do caso como forma de transmissão, que reflete um exercício tanto para quem transmite quanto para quem recebe: o Lacan analisante em seus seminários, é o Lacan empenhado na construção de seu pensar clínico, construindo enquanto transmitia. Ao tentar dizer de algo, pelas voltas dos ditos que não alcançam o dizer intencionado, constrói-se uma transmissão possível, algo da topologia do esforço da transmissão, que se não transmite pelos ditos, pelos enunciados, pela linguagem sempre falha e faltante... transmite no próprio esforço tórico noutras moebiano, que ora gira ao redor do impossível de se dizer, ora oferece continuidade entre a formação do analista e a psicanálise que esse oferece. Esforço ainda cuja transmissão pode se fazer revelada, entrevista, indicada, intuída em ato, nas oportunidades de transmissão — de escritos, de apresentação de casos, de passos neste percurso permanente — não sem transmitir sempre o não-todo possível — e que se mostra pelo poético, o enigmático, o atordoante, e suas versões topologicamente articuladas.

## Referências

AMSTER, Pablo. **Notas Matemáticas para ler Lacan**. São Paulo: Ed. Scriptorium, 2015.

---

<sup>13</sup> Lacan, Sem 21 “Os não-tolos vagueiam”, Ed. Moebius, não comercial, Salvador, Bahia, 2016 — p. 217.

<sup>14</sup> Ibidem, p. 218.

<sup>15</sup> Rona, 2012, p. 30.

---

- BOUSSEYROUX, Michel. Passe e fim pelo nó. In: **Wunsch** n. 8, 2010.
- EIDELSZTEIN, Alfredo. **Modelos, esquemas e grafos no ensino de Lacan**. São Paulo: Ed. Toro, 2018.
- FIERENS, Christian. **Lectura de l'etourdit — Lacan 1972: sexuacion y discursos, el muro de lo imposible**. Barcelona: Ediciones S&P, 2001.
- FINGERMANN, Dominique. **A (de)formação do psicanalista — as condições do ato analítico**. São Paulo: Ed. Escuta, 2016.
- FINGERMANN, D. Exigências de supervisão: necessidade e contradição. In: **Rede Clínica, Coleção Laços — Psicanálise em rede**. São Paulo: Ed. Escuta, 2016
- LACAN, J. (1972): *O Aturdido*. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar Editora, 2003,
- LACAN, J. (1973-1974): *Seminário 21: Os não-tolos vagueiam*. Salvador, Bahia: Ed. Moebius, 2016.
- NOMINÉ, Bernard. A transmissão da psicanálise. In: **Revista Livro Zero** n. 3. São Paulo: Fórum do Campo Lacaniano São Paulo, 2012.
- RAMOS, Conrado. Entrar em contato com a construção do caso clínico. In **Rede Clínica, Coleção Laços — Psicanálise em rede**. São Paulo: Ed. Escuta, 2016.
- RONA, Paulo Marcos. **O significante, o conjunto e o número — A topologia na psicanálise de Jacques Lacan**. São Paulo, Ed. Annablumme, 2012.
- SKITNEVSKY FINGER, Sheila. Pensar com a topologia: algumas reflexões. In **Livro Zero** n. 8. São Paulo: Fórum do Campo Lacaniano São Paulo, 2018.
- SOLER, Colette. Interpretação: As respostas do analista. In **Opção Lacaniana** n. 13. São Paulo, 1994.

---

# POR QUE MEDEIA NÃO FOI JULGADA PELOS DEUSES?<sup>1</sup>

Leonardo Lopes<sup>2</sup>

A região do Cáucaso, localizada entre os mares Negro e Cáspio, recortada por uma cordilheira e pelas planícies que a bordejam, faz transição entre o continente Europeu e a parte mais ocidental da Ásia. Ponto de encontro entre diversas civilizações — persas, gregos, mongóis, árabes e turcos, por exemplo —, e hoje ocupada por três repúblicas — a Armênia, a Geórgia e o Azerbaijão —, também tornou-se palco de intensos conflitos geopolíticos em decorrência de reservas de ouro negro, além da ante-sala do Holocausto, a saber, o genocídio como prática de estado perpetrado pelo império otomano em relação ao povo armênio — durante a Primeira Guerra Mundial, foram exterminados em torno de um milhão de armênios em campos de prisioneiros localizados entre a fronteira turca e o deserto sírio.

Na mitologia grega, a região era considerada um dos pilares que sustentavam o mundo e, em sua parte sul, encontram-se os resquícios do antigo reino da Cólquida, ou “reino de loucos”, cidade-estado bárbara colonizada pelos gregos e guardiã da lã de ouro do carneiro Crisómalo, conhecida como velo de ouro. Eetes, rei de Cólquida, ao consultar um oráculo, toma ciência de que veria seu governo ruir caso estrangeiros chegassem às suas terras, visando roubar a lã dourada. Em razão disso, ordena que todos os estrangeiros fossem mortos e encerra seu tesouro em um pequeno santuário, protegido por altíssimos muros e por sua guarda particular. É nesse contexto que entra em cena nossa antagonista,

---

<sup>1</sup>Texto apresentado na Jornada de Encerramento de Formações Clínicas de 2021, do FCL-SP.

<sup>2</sup>Psicanalista, membro da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Prática a psicanálise como ofício na cidade de São Paulo.

Medeia — “aquela que é boa conselheira”, como fala a origem de seu nome —, filha de Eetes, neta de Apolo e, sobretudo, exímia farmacêutica.

Disposta a castigar o infiel Pélias, rei de Iolcos, Hera permite que Atenas organize a nau de Argos a fim de roubar o velo de ouro, com a condição de que o comando da expedição marítima fosse delegado à Jasão, sobrinho de Pélias. Ao mesmo tempo, ordena que Eros faça Medeia se apaixonar por Jasão — no entanto, as flechas do filho de Afrodite não produzem efeito na feiticeira. Ardilosa, Medeia localiza em Jasão o passaporte para uma vida melhor em terras gregas e, para isso, decide ajuda-lo a adquirir a lâ de ouro, a partir de uma série de medicamentos extraídos de venenos de serpente.

Furioso com a traição de sua herdeira, Eetes ordena que Apsirto, seu filho e chefe da guarda real, alcance os argonautas e traga de volta Medeia. Para impedir os intentos do pai, ela arma uma emboscada para o irmão no templo de Artêmis, onde Jasão mata e esquarteja o cunhado, cujos pedaços são espalhados por Medeia pelo caminho. Deserdada, atenta ao desejo do marido em se tornar rei, já em Iolcos, incita as primas de Jasão a assassinares Pélias, prometendo conhecer uma fórmula capaz de trazer os mortos à vida, episódio que lança o casal novamente ao exílio. Os acontecimentos que se seguem fogem aos planos dos deuses: escapam à vingança de Hera, são imprevisíveis e mostram de maneira alucinante o desenraizamento de Medeia... Em Corinto, já com filhos, o casal é acolhido pelo rei Creonte, o qual convence o sobrinho ambicioso de Pélias a esposar sua filha, Glauca, e a abandonar a cientista; Jasão, no entanto, propõe mantê-la como amante, oferta recusada por Medeia, a qual é expulsa da cidade. É nesse ponto que se inicia a versão mais conhecida da tragédia, aquela de Eurípedes — sem acesso aos antecedentes, somos apresentados à uma personagem presa ao campo da reivindicação e da reparação, tal como anuncia o coro das coríntias:

*Ouçõ a voz, ouço a voz atroz  
Da infeliz colquídia;  
Indicação não há de que asserene.  
Sou toda ouvidos, anciã!  
Do recinto ambientrável provinha o grito.*

---

*Amua o sofrer da moradia,  
Onde meu afeto se difunde.*

(Eurípides, c. 480-406 a.C./2010, p. 37).

Desterrada mais uma vez, Medeia anuncia suas hipóteses suicidas:

*Tristeza! Infeliz de mim!  
Pudera morrer!  
Sofrimento imenso!  
Nada sofria o sofrimento que me abate!  
Ó prole odiosa de uma mater mórbida,  
Meritória de maus votos, pereça com o pai!  
Derrua, sem arrimo, a moradia!  
Ai!  
Que a acha urânica rache-me a têmpera!  
Há ganho em perseverar?  
Pudera esvair-me a vida estígia,  
Dádiva de tânatos!*

(Eurípides, c. 480-406 a.C./2010, p. 33-35, 37).

A virada de Medeia não é progressiva, mas de repente: da noite para o dia que ganha de Creonte antes de partir para seu novo exílio, deruba o governo. Primeiro, envia à Gláucia um vestido de noiva tecido e embebido de líquido inflamável, o qual espalha-se por todo o palácio; segundo, aproveitando-se da distração dos cidadãos com o incêndio espetacular, envenena os herdeiros para desespero de Jasão, privando o ex-marido de enterrá-los. Assim se encerra a tragédia: Medeia vai embora na carruagem de fogo do avô, levando consigo os cadáveres de seus filhos, sob os lamentos do sobrinho de Pélias.

JASÃO

*É claro, Zeus, como ela me rechaça,  
Como essa fêmea horrível me arruína,  
Leoa algoz de prole, abominável?  
O que posso fazer, senão chorá-los,  
Senão carpir a agrura tenebrosa?  
Que os deuses testemunhem que os mataste,*

Que me impedes agora de tocá-los,  
Impossibilitado de enterrá-los!  
Pudera nunca tê-los semeado  
Para não vê-los mortos por teus golpes!

(Eurípides, c. 480-406 a.C./2010, p.153-155)

Medeia escapa da morte, dos deuses, de seu próprio autor, fazendo-se ela mesma a tragédia, no sentido literal do termo, ou seja, acontecimento imprevisível, adverso e inesquecível. Rasgando o semblante, escancara a paraconsistência geográfica do ser falante: entre o Ocidente e o Oriente, entre as leis da cidade e a estrangeiridade, entre homens e mulheres. Sorrateira como a fonte de sua ciência, passa ao bote do ato através do qual escapa ao final trágico do qual padeciam as heroínas gregas — a morte —, incluindo a tebana fetiche de boa parte dos psicanalistas, Antígona.

Para o campo lacaniano, Medeia ganha sua importância no que toca a fantasia feminina, especialmente a partir de uma formalização apresentada por Lacan, em “A juventude de Gide ou a letra e o desejo” (1956), de que se há uma verdadeira mulher, essa só poderia ser a feiticeira de Cólquida. Nesse texto, na verdade um comentário sobre o livro de Jean Delay — *A juventude de Gide*, publicado naquele ano-, Lacan equipara o assassinato dos filhos por Medeia ao ato incendiário perpetrado por Madeleine, em relação às cartas a ela endereçadas pelo apaixonado Gide. Essa interpretação toma o infanticídio como o ponto central da tragédia, como se Medeia, essa mulher que não se deixa contaminar pelo vírus da maternidade, estivesse disposta a abrir mão de todos os objetos da insígnia fálica. “Para as mulheres, a castração consiste em perder o amor ou o desejo que um homem lhe traz — na base da tese freudiana: elas não têm o falo, elas vão recebe-lo de um homem. E se ele recusa esse dom, é equivalente à castração. Portanto, é uma resposta de Medeia à castração, uma resposta particularmente virulenta que ilustra um extremismo feminino que seria mais desenfreado que num homem” (SOLER, 2020, p. 70-71).

No entanto, como aponta Candido (2010), não é essa a maneira pela qual Medeia atinge Jasão, posto que numerosas versões do mito jogam a responsabilidade pela morte das crianças nos próprios cidadãos de Corinto: após o incêndio que toma conta do palácio do governo, a

---



partir do vestido de noiva enviado à Gláucia, Medeia não teria tido tempo de levar os filhos consigo, os quais, sob a negligência de Jasão, são apedrejados em praça pública até a morte. A versão de Eurípides seria, nesses termos, uma resposta à pressão do povo, disposto a lançar a estrangeira ao rol dos loucos, eximindo-se, portanto, do massacre. De qualquer maneira, se a assassina é Medeia ou não, esse não é o cerne de minha inquietação, pois o que há de surpreendente em seu plano de vingança macabro é, primeiro, o ato de impedir Jasão de velar os filhos, e, depois, a cena alucinante em que é conduzida para outra terra pela carruagem de fogo do avô, carregando consigo os corpos de seus herdeiros. Em outras palavras, se ao início da tragédia Medeia transfere para Jasão o passe de sua vida melhor, deparamo-nos em sua fuga final com um saber-fazer utilizado em causa própria e que a retira do constante exílio — remarco que, ao partir de Corinto, dirige-se para Atenas onde é coroada rainha ao se casar com o rei Egeu, com quem tem um terceiro filho: Medo.

Nesses termos, lanço: Medeia era louca? Vocês devem se recordar que Lacan se faz tal pergunta em relação à Joyce, intrigado com a decomposição empreendida pelo escritor irlandês: uma arte que estilhaça o sentido, picota a palavra, esvaziando a identidade fonatória a um ponto tal em que se dissolve a própria linguagem — através de sua obra, Joyce mostra uma espécie de progresso contínuo, “uma certa relação com a fala que lhe é cada vez mais imposta” (LACAN, 1976/2007, p. 93). A resposta que Lacan nos oferta é a seguinte: é através da escrita que a fala se decompõe, ao se impor como uma deformação ambígua por estrutura, cabendo, portanto, a circunscrição entre o que é da ordem do *parasita falador* e daquela que envolve o *deixar-se invadir pela polifonia da fala*, para então, mais adiante, afirmar que a escrita à qual se refere vem de um lugar razoavelmente distinto daquele do significante — suas letras são bordadas pela ponta da língua, aquela engendrada pelas mulheres. “Se alguma coisa na história pode ser suposto, é que foi o conjunto de mulheres que engendrou o que chamei de *lalíngua*, diante de uma língua que se decompunha, no caso, o latim, já que é disso que se tratava na origem de nossas línguas” (LACAN, 1975-76, p. 112). Anos antes, ele já tinha tocado algo disso ao circunscrever *alíngua* na origem pois, a linguagem enquanto

discurso do inconsciente, de início, não existe, sendo, portanto, a linguagem em relação à língua, uma elucubração de saber. Sabemos, ainda, do pessoal interesse de Lacan pela língua na origem...

Em 1866, o diplomata otomano Khalil Bey, um colecionador de arte erótica, solicitou ao pintor francês Gustave Cobert uma composição, nua e crua, de uma buceta. Considerado indecente, o quadro foi adquirido por um antiquário em um leilão em 1889, em decorrência da falência de Bey por dívidas de jogo e, após ter circulado pela Europa Oriental durante a Segunda Guerra Mundial, em seu retorno à Paris, *A Origem do mundo* foi comprada por Lacan, por caminhos ainda enigmáticos. Permaneceu com sua família até a morte de sua esposa, Sylvia Bataille, quando foi entregue ao governo francês como pagamento dos impostos sobre a herança de Lacan. Finalmente, quase um século e meio depois, ganhou sua primeira exposição pública em 1995 no Musée d'Orsay.

A esse fato, acrescento a indicação da telenovela “Páginas da Vida” (2006-2007), de Manoel Carlos, reexibida atualmente no Canal Viva por assinatura e que, em sua exibição original, produziu certa polêmica ao exibir o depoimento da sexagenária Nelly da Conceição, no qual ela relata seu primeiro orgasmo: *“Esse negócio das pessoas dizem que tem que gozar junto, que é isso que faz neném, é tudo mentira. Porque eu fiquei dos meus 14 aos 45 anos sem saber o que era isso... Eu fazia coleção dos discos do Roberto Carlos e ganhei um LP que tinha a música ‘Concavo e Convexo’. Então, eu botei na vitrola e fui dormir. E simplesmente, quando eu acordei eu estava com a perna suspensa, a calcinha na mão e toda babada... Aí eu vim a saber o que era o gozo. Moral da história: sou uma mulher de 68 anos que o homem pra mim não faz falta, eu mesma dou um jeito”*.

Podemos alcançar agora outra interpretação ao acontecimento Medeia: seria o infanticídio apenas um traço de uma versão fantasmática feminina, diante da devastação provocada pelo abandono de Jasão, ou estaríamos diante de algo que escapa às leis da linguagem?

A gente não está na dialética do ser, mas no ter sob a forma substitutiva da criança, e o fato de sacrificar o ter é efetivamente um traço do *não-todo*. O gozo fálico vai bem com a posição da apropriação.

---

O falicismo é parente da apropriação. O outro gozo não tem nada a ver com o ter, com a falta, o menos, o mais... é uma questão de heteridade de gozo (SOLER, 2020, p. 71).

Ao se recusar a ser governada e educada, Medeia faz uso dessa língua babada fora de discurso que desobedece a linguagem dos homens, destituindo as certezas imperiais que orquestram relações de suserania e vassalagem a fins de colonizar o corpo — nesse sentido, recusa todos os predicados possíveis que procuram encarcerá-la: filha, irmã, esposa, amante, mãe e estrangeira.

Dessa maneira, rasga a promessa do gozar juntos, e, acompanhada de Nelly da Conceição e tantas outras, recusa o mundo dos homens, não por um capricho e uma auto-suficiência, mas porque a chave de seu gozo não está nos objetos fálicos instituídos — essa mulher goza pela buceta. “É justamente por isso que o que chamamos de doente vai algumas vezes mais longe do que o que designamos como um homem saudável. A questão é antes saber por que um homem dito normal não percebe que a fala é parasita, que a fala é uma excrescência, que a fala é uma forma de câncer pela qual o ser humano é afligido. Como pode haver quem chegue inclusive a senti-lo?” (LACAN, 1975-76, p. 92).

Fico por aqui, sem fechar essa pesquisa, com uma sofisticação da pergunta inicial: o que há de verdadeiro nessa mulher?

## Referências

- CANDIDO, Maria Regina. **Medeia, mito e magia através dos tempos**. Rio de Janeiro: UERJ/NEA, 2010.
- EURÍPIDES. (c. 480-406 a.C). **Medeia**. Edição bilíngue. Trad. VIEIRA, T. São Paulo: Editora 34, 2010.
- LACAN, Jacques. (1956). “Juventude de Gide ou a letra e o desejo”, In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, Jacques. (1976). **O seminário, livro 23: o sinthoma**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- LACAN, J. (1972-1973). **O seminário, livro 20: Encore**. Tradução livre de circulação interna, Escola da Letra Freudiana.
- SOLER, Colette. **Homens, mulheres: Seminário 2014-15**. Trad. GERBASE, J. São Paulo: Aller, 2020.

---

# O SILÊNCIO, O TEMPO E O CORPO<sup>1</sup>

Viviana S. Venosa<sup>2</sup>

“O silêncio... foi a primeira coisa que existiu”.

(Arnaldo Antunes)

Se parto da sustentação de que o dispositivo é o corpo do analista, e o que ele pode — com esse corpo que a linguagem lhe conferiu — oferecer enquanto análise aos analisantes, então, tenho alguns supostos, isto é, postos sob que apoiam: um — e é do qual quero falar hoje — é de que esse corpo não é físico nem virtual, mas um corpo que sequer teríamos se não falássemos<sup>3</sup>. E dizer que o fato de falarmos que nos confere corpo implica a radicalidade da leitura de um dos aforismos de Lacan: “não há metalinguagem”. Pode parecer um pouco chato que eu volte a isso, já tão dito como óbvio ou tomado como intuitivo. Mas é exatamente para tentar tirar do senso comum, do senso comum que criamos ao fazermos nossos sentidos, que volto a esse aforismo. Afinal, o senso comum é a esterilidade do discurso do analista. Que não haja metalinguagem, tomo como a afirmação de que não há anterioridade à linguagem, desde seu advento *ex nihilo*. Com isso, também gosto de pensar que o dispositivo é um artifício que abarca desde a arte do ofício até os recursos disponíveis que permitem, que favorecem o acontecimento do discurso de analista, como aposta. Sempre como aposta, pois não há garantia do posto. Em 1978, Lacan (ainda) se perguntava sobre o truque do treco psicanalítico:

Então, como é que pode que, pela operação do significante, tenham pessoas que se curam? Pois é exatamente disso que se trata. É um

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na Jornada de Encerramento das FC do FCLSP 2021.

<sup>2</sup>Membro do FCLSP

<sup>3</sup>Jaques Lacan. Radiofonia, p. 406.

fato que tenham pessoas que se curam. Freud bem sublinhou que não era preciso que o analista fosse possuído do desejo de curar; mas é fato que há pessoas que se curam, e que se curam de sua neurose, até mesmo de sua perversão.

Como isso é possível? Apesar de tudo o que disse sobre isso na ocasião, eu não sei de nada. É uma questão de trucagem. Como é que se sussurra ao sujeito que chega a vocês em análise alguma coisa que tem por efeito curá-lo, é uma questão de experiência, na qual o que eu chamei de sujeito suposto saber tem um papel. Um sujeito suposto é um redobramento. O sujeito suposto saber é qualquer um que sabe. Ele sabe o truque, pois eu falei de trucagem na ocasião; ele sabe o truque, o modo pelo qual se cura uma neurose.<sup>4</sup>

E um dos truques, uma das trucagens com a qual o analista joga é o silêncio. E o silêncio do analista também é corpo. O silêncio do analista está na escolha. Não somente se ele vai escolher abrir a boca ou calar, mas também nas suas escolhas sobre o que falar. E, nas escanções, quando é do retiro do analista, **o silêncio é a voz que sobra, do analista no analisante, entre uma sessão e outra.**

O engraçado é que, geralmente e genericamente, damos a isso o nome de transferência. Daí a ideia, aqui, que amor de transferência se paga com desejo de analista, onde a trucagem é uma passagem do corpo do analista para a cena do analisante, pela via do silêncio como a voz que

---

<sup>4</sup>Jacques Lacan. Conclusions, 9º Congrès de l'École Freudienne de Paris sur « La Transmission », em 09/07/1978. Publicado em Lettres de l'École, 1979, n° 25, vol. II, pp. 219-220. In: <https://ecole-lacanianne.net/wp-content/uploads/2016/04/1978-07-09.pdf> visitado em: 06/11/2021, tradução livre de « Alors comment se fait-il que, par l'opération du signifiant, il y ait des gens qui guérissent ? Car c'est bien de ça qu'il s'agit. C'est un fait qu'il y a des gens qui guérissent. Freud a bien souligné qu'il ne fallait pas que l'analyste soit possédé du désir de guérir ; mais c'est un fait qu'il y a des gens qui guérissent, et qui guérissent de leur névrose, voire de leur perversion.

Comment est-ce que ça est possible ? Malgré tout ce que j'en ai dit à l'occasion, je n'en sais rien. C'est une question de truquage. Comment est-ce qu'on susurre au sujet qui vous vient en analyse quelque chose qui a pour effet de le guérir, c'est là une question d'expérience dans laquelle joue un rôle ce que j'ai appelé le sujet supposé savoir. Un sujet supposé, c'est un redoublement. Le sujet supposé savoir, c'est quelqu'un qui sait. Il sait le truc, puisque j'ai parlé de truquage à l'occasion ; il sait le truc, la façon dont on guérit une névrose. »

sobra. Donde o dispositivo é o artifício que favorece a manifestação do equívoco. O dispositivo é o corpo do analista, mesmo.

Um ardil para que se dê o acontecimento de corpo na transmissão-aí. Aí que entra o corpo do analista — que a linguagem lhe conferiu: pela via do silêncio que é voz do analista. A verdade como estrutura é, então, tocada por não haver fato *no* discurso, mas apenas fato *de* discurso. Ou seja, “(...) para o discurso, não existe nada de fato, se assim posso me expressar, só existe fato pelo fato de dizê-lo. O fato enunciado é, ao mesmo tempo, fato de discurso.”<sup>5</sup> Do nada, o fato de falarmos se sustenta no vazio, produzindo silêncios, na medida em que o analista é aquele que está radicalmente sub-metido ao discurso do analisante e fazendo ex-sistir o discurso do analisante. Do nada, o vaso faz ex-sistir o vazio, assim como uma ponte faz ex-sistir o abismo.

Até aqui, alguém acusou que não falei do tempo. Será? Freud (2010, p. 119) acusou que “os processos do sistema Ics são atemporais”. Ele vinha falando dos processos de recalçamento, memória e das representações e afetos, quando, pouco antes do fim da parte 4 do texto, ele solta essa bomba. Não sei se Lacan terá concordado com isso, solto eu, outra bomba.

O que proponho sobre o tempo é uma viagem. Sabemos, por meio da teoria da física e de filme de ficção científica, que viagens no tempo estão sujeitas a criar paradoxos e paradoxos são muito bem-vindos no percurso de uma análise. Quando alguém vier a entrar em análise, o analista terá sido a voz que sobra a produzir o discurso que insiste no analisante como ex-sistência. Um futuro que já é passado. Um futuro do presente composto que indica que **quando for, já terá sido** o objeto alucinado.

Nessa viagem, tempo, silêncio e corpo se enodam? Talvez sim. Verbalizar é uma máquina de viagem no tempo, e o tempo não é atemporal. Mas a-temporal, com seu resto realizável. O prefixo a nem sempre tem origem grega, que implica negação; pode também ter origem latina, cujo sentido é “passagem de um estado para outro”, como, por exemplo, em “adormecer”, ou “acordar”, ou ainda, “apalavrar”. Assim, a passa a uma partícula de passagem do tempo, articulada com o

---

<sup>5</sup> Jacques Lacan (1971). O seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009, p. 12-13.

---

silêncio. O silêncio enluta aquele significante que não entrou na série e maratona os seriados. E corpo, que o significante lhe conferiu, consiste em voz e vos. De modo que o acontecimento a-temporal se dá em intervalos e intervalo é o espaço entre dois, Clarice Lispector (1964, p. 98) o descreve assim:

Dá-me a tua mão: vou agora te contar como entrei no inexpressivo que sempre foi a minha busca cega e secreta. De como entrei naquilo que existe entre o número um e o número dois, de como vi a linha de mistério e fogo, e que é linha sub-reptícia. Entre duas notas de música existe uma nota, entre dois fatos existe um fato, entre dois grãos de areia por mais juntos que estejam existe um intervalo de espaço, existe um sentir que é entre o sentir — nos interstícios da matéria primordial está a linha de mistério e fogo que é a respiração do mundo, e a respiração contínua do mundo é aquilo que ouvimos e chamamos de silêncio.

O intervalo, que é o silêncio, tem um espaço que se faz no tempo. No tempo de um ritmo, onde quem aguarda é aquele na posição de analista, para saber que corpo tem em cada análise que conduz. Silêncio para o tempo passar um corpo.

## Referências

- FREUD, S. (1915). O Inconsciente, in: **Obras Completas** volume 12 — Introdução ao Narcisismo, Ensaio de Metapsicologia e Outros Textos [1914-1916]. São Paulo: Cia das Letras, 2010.
- LACAN, J. (1971). **O Seminário, livro 18**: De um discurso que não fosse semblante. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- LACAN, J (1970). Radiofonia, in: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LACAN, J. **Conclusões**, texto apresentado no 9º Congresso da Escola Freudiana de Paris sobre “A Transmissão” e publicado em *Lettres de l'École*, 1979, nº 25, vol. II, 1978 Disponível em: <https://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2016/04/1978-07-09.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2021.
- LISPECTOR, C. **A Paixão Segundo GH**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1964

---

# A IMPORTÂNCIA DA NOÇÃO DE TRANSFERÊNCIA IRÔNICA NA ESQUIZOFRENIA<sup>1</sup>

Marina Moreira Carrilho<sup>2</sup>

Do ano de 2018 ao ano de 2021 me ocupei da pesquisa de mestrado: “A transferência irônica como forma de relação com o Outro na esquizofrenia”, desde o início desse trabalho vivenciei muitas dúvidas com relação a pertinência desse tema e a relevância clínica e epistemológica da ideia de que haveria uma transferência que poderíamos chamar de irônica na esquizofrenia e que poderia ser de grande auxílio no diagnóstico diferencial entre esquizofrenia e paranoia.

Parte do conhecimento psiquiátrico que se tem da esquizofrenia se baseia na noção de fragmentação para explicar seus fenômenos de cunho corporal e de divisão da mente. Vou citar um exemplo construído dentro do que é conhecido como psiquiatria clássica para que se possa compreender seu entrecruzamento com a psicanálise. O termo esquizofrenia desenvolvido por Bleuler no início da segunda década do século XX é baseado nos conceitos freudianos, ainda em desenvolvimento na época, de complexos e cisão do eu.

A noção bleuleriana de ‘esquizofrenia’ buscaria, justamente, colocar em relevo aquele que seria o fenômeno nuclear desses dados mentais, a ruptura, a cisão do eu, em função do rompimento dos vínculos associativos que assegurariam um funcionamento unitário da personalidade. (PEREIRA, 2000, p. 161).

---

<sup>1</sup>Texto apresentado na Jornada de Encerramento de Formações Clínicas, do FCL-SP de 2021.

<sup>2</sup>Psicanalista. Psicóloga. Aprimorada em Psicoterapia de casal e família. Mestra em Psicologia Social (PUC-SP). Membro do Fórum do Campo Lacaniano São Paulo.



Sua principal contribuição se encontra na ideia de que haveria uma divisão dos vínculos associativos da mente, gerando um desagregamento da integridade da personalidade. Isso nos gera um estranhamento a partir do ponto em que essa suposta radicalidade na experiência dos sujeitos que assim se organizam não se apresenta de forma tão fragmentada. Em outras palavras, é possível dizer que após um evento de surto psicótico aquilo que daria as pistas para a construção de um psicodiagnóstico se encontra mais visível, porém nos momentos mais estáveis ou mesmo anteriores ao surto haveriam índices na fala de um sujeito que nos permitiria fazer uma diferenciação mais precisa entre esquizofrenia e paranoia?

Sabemos da prevalência do paradigma da paranoia na psicanálise lacaniana para a compreensão das psicoses num geral, ainda assim nem todas as psicoses se tratam de uma paranoia.

Em 1931, Lacan, Lévy-Valensi e Migault apresentam a ideia de que haveriam formas de comunicação indireta na escrita de uma paciente que seriam auxiliares na identificação dos distúrbios de linguagem produzidos como efeito de sua esquizofrenia. A saber: a alusão, a antífrase e a ironia.

Essa leitura pode ser entendida como uma apropriação de Lacan e seus colegas de uma categoria psiquiátrica bastante específica: a de loucuras discordantes desenvolvida por Chaslin (1912) e que não deixa de ser uma outra nomeação para a categoria criada por Bleuler. Além da compreensão das atitudes mórbidas descritas por Minskowski em que se destacam uma “atitude interrogativa, o mau humor mórbido e a atitude antitética, que seriam verdadeiras respostas concretas de um sujeito esquizofrênico frente a sua problemática” (SILVA, 2015, p. 44).

Lembrando que a palavra esquizofrenia tem aparecimentos muito pontuais na obra de Lacan, darei um salto temporal para sublinhar que no ano de 1966 encontramos a seguinte citação no texto *Respostas aos estudantes de filosofia*:

Pois vocês estariam errados em acreditar que me preocupo com a metafísica a ponto de fazer uma viagem para encontrá-la. Eu a tenho a domicílio, isto é, na clínica em que a entretenho em termos que me permitem responder-lhes lapidariamente sobre a função social da doença mental: sua função, **social**, como bem disseram

vocês, é a ironia. Quando tiverem prática com o esquizofrênico, vocês saberão da ironia que o arma, atingindo a raiz de toda relação social. (LACAN, 1966/2003, p. 216, grifo da autora).

Ou seja, segundo esse trecho, bastaria ter a prática psicanalítica com esses pacientes para constatar que a ironia é uma forma de afastamento de toda relação social.

O autor argentino Martin Alomo (2012) produz uma articulação muito própria a partir desse comentário de Lacan, dizendo que haveriam três modalidades transferenciais específicas dos sujeitos que produzem a escolha irônica na esquizofrenia: a ironia em transferência, a ironia de transferência e a ironia infernal.

A chamada “ironia em transferência” ocorre quando o analista pode oferecer ao sujeito uma possibilidade de vínculo alternativa a de um Outro enlouquecedor, permitindo uma elaboração de seu modo particular de isolamento do laço social. Já a “ironia de transferência” se refere ao ataque irônico à figura do analista, o que é esperado no curso do tratamento, visto que a atualização transferencial que se desenvolve na esquizofrenia surge através do afastamento perante um Outro extremamente invasivo e ameaçador.

Finalmente, a “ironia infernal” anula qualquer possibilidade de laço, pois sua forma mais comum é a de passagem ao ato. Lembremos que, segundo Lacan (1967-68 [inédito]), o ato totalmente bem-sucedido e que não falha, aniquila o sujeito. Seu exemplo é o suicídio, sendo assim, ele jamais será o norteador de nossas intervenções.

É interessante notar que esse campo de pesquisa também se apresenta de forma fragmentada. Miller (1994), Teixeira (2010), Alomo (2012), Silva (2015), López (2016) e Sant’Anna (2017) são alguns dos autores e autoras que tangenciaram esse tema, mas a forma com que cada um desenvolve suas contribuições não permite sua apresentação de forma homogênea.

Posso adiantar que a explicação que me pareceu mais justa é de que a ironia seria um índice de um enlaçamento transferencial que produz afastamento e por isso seu caráter irônico. Não existe a necessidade de que sua narrativa de base produza riso, mas uma contradição entre aquilo que se enuncia e seus efeitos.

---

Para ilustrar essa ideia cito o caso de uma pessoa acompanhada por mim que se sentia perseguida pelos vizinhos. A resposta dada a essa persecutoriedade era a de cumprimentar todas as pessoas antes de entrar em sua residência na expectativa de que nenhuma delas lhe fizesse mal. Notem que o sujeito conta de algo de imensa seriedade em sua vida, mas esse evento lido por quem se aproxima de seu contexto pode gerar riso.

Enquanto a ironia retórica é dizer o contrário daquilo que se intenciona, lembrando que para que seu sentido seja apropriado é imprescindível o conhecimento do contexto daquilo que se enuncia, a ironia na esquizofrenia não é intencional, mas expõe o paradoxo de um laço que preferiria não se enlaçar mas que ainda assim pode ser produzido.

Realizar essas diferenciações discursivas é fundamental na identificação de uma esquizofrenia uma vez que se compreende que a direção de tratamento que ela demanda não será a mesma que em uma paranoia. Sendo assim, a necessidade de produzir esse diagnóstico diferencial com índices psicanalíticos é tão urgente quanto a necessidade de não tratarmos mais todas as psicoses como se fossem apenas mais um caso de paranoia.

## Referências

- ALOMO, Martín. **La función social de la esquizofrenia**: Una perspectiva psicoanalítica. Buenos Aires: Editorial Eudeba, 2020.
- ALOMO, Martín. **La elección irónica**: Estudios clínicos sobre la esquizofrenia. Buenos Aires: Letra Viva, 2012.
- ALOMO, Martín. **O amor de transferência na esquizofrenia**. Buenos Aires: Edição Kindle, 2018.
- BERCHERIE, Paul. **Os fundamentos da clínica**: História e estrutura do saber psiquiátrico. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.
- BLEULER, Eugen. Demência precoce: O conceito da enfermidade. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. v. 3, n. 1, p. 164-179, mar. 2000.
- FREUD, Sigmund. **Chiste e sua relação com o inconsciente** (1905). Obras completas. v. 7. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- LACAN, Jacques. *Écrits inspirés: Squizographie* [Escritos inspirados: Esquizografia]. In: *Annales-Médico-Psychologiques*, n. 2, 1931, Seuil, Paris. **De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité** (1932). 2. ed. Seuil: 1975. p. 508-22.
-

- LACAN, Jacques. Respostas a estudantes de filosofia. In: **Outros escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- LÓPEZ, Gonzalo. **Clínica de la ironía**: Sócrates, Kierkegaard, Freud e Lacan. Buenos Aires: Letra Viva, 2016.
- MILLER, Jacques-Alain. Clínica Irônica. **Curinga** — Revista da Escola Brasileira de Psicanálise do Campo Freudiano. Seção Minas Gerais. v. 4, nov. 1994.
- PEREIRA, Mário Eduardo Costa. Bleuler e a invenção da esquizofrenia. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**. v. 3, n.1, p. 158-163, mar. 2000.
- SANT'ANNA, Ana Luiza Mota. A demissão do outro na esquizofrenia: Um fator condicionante à desinserção do sujeito esquizofrênico no discurso. **Analytica Revista de Psicanálise São João del-Rei**, v. 6, n. 10, 2017.
- SILVA, Eliane Mussel. O prazer universal de negar e a vertente irônica na esquizofrenia: Uma leitura a partir da psiquiatria clássica. **Reverso**. Belo Horizonte, ano 37, n. 70, p. 43-48, out. 2015.
- TEIXEIRA, Antônio. A vocação irônica da psicanálise. **Tempo Psicanalítico**. Rio de Janeiro, v. 42.I, p. 9-38, 2010

---

# TODO ANALISTA É HETERO<sup>1</sup>

Leonardo Lopes<sup>2</sup>

Gostaria de introduzir a minha intervenção evocando a excitação de Riobaldo em “Grande Sertão Veredas” — minha aposta é de que a cena serve como interpretante da entrada em análise. Após constatar a verdade diante do cadáver de Maria Deodorina da Fé, o ex-jagunço testemunha que seu pinto endurecera não pelo fato de Diadorim ser um homem, mas sim pela descoberta de que se tratava de um *guerreiro corajoso*, após a experiência no campo de batalha. Poderíamos dizer que “guerreiro corajoso” é um significante qualquer (Sq), nos termos do que Lacan formalizou a respeito do estabelecimento da transferência?

Faço uma distinção entre o significante da transferência de saber (S), que é um significante do analisante, e o significante qualquer, o qual se predica enquanto tal por estar desprovido de particularidades e, desde essa propriedade, como afirma Lacan (1964/1985), permite as mais variadas suposições. Sob a ação do recalque, o saber, que está do lado do analisante, é deslocado (transferido) ao analista, então sob a forma de semblante de objeto *a*, ou seja, capaz de receber a suposição desse saber que dessa vez não é qualquer, mas então específico, singular, sobre a queixa sintomática do sujeito. Desde esse lugar de agente, o analista autoriza o estabelecimento, o desdobramento e a finalização do trabalho analisante, ao sustentar a hipótese que lhe foi endereçada, a de que esse Sq pode ser capaz de traduzir o nome do desejo inconsciente.

---

<sup>1</sup>Texto apresentado na Jornada de Encerramento de Formações Clínicas de 2021, do FCL-SP.

<sup>2</sup>Psicanalista, membro de Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano. Prática a psicanálise como ofício na cidade de São Paulo.

$$\frac{S \longrightarrow S^q}{s(S^1, S^2, \dots S^n)}$$

Isso quer dizer que a oferta feita pelo analista não parte do campo do significante, ou seja, esse significante “qualquer” não é *prêt-à-porter*: é necessário um intervalo, as entrevistas preliminares, para que o candidato a analisante possa destacar o  $S^q$  que, em uma articulação com o significante da transferência, possa estabelecer o laço analítico. Nesses termos, o matema da transferência mostra de maneira clara não apenas o *erro subjetivo* pelo qual se inicia a experiência de uma análise, mas também a responsabilidade do analista nesse fazer-se objeto, do início ao fim, pelas hipóteses e não certezas.

É pela hesitação que porta a suposição de saber que lanço algumas interrogações sobre as mais recentes demandas dirigidas à psicanálise pelos discursos que têm povoado a chamada *limitância*. Como *articular* a política que orienta um psicanalista na direção da cura que ele causa e a política dos direitos, essa que sustenta o Estado democrático?

Pois, o que é uma articulação? É uma conexão entre dois ou mais ossos, classificada pelo tipo de tecido que reveste a área de conexão e de acordo com o tipo de movimento que ela possibilita às unidades conectadas. A articulação é na realidade a região de conexão entre duas ou mais estruturas ósseas que não se misturam, mas que se encostam em determinado ponto de *fricção*, quando da ação das partes do esqueleto humano. É possível, então, articular discursos que não se fundem, com agentes e produtos distintos, mas que, ao mesmo tempo, não se opõem? Que tipo de movimentos essa área de felação pode propiciar?

Por ora, apresento duas deduções a partir de dois momentos específicos em que Lacan aborda o caráter homo da sexualidade.

Primeiro, retornemos aos Três Ensaio, obra que finaliza o prólogo da psicanálise, entre a interpretação dos sonhos e a sexualidade perversa e polimorfa. O primeiro capítulo do texto de 1905 assim se chama, as aberrações sexuais. Quanto aos desvios sobre o objeto sexual, Freud evoca “a fábula poética do ser humano em duas metades — homem e mulher” e a aspiração de que um dia possam se reencontrar numa

junção amorosa. Residem aí, portanto, os mais variados “erros subjetivos” sobre o que chamamos de *objeto sexual* e *alvo sexual*.

Chamou-nos a atenção que imaginávamos como demasiadamente íntima a ligação entre a pulsão sexual e o objeto sexual. A experiência obtida nos casos considerados anormais nos ensina que, neles, há entre a pulsão sexual e o objeto sexual apenas uma solda, que corríamos o risco de não ver em consequência da uniformidade do quadro normal, em que a pulsão *parece* trazer consigo o objeto. Assim, somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre a pulsão e o objeto. É provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste. (FREUD, 1905/1996, p. 140).

É na perversão do alvo sexual que Freud localiza essa configuração dupla, ativo e passivo, sadismo e masoquismo. Esclarecendo a ambivalência, ela parte do contraste básico da vida sexual humana, no qual o masoquismo não é outra coisa senão uma variação do sadismo a partir de um deslocamento do objeto de investimento.

Quem sente prazer em provocar dor no outro na relação sexual é também capaz de gozar, como prazer, de qualquer dor que possa extrair das relações sexuais. O sádico é sempre e ao mesmo tempo um masoquista [...] vemos que algumas inclinações à perversão se apresentam regularmente como *pares de opostos* [...] É ainda evidente que a existência do par de opostos sadismo-masoquismo não é dedutível, em termos imediatistas, da mescla de agressão. Ao contrário, ficaríamos tentados a relacionar a presença simultânea desses opostos com a oposição entre masculino e feminino que se combina na bissexualidade, oposição que amiúde é substituída na psicanálise pelo contraste entre ativo e passivo. (FREUD, 1905/1996, p. 151).

Nesse sentido, as *disposições* masculinas e femininas são encontradas em ambos os sexos, principalmente em atividades auto-eróticas, porém, buscando um conteúdo mais rigoroso aos conceitos de “feminino” e “masculino”, poderíamos defender que a energia pulsional, a

---

libido, é de natureza masculina em seus atributos “normativo” e “regular”, seja no homem ou na mulher e qualquer que seja o objeto sexual. Em nota adicionada em 1915, momento em que atualiza sua teoria pulsional, Freud esclarece o caráter bissexual da sexualidade polimorfa:

É indispensável deixar claro que os conceitos de “masculino” e “feminino”, cujo conteúdo parece tão inambíguo à opinião corrente, figuram entre os mais confusos da ciência e se decompõem em pelo menos três sentidos. Ora se empregam “masculino” e “feminino” no sentido de *atividade e passividade*, ora no sentido *biológico*, ora no sentido *sociológico*. O primeiro desses três sentidos é o essencial, assim como o mais utilizável em psicanálise. A isso se deve que a libido seja descrita no texto como masculina, pois a pulsão é sempre ativa, mesmo quando estabelece para si um alvo passivo. O segundo sentido de “masculino” e “feminino”, o biológico, é o que admite a definição mais clara. Aqui, masculino e feminino caracterizam-se pela presença de espermatozoides ou óvulos, respectivamente, e pelas funções decorrentes deles. A atividade e suas manifestações concomitantes — desenvolvimento muscular mais vigoroso, agressividade, maior intensidade da libido — costumam ser vinculadas à masculinidade, embora essa não seja uma associação necessária, já que existem espécies animais em que essas propriedades correspondem, antes, à fêmea. O terceiro sentido, o sociológico, extrai seu conteúdo da observação dos indivíduos masculinos e femininos existentes na realidade. Essa observação mostra que, no que concerne ao ser humano, a masculinidade ou a feminilidade puras não são encontradas nem no sentido psicológico nem no biológico. Cada pessoa exhibe, ao contrário, uma mescla de seus caracteres sexuais biológicos com os traços biológicos do sexo oposto, e ainda uma conjugação de atividade e passividade, tanto no caso de esses traços psíquicos de caráter dependerem dos biológicos quanto no caso de independem deles. (FREUD, 1905/1996, p. 207-208).

Esse retorno à Freud nos fornece algumas chaves de leitura para recuperar um caso atendido pela psicanalista Lucia Tower, reinterpretado por Lacan no seminário sobre a angústia, para circunscrever o

---



que ele chamará de “coisa de macho”. Trata-se de um homem com dificuldades com a mãe e as irmãs, essas últimas tomadas como irmãos, e muito ligado à esposa, com a qual poderia exercer um controle mas se mantém submisso. Sua mulher sente-se frustrada por sua *falta de assertividade*, ou seja, ele *não é homem o bastante*, ganhando uma espécie de “proteção” pela analista do marido — esse homem zela por sua mulher, principalmente após um *pequeno acidente psicossomático*.

Ocorre então um sonho, no qual há uma cooperação entre as duas mulheres, a esposa e a analista, e a compreensão apresentada por Lucia foi a de que esse homem estava de fato disposto a fazer o que fosse preciso para deixar sua mulher à vontade, ou seja, de que há a possibilidade do paciente se tornar um “verdadeiro homem”. A partir desse momento, a analista não consegue suportar a condução do tratamento.

Para Lacan, há uma retificação no tratamento através da revelação no sonho que a analista encontra: essa mulher, procurando o desejo do homem, encontrou nele outra resposta, não o seu desejo, mas o “*objeto verdadeiro daquilo que é da ordem do desejo, ou seja, o a que resta do Outro*”. Trata-se de um alerta, pois o que se executa nesse tratamento é a entrada da analista como uma parceira feminina no trabalho de luto, ao convocar esse homem a elaborar as consequências daquilo que ele deve encontrar no outro, a saber, sua própria falta.

Se na mulher encontramos a vertigem diante da vagina não especularizável, o “macho” desconfia que há um problema em seu pinto, porque, ao final das contas, não há nenhum outro pinto igual dentre aqueles que participam de sua restrita rede. Ele percebe inclusive que esse pequeno pinto não te obedece e que deverá, ele também, lançar-se ao que escapa ao espelho — afinal, ele cospe coisas e fará outras ainda mais cabeludas. É aí que Lacan localiza o caráter homo da relação sexual, nessa persistência do apego ao pinto, encenada nessa brincadeira infantil que bem conhecemos, o “*quem perde, ganha*” — na luta de espadas entre “jagunços”, quem perde dá a bunda e ganha em troca aquilo que é seu objeto de busca, mas que diz respeito a ele mesmo, a “coisa de macho” (- φ).

No entanto, é necessário o que poderíamos chamar de exame de verificação em relação ao que não passa pela agenda especular, uma *transfiguração* pela qual o *a* se desprende da imagem narcísica *i(a)*. Há

uma aposta, do lado do homem, de que ao fundo do vaso da mulher é possível encontrar uma espécie de ouro — ao bem da verdade, ali se atinge a própria trajetória que o vazio engendra, ou seja, um retorno cujo efeito é uma borda no pote da castração.

Nesse ponto, pergunto: quando dizemos sim à reivindicação “queremos analista azul” ou “queremos analista rosa”, não estaríamos nos propondo à uma parceria com o engano fantasmático, tal qual sucumbiu Lucia Tower à promessa de que aquele poderia ser um “homem de verdade”? Após a introdução a respeito da transferência amorosa pelo saber, azul e rosa seriam significantes quaisquer ou uma oferta de “coisas de macho”?

Avanço um pouco mais. Quero saltar agora para 1974, em “O atur-dito”, quando Lacan afirma que o “hétero” se refere àquele, qualquer que seja seu sexo, que possa amar as mulheres. Nesse mesmo ano, na lição de 9 de abril, ele afirma ser completamente impróprio o termo “homossexual” como nomeação no que se refere à sexuação — “... que aquilo a que a gente se limita, enfim, para classificar masculino ou feminino, no *estado civil*, enfim, isso não impede que haja escolha” (p. 105). Em outras palavras, a relação que o sujeito estabelece com o objeto envolve uma diversidade de gozos que pode ser nomeada de tantas maneiras que quisermos — masculino e feminino, homem e mulher, todo fálico e não-todo fálico —, desde que seja mantido o equívoco da sexuação, formalizado tão precocemente por Freud. Essa hiância entre sujeito e objeto, Lacan atualiza no discurso analítico, ao escrever o analista como agente capaz de sustentar o *pas de deux* do desencontro transferencial.

$$\frac{a}{S_2} \longrightarrow \frac{S}{S_1}$$

Se o demandante encontra um analista homem ou uma analista mulher, estamos no “quem perde, ganha”, onde o sujeito pode comparar o tamanho de seu pinto. Se há de analista, não há dois (*pas de deux*) mas um sujeito e um objeto, e portanto um passo à dois (*pas de deux*), no caso, o dois da diferença, da heteridade, 1+a. Por essa via, alcançamos que se o inconsciente se estrutura como um discurso em

---

transferência, há no estabelecimento da articulação entre o significante da transferência e o significante qualquer a repetição do fracasso da própria linguagem, ou seja, a impossibilidade de S1 encontrar S2, barrando a continuidade dessa promessa de amor que nos é requisitada: “se eu sou rosa, apenas um analista rosa poderá desvendar o enigma da cor de minha sexualidade”. Por isso, proponho: embora todo sentido seja *sexual*, cada analista é *hetero*.

Recordo que Diadorim e Riobaldo se conheciam desde adolescentes, na travessia do Rio São Francisco, quando ela *disfarçada* se apresenta como Reinaldo, codinome usado *secretamente*, apenas quando ambos estavam a sós. Reencontram-se anos depois, após Diadorim passar ao bando de Joca Ramiro, o *guerreiro mais corajoso* da região e exemplo para Riobaldo. Somente nos instantes finais, quando Hermógenes mata Diadorim, diante do cadáver despido e limpo do sangue, é que Riobaldo descobre a verdade do sexo. Nesse momento, também se esclarece o laço que estabelecem...

“Guerreiro corajoso” é o significante da transferência que Riobaldo desloca para o Outro e que não possui, de antemão, nenhuma relação com esse significante qualquer, Reinaldo. Termino, com essa última dedução de que o significante qualquer se estabelece secretamente, a não ser numa relação de intimidade. Os heteros são discretos...

## Referências

- FREUD, S. (1905). Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade, In: **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, VII.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- LACAN, Jacques. (1963). **O seminário, livro 10:** A angústia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- LACAN, Jacques. (1964). **O seminário, livro 11:** Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- LACAN, Jacques. (1973). **O seminário, livro 20:** Encore. Tradução livre de circulação interna, Escola da Letra Freudiana.
- LACAN, Jacques. (1974a). “O aturdido”, In: **Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- LACAN, Jacques. (1974b). **O seminário, livro 21:** Les Non-Dupes Errent. Tradução livre de circulação interna.



---

# FÓRUM NO INTERIOR

---



---

# PSICANÁLISE. DIZER QUE SE TRANSMITE<sup>1</sup>

Luciana Guarreschi<sup>2</sup>

Me alegra estar nessa mesa e espero estar à altura da convocatória do encontro. Como deixei escrito no resumo que enviei, pretendo traçar neste pequeno trabalho, junto ao texto “Psicanálise. Razão de um fracasso”<sup>3</sup>, a resposta “Psicanálise. Dizer que se transmite”. Assim, frente a pergunta Transmissão e Psicanálise: o que é possível falar? Respondo: Psicanálise. Dizer que SE transmite.

Como? Poderia ser a primeira pergunta a ser feita depois dessa resposta. A segunda, pensando no texto de referência, seria: se a psicanálise é razão de um fracasso, o que **se** transmite? Faço notar, antes de adentrarmos ao texto, essa partícula SE, que em nossa língua é, entre outros, **índice de indeterminação do sujeito**. Quero marcar com ela a indeterminação presente quando falamos de transmissão na psicanálise, indeterminação localizada nesse “dizer que **SE** transmite” contido no título do texto.

Começo então por *Psicanálise. Razão de um fracasso*, texto denso, cheio de entradas, menções indiretas e que começa por esse título um tanto enigmático que já vale algumas tantas horas de estudo. Seu contexto é 1967, quase 1968, o momento, como se sabe, era de efervescência política, e o mesmo ocorria dentro da Escola de Lacan, data em que ocorre a primeira cisão no movimento lacaniano. Qual o ponto de discórdia? A Proposição de 9/10/67. Bom, não poderia ser após outro

---

<sup>1</sup> Esse texto foi apresentado no XVIII Fórum no Interior de 2021 de maneira online.

<sup>2</sup> Psicanalista, membro do FCL-SP, da EPFCL-Brasil e da IF-EPFCL.

<sup>3</sup> Lacan, J. Outros Escritos, p. 341. Lembro que o termo para fracasso utilizado por Lacan no título do texto é “échec”, que se traduz por fracasso, mas também significa “sofre um revés” e ainda “colocar em xeque”.

texto, pois que é na Proposição que Lacan estabelece as bases de sua Escola, que versa diretamente sobre o tema da transmissão, já que estão ali contidas as perguntas: como se faz um analista? Ou ainda: como se passa de analisante a analista e como isso se transmite? As respostas de Lacan estarão diretamente relacionadas ao que ele entendia por psicanálise, ou ainda, ao que ele acreditava que deveria ser a psicanálise.

Podemos ler os textos ditos institucionais apenas como intrigas ou brigas por poder. É uma maneira. A outra, creio muito mais proveitosa, é lê-los tentando agarrar o que eles nos transmitem do fazer analítico; aliás, as propostas de Lacan na Proposição se articulam a isso, ou seja, à busca de procedimentos de garantia à altura da psicanálise que queremos praticar. Nesse texto de 67 ele se queixa ao mesmo tempo que circunscreve sua questão, dizendo: “qualquer tentativa de introduzir nele [no **mistério** dessa passagem de analisante a analista] uma coerência e, em especial para mim, de formular a mesma pergunta com que interrogo **o próprio ato**, determina, até mesmo em alguns que julguei decididos a me seguir, uma resistência bastante estranha” (p. 346). Vejam, nesta pequena frase ele dá indícios que há um mistério — a passagem de analisante a analista — e este estaria ligado ao ato analítico, que por sua vez determina uma estranha resistência. Vamos guardar essa informação.

Passo ao termo fracasso, contido no título, do que se trataria? Bom, sabemos que a psicanálise “aborda tudo do ponto de vista do fracasso: o ato falho, o sintoma, o ato sintomático, o truque que rateia, a coisa que manca. Sobre as coisas que têm sucesso, o psicanalista não tem muita coisa para dizer”<sup>4</sup>. Seria então o fracasso uma condição para a psicanálise? Em partes, sem dúvida, já que devemos o nascimento da mesma ao fracasso médico no tratamento da histeria no final do século XVIII. Seria essa a especificidade da psicanálise? Mas como esse fracasso se articularia com a transmissão de um dizer?

Logo no início do texto, Lacan retoma de maneira hipercondensada tudo o que ele inaugurou na psicanálise por ocasião do Discurso de

---

<sup>4</sup>LAURENT, E. (2010). “O nome do Pai entre realismo e nominalismo”. In: Opção Lacaniana — Revista Brasileira Internacional de Psicanálise, nº 58. São Paulo: Edições Eolia, p. 99.

---



Roma<sup>5</sup>: estão ali a prevalência da linguagem, o saber suposto quando do encontro de dois seres falantes, o inconsciente em sua estrutura de discurso. Mais do que isso, ele também colocará o entusiasmo, ou o estrago (a palavra é dele), com que suas formulações foram acolhidas, e mesmo mal acolhidas, prejudicando-as, o que o leva a dizer mais ou menos assim: apesar dos sucessos de meus Escritos, eu fracasei. Sendo o estrago dado, principalmente, pela tentativa de psicologizar, ou seja, totalizar, suas formulações inovadoras, **fazendo 1 com 2**, essa a razão do fracasso. Esse fazer 1 com 2 nos indica que a razão da qual se trata é lógica-matemática e não filosófica.

Ele se explica dizendo que tudo o que foi feito com o que ele alcançou na psicanálise é porque se desconhece a regra da **incomensurabilidade**, ou ainda, porque se quer encobri-la, “operação bem-sucedida”, que perpetua o desconhecimento do qual a psicanálise fez ruptura. E aí está a palavra que pode nos ajudar a pensar sobre o “fracasso”, qual seja, a operação “bem-sucedida”. Vejam a torção que ele opera: ele chama bem-sucedida a operação que **nega a regra da incomensurabilidade, sendo o “fracasso” da psicanálise** a ruptura desta operação bem-sucedida se ela “ao menos” colocar a negação da incomensurabilidade — da não proporção — em questão.

Lacan está acusando que retirar o Todo, o fazer 1 com 2, da experiência humana é desconhecer o desejo do homem e sua estruturação. E mais, que as suposições metafísicas de harmonia com esse Todo demonstrariam a incapacidade de articular castração e fantasia, como suporte do desejo e do enquadre da realidade no ser falante.

Longe do Todo e de qualquer operação bem-sucedida, Lacan insiste no fracasso, cito-o: “Visto que este sucesso me vale a atenção da assembleia presente, ele torna paradoxal que eu me produza diante dela como fracasso” (p. 344). Sucesso que ele põe em *échec* neste texto, na medida em que sua incumbência preliminar, de base, era tirar a “crosta de ignorância” que pairava sobre o recrutamento de psicanalistas via medicina e psicologia. Bom, se não é na medicina e na psicologia, qual a proposta de Lacan para o recrutamento? Via transmissão de um

---

<sup>5</sup> LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem, 1953.

dizer, via esclarecimento do que ele chamou “o mistério dessa passagem de analisante a analista”, desse dizer que passa em ato.

Ok, com o mistério voltamos a informação guardada acima. Lembra? Repito aqui: “qualquer tentativa de introduzir no **mistério** da passagem de analisante a analista uma coerência e de formular a mesma pergunta com que interrogo **o próprio ato**, determina uma resistência bastante estranha”. Vemos aí o ato e o encobrimento em forma de resistência. Do que se trata? Bom, desculpem a digressão, mas teremos que voltar um texto atrás, chamado *O engano do sujeito suposto saber*<sup>6</sup>, em que na página final, aquela que dará ensejo e abertura para o texto seguinte Psicanálise. Razão de um fracasso, Lacan afirma que espera daqueles que estão ali que **o mal-entendido se confirme**, diz ele assim: “meu empreendimento (*entreprise*) não ultrapassa o ato em que é apreendido (*prise*) e, portanto, só tem chance por sua *méprise*” (p. 340).

Olhem, é uma frase chata, cheia de pequenas homofonias em francês, mas ela é muito importante porque articula ensino-ato-transmissão, então proponho uma tradução assim, mais explicativa, vamos ver se funciona. Então ficaria: meu ensino, o empreendimento de que fala Lacan, não ultrapassa o ato analítico em que é apreendido na práxis, ao menos que seja pelo mal-entendido/engano/equívoco. É em ato que a psicanálise, ou seu ensino, se transmite, mas isso precisa comportar o mal-entendido, o engano, o equívoco. Melhorou? Podemos nos perguntar então: equívoco do que? Do ato falho? Do sintoma? Da linguagem? Certamente. Mas para além disso, e Lacan é muito específico nisso, o equívoco do sujeito suposto saber. Resumo: a transmissão da psicanálise só pode ocorrer se houver o engano do sujeito suposto saber. Agora: qual o engano do sujeito suposto saber?

Com certeza há o engano de acreditar que a suposição em questão é uma suposição feita pela pessoa do analisante em relação à pessoa do analista, a de que ele “saberia” sobre mim, sobre minha dor, sobre meus impasses. No entanto, essa suposição, **equivocada, apenas encobre uma função ao mesmo tempo mais sutil e mais determinante da entrada em análise**, qual seja, **promover uma articulação intrínseca**

---

<sup>6</sup>LACAN, J. Outros Escritos, p. 329.

**entre o amor de transferência e a dimensão da linguagem, ou ainda, entre o sentido imaginário do amor e a significação real, inacessível, ainda que articulável pela fala.**

Lacan nomeia esse atravessamento do ICS pela linguagem de “saber não-sabido”, o saber que interessa no inconsciente. O conceito de SSS enfatiza, assim, um saber aos ditos do analisante, não sabido por ele, que é, pela transferência, suposto ao Outro, aqui vestido de analista. **É esse saber não sabido, essencialmente inconsciente, que chamamos de “sujeito”, e que se encontra na base da transferência.** Vale lembrar que o engano de que fala Lacan está para os dois lados: analisante e analista, ou seja, a experiência que o analisante tende a fazer do SSS e a posição do analista diante dessa mesma função. Em cada uma dessas dimensões, o “engano” do sujeito suposto saber assume conotações distintas. Que conotação assumiria para o lado do analista? Em que isso impediria o ato analítico?

Bom, para o lado do analisante temos o fracasso de tudo dizer, o fracasso da solução fantasmática que nos deixa presos à produção de sintomas, à repetição e ao sofrimento; presos ao fracasso de encontrar a justa palavra que poderia completar a Coisa ao dizê-la, fracasso reencontrado a cada corte do analista, a cada volta da demanda. É desses fracassos, sessão após sessão, semana após semana, que **o ato analítico** retira seu sucesso. É nesses reveses — *échecs* — que o ato pode se dar.

Mas, e para o lado do analista? De qual fracasso se trata e que ele chama estranha resistência? Lacan é claro nesse ponto: para o lado do analista ele não pode ser um crente do saber absoluto, conjuntura que impediria a sustentação das condições que dão ensejo ao ato analítico. Ou seja, para o lado do analisante, fracasso do tudo dizer, para o lado do analista: o perigo do saber absoluto. Neste impasse, “Lacan persevera, convocando seus alunos a extraírem do fracasso sua razão”<sup>7</sup>, sua medida.

Perseveremos, então.

O importante aqui, o que gostaria de transmitir, é a sacação de Lacan em dizer algo mais ou menos assim: fracassei e apesar disso, tanto a

---

<sup>7</sup> PACHECO, A. L. **O passe**: a razão de um fracasso. Livro Zero vol. 2, Fórum do Campo Lacaniano São Paulo, 2011.

Proposição quanto a formalização do que vem a ser um “ato” **subvertem o impasse** produzido pela via significante, subvertem-o em passe<sup>8</sup>, em passagem. Sendo esse passe não o do dispositivo, mas um passo, uma passagem, uma transmissão que advém da constatação do engano do SSS. Esse engano atribuído por Lacan ao sujeito suposto saber poderia ser também atribuída à definição mesma de ICS, já que inclui o fracasso em sua captura, como um saber ao qual só se tem acesso *par méprise*, ou seja, só se tem acesso pelo equívoco, pela tapeação, pela enganação e pela confusão, para resumir: apenas no momento de uma falha. Sob essa ótica, a *méprise* é a própria condição de acesso ao saber inconsciente. Como sabemos, é aí que a clínica respira, a coisa quase sempre acontece nas portas, nas bordas, nos enganos de horários, nos tropeços, etc, etc...

É assim que encontramos em Lacan um fracasso muito específico, um fracasso que permite o acesso a algo e não, como comumente acreditamos, um fracasso que só barraria, impediria algo. Um fracasso que retira da inexistência de uma relação Toda harmônica, do limite próprio às decifrações e interpretações das formações do ICS, limite ao qual a direção do tratamento objetivou, do impasse que se arma em voltas e mais voltas da demanda, o sucesso do ato analítico.

Mas o que o ato em si promove, modifica? Isto que costuma ser tão pequeno e singular na mesma medida em que é expansivo e vai para além dos limites sempre constringedores da neurose? Simples: **o ato promove uma transformação na capacidade de enunciação da linguagem**, tal qual Lacan diz: “o ato tem lugar em um dizer e ele modifica o sujeito”. O que significa dizer que o ato analítico é solidário de um dizer que, em vez de meramente exteriorizar o sujeito, modifica-o em uma paradoxal instauração destituente (SAFATLE, 2020).

Instauração destituente que possibilita a tarefa do analista, já que é a partir do des-ser, lugar que ato instaura, que o analista pode exercer sua função. É certo que atravessar o engano do SSS é atravessar as diversas suposições de saberes que se faz ao Outro, mas também e principalmente atravessar a ideia de um saber que me constituiria, que

---

<sup>8</sup> FINGERMANN, D. A de-formação do analista. São Paulo: Editora Escuta, 2016.

definiria os modos de minha relação a mim mesmo, um saber que produziria meus modos de controle, de autonomia, de deliberação, que me faria “senhor de mim” (SAFATLE, 2020).

Se o saber analítico realiza-se ao se destituir, como disse Lacan, é porque este saber não reforça a ilusão de minha propriedade e de meu domínio, pelo contrário, sendo fruto de ato destituente, esse saber vai no sentido oposto à posição narcísica. O saber que diz respeito ao analista e que deve SE transmitir vai no sentido do furo, da apreensão experimentada da inexistência, do nada que se é, do des-ser, da desubjetivação subjetiva... lugares forjados a sangue, suor e lágrimas em uma análise. Lugares possíveis nos quais o dizer da psicanálise SE transmite.

## Referências

- FINGERMANN, D. **A de-formação do analista**. São Paulo: Editora Escuta, 2016.
- LACAN, J. Psicanálise. Razão de um fracasso. In: **Outros Escritos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- LACAN, J. Proposição de 9 de outubro de 1967. In: **Outros Escritos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem (1953). In: **Escritos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- LACAN, J. O engano do sujeito suposto saber. In: **Outros Escritos**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- LAURENT, E. O nome do Pai entre realismo e nominalismo. In: Opção Lacaniana — **Revista Brasileira Internacional de Psicanálise**, nº 58. São Paulo: Edições Eolia, 2010.
- PACHECO, A. L. **O passe: a razão de um fracasso**. Livro Zero vol. 2, Fórum do Campo Lacaniano São Paulo, 2011.
- SAFATLE, V. **Manerias de transformar mundos**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2020.

---

# ERA UMA VEZ<sup>1</sup>[...]O DESPERTAR DA ADOLESCÊNCIA<sup>2</sup>

Ana Lúcia Girardi<sup>3</sup>

A infância é um vento muito, muito ligeiro. Sopra aqui sopra ali e vai se embora. Quando me dei conta, ele já tinha ido e eu, crescido<sup>4</sup>.

“A. tem onze anos, quase doze e faz xixi na cama” — é a partir desta chegança que a voz da mãe comparece.

Encontrei-me por duas vezes com A. e na semana próxima, a pandemia se coloca entre todos nós. Não devemos mais nos encontrar presencialmente, um imperativo, que teve como função proteger-nos uns aos outros de uma virulência capaz de acometer seriamente a saúde. Ponho em dúvida se esta análise poderia se sustentar virtualmente. Em uma ligação, com um certo desconcerto, me apoio na realidade para dizer da possível problemática do momento, para a continuidade da análise e sou surpreendida por uma atitude decidida. Ele não comenta os meus ditos e segue na câmera mostrando os carrinhos utilizando-se de poucas palavras, no entanto, mantendo, o que fizera nas duas vezes primeiras, colocar em movimento os carrinhos e observar o deslocamento de cada um deles sem fazer qualquer esclarecimento. É nesta topada que me decido dirigir esta análise.

Passamos a nos encontrar pela câmera, foram quatro meses, entre carrinhos e imagens da tela, algo como um programa de computador- um

---

<sup>1</sup>Indica que o tempo em que o fato narrado ocorreu, num tempo impreciso e indeterminado.

<sup>2</sup>Texto apresentado no Fórum no Interior em São Bento de Sapucaí em 23/10/2021.

<sup>3</sup>Psicanalista, membro do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo, da EPFCL- Brasil, da Internacional dos Fóruns( IF-EPFCL-Brasil).

<sup>4</sup>Martins, O. C. Antonino peregrino. Bahia: Solistuna editora, 2021.

---

conjunto organizado de instruções em linguagem codificada- que ele compartilhava pela google meet, uma invenção que partiu dele. Ele foi, fomos. Muitas imagens, poucas palavras e quando elas se apresentam (as palavras) com intensidade baixa e um ritmo muito rápido em que o entendimento ficava comprometido.

Muitas perguntas e poucas respostas. Trata-se de um menino próximo a completar seus doze anos, um grande silêncio na presença de imagens, entretanto, estava lá todas as semanas, a despeito de qualquer notação sobre o que ele insistia em compartilhar pela tela. Pergunto-me se na presença dos corpos poderíamos avançar. Faço a proposta de nos encontrarmos a cada 15 dias presencialmente, foi aceita.

Segue- se fazendo.

Uma outra volta, vinha para o encontro com uma mochila nas costas com muitos apetrechos: um computador, elementos que ele usava para fazer experiências: bexiga, corante, sabão líquido, recipientes que utilizava para as misturas. Além disto, a presença de um jogo, que já havia aparecido nos dois primeiros contatos iniciais — na sala de espera a avó dizia, “Ele não veio”, um convite se instaurava para que o analista o procurasse.

Além da mochila, carrega no colo o seu cachorro de pelúcia, um certo modo de apresentação: faz questão de produzir uma sonoridade e um gesto no rosto do analista que figura uma lambida e em seguida joga-o para o colo. Depois de algum tempo começo a responder: “um beijo para você também”, do qual não há resposta. Este cachorro tem uma história contada pela avó em sala de espera “Foi encontrado no lixo, eu lavei, consertei, precisei costurá-lo e dele não desgruda, dorme todas as noites”. Pedi para que contasse como foi o encontro, quando entramos, e sucintamente, diz algumas palavras, sem detalhes, que de algum modo confirmava o que sua avó tinha dito, e encerra o assunto.

Retira os materiais da mochila e trabalha; mistura, mede, esfrega, sopra, muda de lugar, sem nenhuma referência aos feitos ou qualquer reciprocidade com a presença do analista. No entanto, na alternância do nosso encontro, pela câmera, uma sequência comparece na esteira da sessão anterior. É pertinente, portanto, considerar o lugar do saber implicado neste trabalho e mesmo algo da ordem do endereçamento ao analista.

---

É preciso aqui resgatar, ainda que não se trate da idade cronológica do sujeito, não podemos deixar de notar que temos aí um jovem em “formação”, prestes á fazer doze anos e o seu corpo não deixa de insistir nesta direção. O que quero acentuar por formação (Bildung) é o seu termo forte no Romantismo e no Idealismo alemão, seu caráter de processo, prática, trabalho, viagem, romance. Uma formação prática, que inclui, portanto, um processo de apropriação de experiências no qual os meios e os fins não se separam. Dito de outro modo trata-se de uma jornada, em que a experiência do caminho percorrido, longe de ser um momento conclusivo, implica luta e auto dilaceramento advindo das contradições que constituem um sujeito em sua relação com o saber.

Freud (1909), nos adverte que a formação de um sujeito está condicionada ao desprendimento da autoridade dos pais, ressalta a dimensão necessária de tal realização, bem como, chama a atenção para a dor envolvida nesta operação. Operação esta que emerge pelos jogos e devaneios, um trabalho intenso de subjetivação das tramas envolvidas nas relações familiares, sobretudo, do seu lugar neste latifúndio. Freud nomeia como romance familiar, este tratamento empregado pelos sujeitos em crescimento, a saber, a legibilidade de seu próprio engendramento a partir do exercício dos jogos e devaneios como sujeito do desejo.

Nesta esteira de reflexões chamo para a conversa a literatura em que o termo formação encontrou amplo emprego a partir da noção “romance de formação” (Bildungsroman), designa um tipo de romance- sua característica específica, acompanhar da construção pelo longo percurso iniciático de um jovem desde sua infância até um estado de maior maturidade. O conceito foi desenvolvido com base direta o romance de Goethe (1817) “Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister”, seus anos de aprendizado, onde ele aprende somente uma coisa: aprende a formar-se. Uma formação prática em que o caminho percorrido pelo protagonista é o que determina a estrutura da obra. Dito de outro modo, a plasticidade da forma adequa-se à multiplicidade de experiências necessárias à maturação do herói, neste caso, realidade histórica e o processo de amadurecimento conserva uma grande intimidade.

Este trabalho se propõe a perseguir a questão sobre a relação do saber em causa neste pequeno jovem daquilo que tem presença na posição

---



---

decidida em vir e fazer, no espaço, de sua análise, bem como, sustentar que este caminho se trata de um “romance de formação”.

Ainda sobre, como impõe a “formação” neste caso, um encontro com a mãe, em que advém o seguinte dizer: “Me preocupo muito com que homem ele vai se tornar.” — um temor da qual ela se encontra capturada, de que o filho possa parecer com o próprio pai.

Cabe aqui um desenvolvimento, não há escolha que prescindia a indicativos e direções. Desde suas primeiras hipóteses Freud afirmava a preexistência, sobre a primeira e, por isto a mais intensa relação de um bebê com o mundo em que nasce, a saber, o grande Outro que, faz dele um objeto privilegiado dos seus interesses e influencia-o de tal forma que será necessariamente produto desta relação, não sem uma outra instância que vem apontar para um além do desejo do Outro. Instância que sabemos não está dada pela biografia, mas que não é sem consequências que a mãe, função esta que não está dada pela encarnação da realidade, tema veementemente que o pai tenha qualquer influência sobre o ser de seu filho.

Seguindo com o caminho deste Romance em Formação, ainda uma outra aposta, vamos nos encontrar de modo presencial semanalmente, ele aceita. No caminho, muitos descaminhos. Deixou-se ir.

Ganhou força, a estrutura do esconder, convocado, desde a sala de espera, pela voz da avó “Ele não veio”, “Achei!”, entra para a sala rapidamente e se esconde. Na sequência, o analista- “Um, dois três, quatro, cinco [.....] lá vou eu” e assim sucessivamente, materializando pelos nossos corpos o jogo do “Fort-Da” — presença-ausência — apresentado por Freud (1920) em uma obra em que discute a repetição a partir do viés do “Mais além do princípio do prazer”. Me pergunto, o que aqui se repete?

Na sessão chega com as camisetas curtas, os shorts apertados, roupas que lhes serviam, mas, não mais; cresceu em estatura, engordou e insistia em se esconder para que o analista pudesse achá-lo. Lugares óbvios, que não cobriam seu corpo, deixava grande parte do seu corpo descoberto; passou a se esconder debaixo do divã; da primeira vez, funcionou, o seu corpo e o seu cachorro de pelúcia puderam ser recobertos.

Fomos sendo.

Almofadas em seu corpo; embaixo do divã, já não encobrem a totalidade do seu corpo; o pé ficou de fora. Pensei alto — “Você não cabe mais aí embaixo, vem aqui para cima falar”. Levantou a voz: “Eu, não.” — sonoro e audível.

A mochila diminui o volume, agora vem apenas com o computador. Chega, liga, abre na plataforma que simula uma viagem de caminhão, retira os dispositivos de limite de velocidade e/ou aqueles que impõem uma certa ordenação do trânsito. Muitos acidentes, um verdadeiro caos.

A experiência da qual ele ali se entrega não é exatamente compartilhada com o analista, um tempo em que conta com a minha presença, porque me aproximo da tela do computador, mas em nenhum momento, chamada a participar de qualquer decisão ou de quaisquer partilhas das ocorrências. Por outro lado, há uma convocação que o analista fique com seu cachorro de pelúcia. O gesto, a sonoridade da lambida e o lançamento ao colo do analista, nesta ordem, permanecem. Uma amarração se produz, quando o analista se afasta, A. produz um ruído que lembra um choro- endereçando, explicitamente, seu o cachorro de pelúcia novamente ao colo. Momento este em que algo de uma aproximação tem o seu lugar.

Algumas vezes passamos a sessão toda esperando pela abertura do dispositivo no computador, pois a “máquina”, “tem pouca memória”, “é velho”, “é da minha avó”. Que aqui pronuncio de modo encadeado: “A máquina tem pouca memória, é velho, é da minha avó”. Autorizei-me a produzir o encadeamento, que não necessariamente se apresentou deste modo, mas, que se apoia precisamente, no que se engatam, quais sejam, as manifestações corporais e atitudes, que não exatamente aparecem como reclamação, mas por um consentimento pela espera. O que nisto se fala? Podemos dizer que tal consentimento demonstra uma certa precariedade ?

O termo precariedade tem uma função específica, colocar em jogo, um ponto fundamental, do caminho trilhado por este pequeno jovem nesta desproporcionalidade vivida com o analista. Algo de uma primariedade, uma concretude, que se coloca- que por carecer de palavras, sobra uma dureza, uma solidão descrita pelo fazer de seu corpo, de seus gestos e das suas atitudes.

---

Ainda sobre o que envolve a experiência com o analista, destaco uma passagem. Em uma destas muitas vezes que ficamos a espera (da abertura do dispositivo no computador), ele esbarra com seu pé descalço em mim, destaco o tamanho de seu pé, perguntando: “Qual é o número do seu sapato?” “É 34/35!” Digo: “Não pode ser! Olha o tamanho que você está!” Ele se aproxima do seu chinelo e diz “É 40!” — uma aparência de surpresa, que emendo: “Você cresceu!”

Seguimos apreendendo o tamanho do mundo e das coisas.

Uma outra volta, diminuiu mais ainda a sua mochila, agora traz o celular que herdou de sua mãe e seu cachorro de pelúcia, herdado do lixo, bem como das habilidades de sua avó com a costura (foi desde este feito que a obra pôde ter presença). Chega ao consultório com uma pipoca de micro-ondas, entra e conforme vem sustentando, não diz nada; apenas se dirige ao micro-ondas e usa-o. Pergunto sobre aquilo, e, como resposta um sonoro: “Pipoca!”. Pega o celular, abre a pipoca e por gesto oferece ao analista, desta vez com o material aberto, “O que é?” — “Uma série”. “Do que se trata?”. “Senta! Assiste!”

Aqui também vale um desenvolvimento sobre o que diz respeito à localização do sujeito frente ao mundo e ao seu próprio desejo, uma amarração, que vem apontar justamente um para além do desejo da mãe, instituindo o Outro como lugar vazio. Instante este em que algo é nomeado. Um nome que evoca, por um lado, a origem, mas por outro, com Freud e particularmente com Lacan, aprendemos que não há origem, mas nomeação- “O que herdastes de teus pais/Adquire, para que o possuas”<sup>5</sup>, ou seja, há uma criação no limite imposto pela linguagem a partir da impossibilidade primordial, eis a “potência de criação”. Posição eminentemente inédita, lá onde o sujeito pode servir-se do Nome-do-Pai.

Temos um tempo pela frente. Um caminho que se tece nesta balança das vicissitudes, ritmos e escansões- da criança ao despertar da primavera<sup>6</sup>, da qual o Romance de formação- Bildungroman tem presença

---

<sup>5</sup> Goethe, J. W. Fausto: uma tragédia- primeira parte. Tradução de Jenny Klabin, apresentação, comentários e notas de Marcos Vinícius Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2011, 416, v.682-683.

<sup>6</sup> Faço referência a peça de Franklin Wedeking (1891), foi comentada por Freud (1907) e por Lacan em (1974).

na sustentação pela direção ética, estética e política desta análise. Uma espécie de viagem na qual progressivamente vamos reconhecendo que as trilhas percorridas nos antecedem, nos orientam e nos delimitam. Uma viagem que não apenas nos desloca no tempo, mas, nos transforma em sua realização. Uma passagem que aguarda a interessante possibilidade de um sujeito se desgarrar na relação com o Outro-advir, por meio de uma operação, que conta com a leitura da herança recebida, sem prescindir de suas próprias questões e servindo-se do Nome-do-Pai, o nome que inscreve o sujeito tanto como elo intermediário na sequência de gerações, quanto no dizer que nomeia.

Ah, sobre o xixi, não tive mais notícias! Quem sabe terei a chance de contar em algum outro tempo.

“O tempo passa e nem tudo fica.  
A obra inteira de uma vida.  
O que se move e  
O que nunca vai se mover.”

(canção da banda — Nenhum de Nós: Sobre o tempo)

## Referências

- FREUD, S. (1907) Intervencion de Sigmund Freud sobre “El despertar de la primavera” ante de la Sociedad Psicoanalítica de Viena. In WEDEKIND FRANK: **Versión castellana de Pablo Peusner**. Buenos Aires, Argentina: Editora Letra Viva, 2013.
- FREUD, S. (1909). O romance familiar do neurótico. In FREUD, S. **Obras completas de Sigmund Freud**: tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2015.
- FREUD, S. (1920) Mais além do princípio do prazer. In FREUD, S. **Obras completas de Sigmund Freud**: tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2014.
- GOETHE, J. W. (1808) **Fausto**: uma tragédia- primeira parte. Tradução de Jenny Klabin, apresentação, comentários e notas de Marcos Vinícius Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2011.
- GOETHE, J. W. (1817) **Os anos de aprendizado de Wilhelm Meister**. Tradução de Nicolino Simone Neto, apresentação de Marcus Vinícius Mazzari. São Paulo: Editora 34, 2020.
-

LACAN, J. Prefácio a O Despertar da primavera (1974). In LACAN, J. **Outros escritos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 557-559 (Campo Freudiano no Brasil).

WEDEKING, F. (1890) **El despertar de la primavera Tragedia infantil**. Tradução de Pablo Peusner version castellana. Buenos Aires, Argentina: Letra Viva, 2013.

---

# CONSIDERAÇÕES SOBRE TRAUMA E FANTASIA<sup>1</sup>

Geni Gentil<sup>2</sup>

Este trabalho tece considerações sobre trauma e fantasia, destacando, a partir de um recorte clínico, que a fala sob transferência, em torno da cena traumática, possibilitou a construção da fantasia, sendo um de seus efeitos o esvaziamento da culpa frente a um gozo enigmático.

No transcurso da análise, não se trata de trazer à rememoração uma cena da infância que já estava lá para ser buscada, mas que essa cena seja construída sob transferência. Cito Lacan, “não se trata, na anamnese psicanalítica, de realidade, mas de verdade, porque o efeito de uma fala plena é reordenar as contingências passadas dando-lhes o sentido das necessidades por vir, tais como as constitui a escassa liberdade pela qual o sujeito as faz presentes” [...] “tantas reestruturações do acontecimento quantas se operem *a posteriori*.” (LACAN, 1953/1998, p. 257-258)

Há muitos fios que poderiam ser puxados nesse caso, mas recorto este.

Diante de uma topada com uma cena traumática no meio do caminho das associações, uma pedra no meio do caminho, como diz o poeta Drumond, a analista topou dar tratos à pedra: diga mais e como puder... já que lá estava a cena... insistindo para ser escutada. Uma cena da infância da qual se sente culpada. Uma cena aos 6 anos com um familiar adolescente. Havia um livro com uma figura que ela gostava muito de olhar. A pretexto de mostrar a ela, eles sentados no chão, vai lhe mostrando o livro enquanto se cola às suas costas e ela sente algo quente e “gosmento” sobre sua pele. Acha que alguém passou diante da

---

<sup>1</sup>Texto apresentado no Fórum no Interior, São Bento do Sapucaí, 23 de outubro de 2021.

<sup>2</sup>Psicanalista, membro do Fórum do Campo Lacaniano SP.

porta e interrompeu. Depois ouviu uma conversa entre familiares que falavam da cena, se teriam ou não que levá-la ao médico, não entendeu. Esse é o fragmento, olhar e voz do Outro como um terceiro que surpreende a cena. Algo se passou que só pôde nomear como a sensação de estranheza no corpo. Algo se passou às suas costas, às custas de falta de recurso para simbolizar o que ali se deu. Mas com a implicação subjetiva indicada pelo sentimento de culpa, carregada desde então. E muitos anos depois, uma chance de falar e ser escutada em análise.

O que define um evento traumático para o sujeito é ser tomado por excitações pulsionais diante das quais se encontra sem recursos simbólicos, desamparado, para dizer do gozo opaco. O Outro da linguagem mostra seu furo, falta um significante no conjunto de significantes que responde,  $S(A)$ .

Sandra Berta, em uma aula de seu seminário de 2020, do Fórum do Campo Lacaniano São Paulo “Um estudo sobre a invenção de Lacan: o objeto *a*” localiza de forma precisa o que é o trauma, dizendo: “O trauma não é o evento. O trauma é o furo no saber. Um momento traumático que inclui um Outro. É a resposta de gozo que o sujeito deu e para qual vai ter que construir um saber.” (BERTA, S. Aula de 05/10/2020, inédito).

Mesmo que na sequência encontremos recursos imaginários e simbólicos para dar um contorno, algo restará inassimilável. Fica uma marca que delimita subjetivamente um antes e um depois. E cada sujeito responderá singularmente pela via da fantasia e pela via do sintoma.

Muito fios associativos na sua fala vieram a se juntar à essa cena. Recorto alguns.

Na adolescência, no a posteriori, a cena veio a se enlaçar com a história de sua mãe e de sua avó.

O trauma tem essa lógica temporal, articulação entre o que foi inscrito e o que se constrói em análise. O que se constrói como fantasia, é, de acordo com Lacan, “o suporte e o índice de certa posição do sujeito no desejo” (LACAN, 1958-59/2016, p. 453).

Não há realidade que não seja formatada pela fantasia. A realidade psíquica no esquema R é a fantasia, com as identificações e as relações de objeto.

A fantasia pode trazer sofrimento mas é um seguro contra o real. Ela permite ao sujeito encontrar sempre o mesmo modo de satisfação, de

gozo. O sujeito encontra sempre o que ele espera, a realidade é lida por esse mesmo roteiro. Mesmo que a fantasia gere sofrimento, mal estar e angustia, ela serve como condição de gozo, destacadamente, gozo sexual. A leitura neurótica da fantasia tenta fazer existir a proporção sexual que não há.

Extraio do texto de David Bernard, que por sua vez recolhe do texto de Freud (A Interpretação dos Sonhos), a seguinte passagem:

O imaginário do adolescente se verá marcado, tocado por um selo novo. Contudo não nos enganemos, uma temporalidade lógica faz também o tempo da adolescência. O selo novo não fará senão revelar as impressões antigas do sujeito, onde seu desejo já estava inscrito. Ele fará devaneios sobre o seu futuro segundo as vias traçadas pelo seu desejo infantil. (BERNARD, 2009, p. 3).

Retomando os fios das associações, ela conta que sua mãe engravidou adolescente, com um namorado de mesma idade, separando-se pouco tempo depois. Nunca mais o viu. Sua filha era um bebê quando decidiu casar-se com um outro homem. A mãe dizia da mágoa de terem sido **abandonadas** e da expectativa de ouvir um dia, do ex-namorado, o **reconhecimento** do abandono e o **pedido de perdão**. Falta de **reconhecimento** era também o significante que dizia de sua relação com a mãe e fonte de grande sofrimento.

Havia também uma historia de prostituição na família, história que acompanhou com proximidade em sua infância, associando ao significante prostituta uma valoração negativa decorrente das condenações escutadas.

Fez um enlace entre a historia dessas mulheres com a cena traumática na construção de uma significação, construção da fantasia, assim dita por ela: estava condenada a se tornar prostituta? Que homem desejaria casar-se com ela depois daquela cena?

Para escapar ao destino da gravidez e abandono ou prostituição, escolheu casar-se bem jovem, com um homem mais velho e que lhe impôs a escolha entre continuar os estudos ou casar-se. Perguntava se ter abandonado a escolha de estudar a levou a trabalhar tanto a vida toda, dupla jornada, como uma especie de reparação.



Na deplorável situação em que se encontrava, na cama há vários meses, com uma insuportável e inquieta abulia, inclusive com ideação suicida, uma neurose melancolizada por três lutos, esperava o pedido de perdão do marido, pelas incontáveis vezes que a deixou sozinha e com todo o trabalho de cuidar dos filhos e da casa. Identificada com sua mãe, esperava o **reconhecimento** de culpa pelo sofrimento que lhe causou e um **pedido de perdão**.

Colette Soler comenta sobre a interpretação desdobrada pelo sujeito na cena traumática: “Há uma interpretação do feito traumático, do real traumático, e essa interpretação provém do sujeito, de sua fantasia, seja ele psicótico ou neurótico. A psicanálise, então, se puder intervir, pode intervir precisamente no nível das sequelas e nos elementos mobilizados nas sequelas”. (SOLER, 2021, p. 67).

A historicização em torno da cena traumática leva a um vislumbre de respostas às questões que sustentam toda análise: do que o outro me fez sofrer? e o que faço com isso? Ou melhor, o que faço com que fizeram comigo? Qual a parte que me cabe nesse latifúndio? Como diz o poeta João Cabral de Melo Neto, no poema Morte e Vida Severina.

Em decorrência, pode levar o sujeito a se deslocar da posição antes tão amarrada, fixada a um destino. Algo da fantasia restará mas ele fica advertido a tentar responder de outra maneira. Há uma redução do gozo do sintoma e, ao mesmo tempo, há a permanência de um gozo irreduzível, gozo de lalingua, que marcou esse sujeito. Como diz um trecho da canção que tem a letra de Ruy Guerra e música de Chico Buarque Tatuagem “[...] você pega, esfrega, nega mas não lava” ou “[...] a cicatriz risonha e corrosiva marcada a frio ferro e fogo em carne viva”.

Neste caso, associar em torno da cena traumática e construir algo da fantasia sob transferencia levou a uma ampliação do saber e um certo ganho terapêutico, com redução do sintoma, pois levantou-se da cama e se matriculou num curso superior de sua escolha. Já não estava mais achatada, amarrada ao leito pelas correntes da fantasia e podia dar outro curso à sua vida.

## Referências

BERNARD, D. Sonhos e Adolescência. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, V. 61, n.2, 2009.

LACAN, J (1953) Função e campo da fala e da linguagem. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. (1958-59). **O Seminário, Livro 6**: o desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2016.

SOLER, C. **De um trauma ao Outro**. Blucher: São Paulo, 2021.

---

# REGIMENTO DA REVISTA LIVRO ZERO

1. A Revista Livro Zero (RLZ) é uma publicação do Fórum do Campo Lacaniano de São Paulo (FCL-SP). Tem sua orientação e gerenciamento conduzidos por este Fórum, que forma uma Comissão de Publicação (CP) bianual para conduzir os processos da publicação.
2. A Revista Livro Zero é organizada e editada pela Comissão de Publicação, recebendo textos em três categorias diferentes, que podem ou não ser apresentados em seções separadas:
  - a) artigos submetidos espontaneamente por membros do FCL-SP, produzidos a partir de trabalhos apresentados pelos autores em quaisquer das atividades sustentadas por este Fórum no ano anterior, inclusive eventos nacionais e internacionais com participação do FCL-SP; nenhum artigo será reprovado, devendo entretanto se adequar às normas de publicação estabelecidas pela Comissão de Publicação e por este regimento;
  - b) artigos submetidos por não-membros do FCL-SP que tenham sido convidados para quaisquer das atividades oferecidas por este Fórum no ano anterior, produzidos a partir da respectiva atividade; a submissão de tais artigos não deverá ser espontânea, mas a convite da Comissão de Publicação;
  - c) artigos submetidos espontaneamente por participantes de qualquer um dos cartéis inscritos no FCL-SP, produzidos a partir de trabalhos apresentados pelos autores em quaisquer das atividades relacionadas a cartéis promovidas por este Fórum no ano anterior, inclusive eventos nacionais e internacionais com participação do FCL-SP; os artigos passarão por aprovação pela Comissão de Publicação, que poderá rejeitar os textos que não

estejam ao par com a publicação em termos de rigor e relevância analíticos e adequação às normas de publicação estabelecidas.

Em todos os casos, a Comissão de Publicação poderá trabalhar com os autores a fim de adequar os textos à publicação, sugerindo alterações que beneficiem a clareza e compreensão, ou oferecendo a tradução dos textos quando aplicável. Para alcançar esse fim, a Comissão de Publicação poderá solicitar apoio de profissionais ou colegas membros do Fórum sempre que julgar necessário.

3. A Comissão de Publicação é formada pelas seguintes Funções do FCL-SP:
    - a. Secretário(a) (coordenador(a) da CP);
    - b. Diretor(a);
    - c. Tesoureiro(a);
    - d. Diretor(a) da Gestão anterior;
    - e. Secretário(a) da Gestão anterior.Desta feita, a composição e o mandato da CP são derivados diretamente das eleições para as Funções do FCL-SP, que faz girar as posições bienalmente.
  4. A RLZ tem periodicidade anual, tendo seu lançamento programado para o segundo semestre de cada ano, em data a ser escolhida pela CP e pela Comissão de Gestão do FCL-SP.
  5. Os prazos de recebimento dos artigos serão definidos a cada número pela CP e amplamente divulgados pela mesma Comissão.
  6. Normas de publicação:
    - Artigos com até 25.000 caracteres (sem espaço), Times New Roman, tamanho 12, espaçamento 1,5.
    - Normas de citações e referências segundo ABNT
    - Resumos: os artigos da seção “O Fórum faz Escola” não apresentam resumos. A CP deverá definir, a cada número, quais subseções do “Fórum em Campo” requisitam resumos.
-

7. A publicação da RLZ é feita de forma impressa e digital concomitantemente.
8. O número de exemplares impressos de cada número será sugerido pela CP e dependerá de aprovação da CG.





